

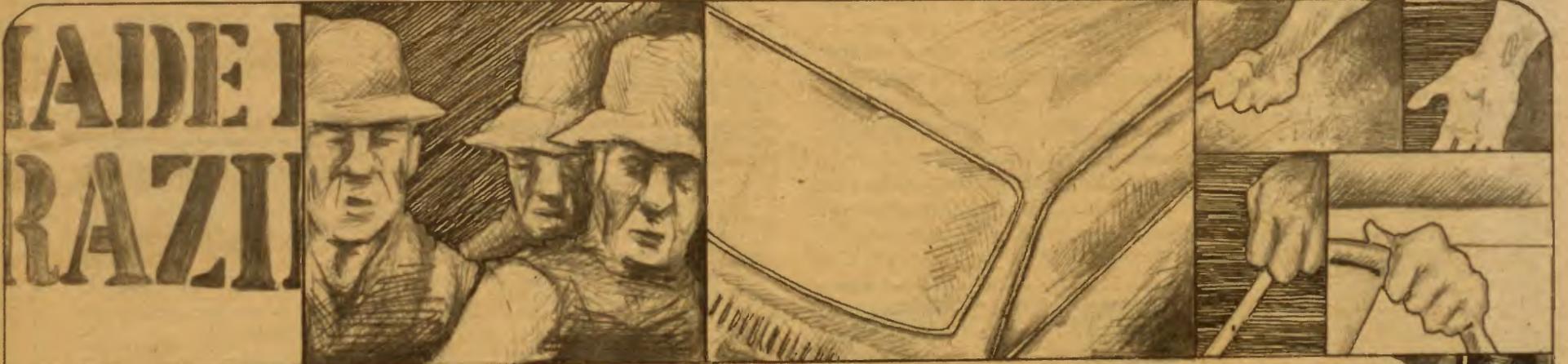
# UM PASSARINHO NAS NUUVENS

# CRÍTICA

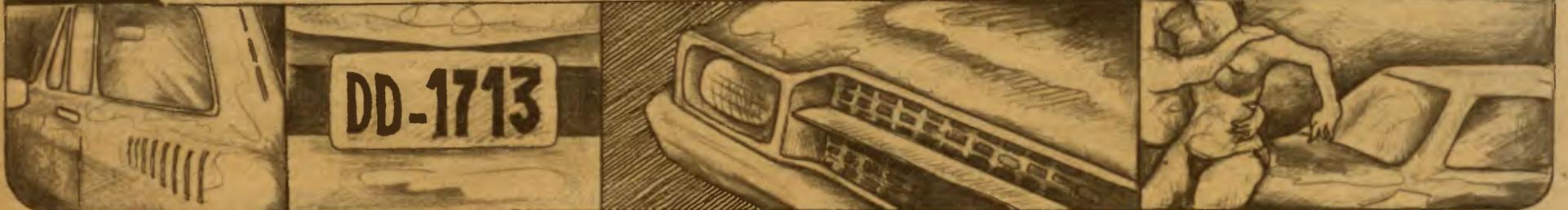
Ano 1 / Nº 36

14 / 20 de abril de 1975

Cr\$ 4,00



## CARRO MATA MUITO E DURA POUCO



WAGNER

**QUEM  
VAI PAGAR  
O PATO  
PELO GATO?**

**RICOS  
X  
POBRES**

**A  
CATILINARIA  
DO  
PETRONIO**



Seria falta minha não ler Crítica que, pelos assuntos de que trata, coloca-se como importante órgão de informação e de orientação da opinião pública, versando, constantemente, temas polêmicos.

"Crítica tem um compromisso com o seu próprio nome" valho-me desse compromisso para opor reparos ao artigo do Sr. José Octávio, publicado no número 26, ano I, no que se refere ao projeto da Petrobrás.

Creio que o articulista julgou que os princípios que orientaram a mensagem nº 469, de 6 de dezembro de 1951, criando a Petrobrás, tinham informado o texto dos artigos do projeto 1.516, que a acompanhou, mas tal não aconteceu. A mensagem proclamou os princípios nacionalistas, tanto quanto o projeto os contraria, derogando a legislação criada por Vargas desde 1938, que excluía a participação de empresas estrangeiras das atividades petrolíferas, exceto no que se referia à distribuição.

Logo depois de a mensagem presidencial ter chegado à Câmara, assim que a examinei, bem como aos dois projetos que a acompanhavam, segui para Petrópolis onde se encontrava o Presidente e disse-lhe, francamente, das minhas graves apreensões. Mostrou-se surpreso por eu não ter tido conhecimento prévio do projeto, como havia determinado à sua assessoria, em virtude do que, poucos dias depois fui procurado pelo economista Rômulo de Almeida, chefe da assessoria presidencial que desejava prestar-me esclarecimentos. Combina dia e hora e o Sr. Rômulo compareceu ao meu escritório acompanhado dos Srs. J. Soares Pereira e João Neiva de Figueiredo, integrantes da assessoria. Estive com presentes a essa reunião os generais Horta Barbosa e Leitão de Carvalho. Expostas as razões do projeto pelo Sr. Rômulo e seus assessores, apresentei-lhes as minhas objeções no que fui plenamente apoiado pelos generais presentes. Ficou claro que as nossas posições eram irreconciliáveis. Terminou, assim, o nosso encontro.

Não vou repetir, aqui, a longa exposição que fiz ao presidente, quando lhe comuniquei a minha decisão de apresentar substitutivo que reajustasse o projeto 1.516 aos termos da mensagem 469. Realçarei somente um dos aspectos.

Li e relembrei ao presidente o seguinte trecho da mensagem:

**"O governo e o povo brasileiro desejam a cooperação da iniciativa estrangeira no desenvolvimento econômico do país, mas preferem reservar à iniciativa nacional o campo do petróleo, sabido que a tendência monopolística internacional dessa indústria é de molde a criar focos de atritos entre povos e entre governos."**

Em seguida, comparei tal afirmação de princípios com o art. 13 e item IV do projeto 1.516, que acompanhou a mensagem:

**"Artigo 13 - poderão ser acionistas da sociedade, com direito a voto:**

**IV - As demais pessoas jurídicas de direito privado, brasileiros, até o limite de 20.000 (vinte mil) ações ordinárias."**

Nem se discutem aqui os efeitos de tal participação, recusada pela mensagem, mas a simples participação das "demais pessoas jurídicas de direito privado", brasileiras, brecha que permitia a participação de todas as empresas organizadas no Brasil, conseqüentemente as empresas estrangeiras, semelhantemente ao que havia acontecido com o estatuto do petróleo, participação repelida por todos os nacionalistas e, coerentemente, pelo presidente Getúlio Vargas em várias oportunidades, inclusive na sua campanha presidencial.

Em face do que dispunha o art. 13 item IV, qualquer empresa estrangeira poderia participar da Petrobrás, com direito a voto e eleição de pessoa ou pessoas de sua confiança para compor a direção desta empresa.

## A criação da Petrobrás

O ex-deputado federal Euzébio Rocha, em carta a Crítica, dá a sua versão para alguns episódios em torno do debate nacional que deu lugar a criação da Petrobrás. Ele trata especialmente aqui da tramitação da matéria pelo Congresso Nacional, além de um outro polêmico, o Plano Salte, ambos objetos de artigo assinado por José Otávio e publicado em nosso número 26, de 27/1 e 2/2 de 1975.



Minha posição estava definida: ficava com a mensagem e contra o projeto.

Quando o presidente estimulou-me a apresentar o projeto, porque, "quanto mais nacionalista, tanto mais correspondia aos seus desejos", senti emocionante e comovente alegria. O seu sorriso abria-se como a de um autêntico líder que compreende a decisão de um seu liderado.

Eu que, particularmente, durante a Constituinte, quando tão poucos o defendiam, havia conseguido publicar no Diário do Congresso o seu retrato, senti-me profundamente realizado.

Desta posição do dr. Getúlio, favorável ao meu substitutivo, dei notícia à nação, em discurso proferido em 25/1/52, quando apresentei o projeto que tomou o número 1.595, reajustando o que acompanhou a mensagem aos termos da própria mensagem. (1)

O projeto por nós apresentado contou com o apoio de deputados de todos os partidos: Arthur Bernardes (PR), Danton Coelho (PTB), Lúcio Bittencourt (PTB), Lopo Coelho (PSD), Campos Vergal (PSP) e outros.

Em 7 de março de 1952, pouco mais de um mês depois de apresentado, o nosso projeto era unanimemente aprovado na Comissão de Segurança da Câmara dos Deputados, então presidida por Arthur Bernardes. (2)

A minha iniciativa foi apoiada pelo presidente e contou com a adesão de Danton Coelho, que na expressão de Getúlio Vargas "era o amigo certo das horas incertas". Como acusar-me de ter obstáculo a ação presidencial? Impõe-se, assim, o primeiro reparo.

A aprovação do nosso projeto, em 7 de março de 1952, definia uma forte e poderosa corrente nacionalista que repelia qualquer participação do capital estrangeiro nas atividades petrolíferas. Em 6 de junho de 1952, essa posição era reforçada pela emenda Bilac Pinto, apresentada pela UDN.

Finalmente, prevaleceu um substitutivo geral que atendeu o ponto de vista defendido pelas correntes nacionalistas, tendo o projeto sido aprovado, praticamente, por unanimidade.

Também não é exato que tenha prevalecido o projeto oriundo do Senado. Foi criada a seguinte comissão para dar parecer nas emendas do Senado: Daniel Menezes Pimentel, presidente; Lúcio Bittencourt, relator; Daniel Faraço, Maurício Joppert, Rodrigues Seabra, Lima Figueiredo, Jayme Teixeira, Bilac Pinto, Luis Garcia, Lafayette Coutinho, Euzébio Rocha, Oswaldo Fonseca, Moura Resende, Herbert Vasconcelos e Coelho de Souza. A composição da comissão não deixava a menor dúvida quanto à orientação a ser seguida.

Esclareço o segundo reparo, que faço com o parecer do relator do projeto, Lúcio Bittencourt:

**"A Câmara dos Deputados, numa esplêndida demonstração de civismo, repudiou a proposta governamental para adotar a solução nacionalista, limitando a brasileiros a participação na sociedade. Volta o projeto, agora, a esta Câmara, com 32 emendas que, conquanto, em alguns pontos, aprimorem a proposição, em sua essência DESFIGURAM-NA POR COMPLETO, FAZENDO-A VOLTAR, praticamente à forma primitiva, PARA PERMITIR A ADMISSÃO DE SÓCIOS OU ACIONISTAS ESTRANGEIROS. As emendas de nºs. 6, 12 e 13 alteram substancialmente a solução dada pela Câmara dos Deputados, retirando ao projeto o seu caráter nacionalista. Além dessas emendas, a de número 32, que tem por fim anular todos os controles opostos à ação das empresas estrangeiras e permitindo-lhes participar nos produtos da exploração. É uma emenda insincera."**

Não tem sido examinada com o destaque que merece a participação de Mario Bittencourt Sampaio na questão do petróleo e no Plano Salte, daí o meu terceiro reparo. Não cabem aqui a análise e a defesa do Plano Salte, o primeiro planejamento democrático da economia nacional, mas desejo avivar a lembrança de quantos esqueceram que foi exatamente no Plano Salte que o presidente Dutra, graças às honestas, sábias e relevantes informações prestadas a ele pelo seu incontestável amigo, Mario Bittencourt Sampaio, que pela primeira vez no Brasil o Estado mobilizava recursos para construir uma grande refinaria de 45.000 barris diários, refinaria essa que merecidamente tem o nome do presidente Arthur Bernardes. Relewa ainda notar que foi com esta decisão que o presidente Dutra reafirmou a sua tradicional posição nacionalista, quase comprometida com a remessa do Estatuto do Petróleo, relegado ao esquecimento, depois de combatido numa veemente campanha popular, exatamente depois do fortalecimento da posição estatal consagrada no Plano Salte.

O presidente Dutra, durante os nove anos em que foi ministro da Guerra, sempre se manifestou favorável ao monopólio estatal do petróleo. Quanto ao Plano Salte, ainda agora, a revista oficial "Planejamento e Desenvolvimento", em seu número de dezembro último, pag. 36, reconhece os méritos daquele plano, no campo da energia.

Estes me parecem os principais reparos a fazer ao artigo de José Octávio para que os leitores de Crítica sejam ainda melhor informados.

EUZÉBIO ROCHA

(1) Documentos Parlamentares - CV - Petróleo - Petrobrás II - Vol. VI Pg. 5

(2) Documentos Parlamentares - CV - Petróleo - Petrobrás II - Vol. VI pg. 535.

## CRÍTICA

Av. Rio Branco, 156, 12º And.

Sala 1222 / Tel. 242-7395

DIRETOR

GERARDO MÉLO MOURÃO

CHEFE DE REDAÇÃO

I. L. de Alencar

COLABORADORES:

Antônio Carlos Villaça, Efraim Tomas Bo, Hélio Pelegriño, Humberto Alencar, Ismael Cardim, Jaguar, Joel Silveira, Jorge França, João Antônio, Luís Carlos Cabral, Lillian Newlands, Maria Luíza Pena, Marcondes Sampaio, Medeiros Lima, João Carlos Rodrigues, Alberto Silva, Virgílio Moretzsohn Moreira

Antonio Oseas, Newton Carlos Pedro Ayres, Procópio Mineiro, Reynaldo Bairão, Ruy Sampaio, Sebastião Nery, Sérgio Cabral, Sérgio Macedo, Sylvania de Alencar, Antonio Luiz, Redi, Wagner, Washington Novais, Dario Macedo (Ceará), Jorge Fischer (Porto Alegre), Helington Rangel (Bahia)

PAGINAÇÃO

Maria José G. da Silva

CAPA

Wagner

ADMINISTRAÇÃO

Gerente Administrativo,

T. C. Santos

PUBLICIDADE

Av. Rio Branco, 156 - 12º and.  
sala 1222, tel. 442-7395

ASSINATURAS

- Brasil: um ano	Cr\$ 160,00
6 meses	Cr\$ 90,00
- Exterior: um ano	US\$ 50,00
6 meses	US\$ 30,00

● Artigos assinados são da responsabilidade de seus autores

● A redação não se responsabiliza por manuscritos que lhe sejam enviados.

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:

Arca Editora e Gráfica S.A.  
Rua Equador, 702, Rio (GB)  
Telefone: 223-1715

DISTRIBUIÇÃO:

Superbanca Distribuidora de Jornais, Revistas, Livros e Material de Propaganda Ltda.  
Rua do Rezende, 18 - Rio - GB.  
Tel. 222-2316 e 222-8597

## CRÍTICA

É propriedade da Editora Crítica Ltda.  
Av. Rio Branco, 156, 12º andar,  
sala 1222, telefone 242-7395.

PEÇA UMA

ASSINATURA

DE

## CRÍTICA

PELO TELEFONE

242-7395

# Catilinária de Piripiri

O SR. PETRÔNIO PORTELA, eleito senador da República pelo interior do Piauí, cujo bravo eleitorado era digno de melhor sorte, saiu de seus azeites para protestar contra o **adjetivo** "senzala", com que o senador Paulo Brossard definiu o "imbroglio" jurídico das instituições, ou da falta delas, neste país do AI-5. Antes de mais, é preciso lembrar ao senador pelo interior do Piauí que "senzala" é substantivo, e não adjetivo. Pelo menos até ontem ainda não havia qualquer decreto-lei que alterasse a categoria gramatical da palavra. De resto, a gramática, como a ordem jurídica, não parece ser o forte do doutor Portela.

SERIA impiedoso cobrar ao sr. Portela fidelidade ao léxico, pois sua quota de fidelidade já está lotada: ele tem sido um homem permanentemente fiel, senão as idéias, pelo menos as pessoas. Foi fiel ao Brigadeiro, fiel a Juscelino, fiel a Jango, fiel a Castelo Branco, fiel a Costa e Silva, fiel a Médici, e fiel até ao doutor Ranieri Mazilli em suas efêmeras passagens pela Presidência da República. Afinal de contas, o cérebro do presidente da Arena não é tão grande para nele caberem outras fidelidades, como a gramática e a ordem jurídica.

ATO de pensar é penoso e exaustivo para certas pessoas. É compreensível, assim, que, depois da penosa elocubração mental em que encontrou a fórmula algébrica de salvação dos arenistas, mudando-lhes o nome para aliancistas, o doutor Portela tenha entrado em **stress**, em **surmenage**, em fadiga cerebral, exaurido por tão ingente esforço da massa cinzenta. O esforço intelectual, para certas pessoas, esgota mais do que um teste de Cooper.

PARECEM, pois, sobejas as razões para que a inteligência do país seja indulgente com o doutor Portela. Além disso, no Saara de idéias de seu **entourage** político, como um beduíno morto de sede, não encontra quem lhe estenda um copo d'água para a áspera travessia do debate parlamentar. É obrigado a socorrer-se das gotas d'água poluída da indigência oratória do Virgílio Távora ou das colherinhas de chá de água de Melissa do sr. Jarbas Passarinho. Não se pode, pois, pedir muito ao doutor Portela. O mais que se poderá pedir-lhe é que devolva a um Daniel Krieger, a um Magalhães Pinto, ou a um Gustavo Capanema, a direção do grande partido majoritário que está murchando e se tornado inviável em sua mão pequenina.

NA VERDADE, o que falta em categoria parlamentar ao torturado senador pelo interior do Piauí, sobra-lhe em coragem. Pois tem a coragem de apontar seu colega do Rio Grande do Sul, uma das maiores figuras do Senado em todos os tempos, como agressor da honra nacional e internacional do Brasil, pelo simples fato de

haver o sr. Paulo Brossard situado como próprias de uma senzala, certas áreas da falsa ordem jurídica do país. A mesma imprecisão há de dirigir o doutor Portela a Rui Barbosa, quando o grande reitor da consciência jurídica brasileira denunciou alguns momentos de nossa realidade jurídica e política como típicos de uma "cubata de hotentotes".

SE FOSSE um escritor, ou pelo menos conhecesse as figuras de linguagem, saberia o doutor Portela que as antinomias indicativas de Rui Barbosa e de Paulo Brossard estão afirmando exatamente, para honra interna e externa deste país, que o Brasil não é uma cubata de hotentotes nem uma senzala, por mais que a isto o queiram reduzir os que não têm apreço pelo estado de direito.

CERTOS setores políticos já se confessam mais ou menos fatigados da insistência com que as lideranças da oposição repisam o tema da restauração da normalidade democrática. Mas se este é o pensamento do sr. José Bonifácio, para quem a democracia é apenas um artigo de consumo da elite, ou para o doutor Portela, que não sabe o que ela é, outro parece ser o entendimento do próprio presidente da República. Pois, ao que tudo indica, o general Ernesto Geisel não recuou e não recuará um milímetro em seu propósito de estabelecer os passos da descompressão política, que se não é ainda um fato concreto, já é, pelo menos, um estado de espírito.

É CERTO que as vozes mais altas da oposição, de Ulisses Guimarães a Marcos Freire, de Laerte Vieira a Paulo Brossard, já disseram tudo que se podia dizer para expressar a vontade da nação de reencontrar-se consigo mesma, com seu destino e sua vocação, cujas raízes se plantam no estado de direito. Mas diante das portas fechadas, é preciso chamar até que elas se abram. E aqui é bom lembrar a lição do velho historiador e gramático João Ribeiro. Pois quando os portelas e os passarinhos estigmatizam como **radicais** os defensores da lei, desconhecem a passagem daquele mestre de nossa história e de nossa cultura, para quem, na tradição política brasileira, de acordo com a própria etimologia, radicais são justamente aqueles que buscam ser fiéis às **raízes** (radices) da realidade nacional.

A SEMÂNTICA reacionária dos políticos sem raiz, que depravou o sentido da palavra **radical**, para confundí-la com táticas de violência, é o único argumento de quem não possui outros, como é o caso do doutor Portela que, em sua catilinária de Piripiri contra a lúcida posição do senador Brossard, perdeu uma ótima oportunidade de ficar calado.

G.M.M.



# UM PLANO CONTRA A DISTORÇÃO ECONÔMICA

Roberto Saturnino Braga (MDB-RJ) fez um pronunciamento que elevou o debate da política econômica, oferecendo alternativas para vencer as distorções que retardam o encontro de melhores caminhos para o efetivo fortalecimento do mercado interno. Por sua vez o senador Amaral Peixoto, também do MDB salientou a necessidade de identificar as necessidades emergenciais para estabelecer os caminhos do futuro.

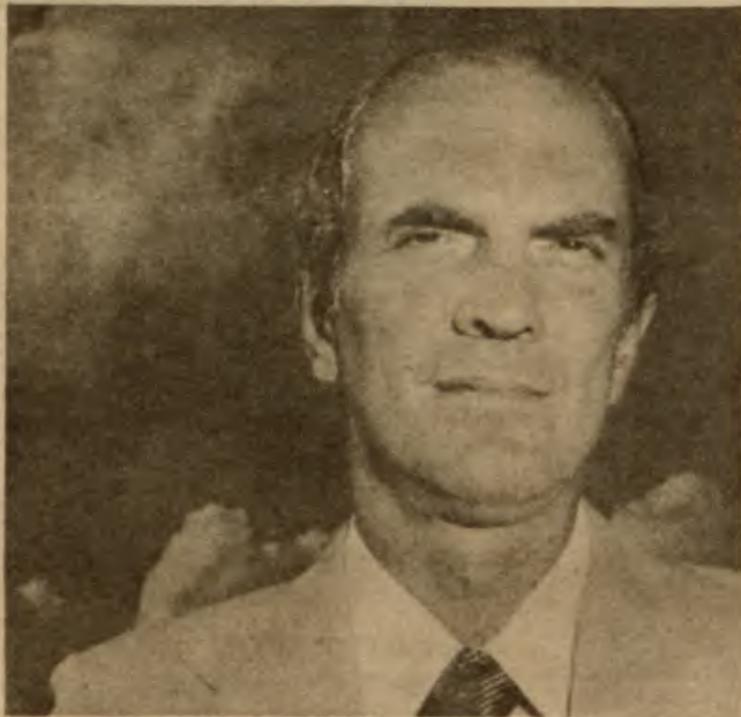
A presença do senador fluminense Saturnino Braga na tribuna parlamentar analisando a política econômica do governo, reafirmou as suas credenciais de técnico aliadas às suas qualidades políticas, justificando a dimensão de sua vitória eleitoral em novembro. Economista voltado para o estudo dos problemas nacionais básicos, em cuja área conquistou uma posição de autoridade indiscutida, o economista do BNDE, hoje no Senado, encontrou no MDB o campo propício para a defesa das suas teses, divergindo como se encontrava da orientação político-financeira, impressa ao comportamento governamental.

O debate que suscitou é prova incontestada da seriedade do problema, das idéias expostas, das críticas formuladas. Momentos houve em que, de braços cruzados na tribuna, aguardava que cessassem os discursos paralelos, o cruzar de aparas, de maneira a expor com equilibrado vigor os pontos de vista que esposa. Levou ele ao Senado, repetindo o exemplo dos seus correligionários na área política, uma contribuição do mais alto nível para o exame e o debate da política econômica, tendo em vista o sentido humanístico que a deve infor-

mar, respaldado nos interesses maiores do desenvolvimento nacional. Os princípios defendidos na campanha de novembro

foram desse modo levados ao Congresso, num resgate de compromissos assumidos.

Não ficou ele, entretanto, so-



Saturnino Braga:  
fortalecimento do mercado interno para melhor distribuição da renda

mente na faixa crítica, opondo-se por opor-se à moda de uma atividade política superada. Mostrou-se um político dos novos tempos, que identifica os problemas e oferece alternativas solucionadoras na perseguição dos objetivos desejados.

Sua oração é um trabalho técnico de importante conteúdo político que enriquece a atividade parlamentar, conduzindo o legislativo ao plano legítimo de foram dos problemas nacionais.

Mostrando que a orientação no sentido do macrocrescimento econômico, sem atentar-se para as urgentes necessidades internas, que vão desde os apelos da empresa nacional até a participação efetiva popular nos resultados do desenvolvimento, traçou um quadro que merece a atenção e o respeito não só dos que têm sobre si parcelas de responsabilidade nos centros de decisão bem assim do país, pois que é um problema que a todos envolve.

Salientando que se há um decênio, se houvesse implantado um modelo, no plano econômico, voltado para as necessidades do mercado interno, das exigências do seu consumo, ao invés de uma concentração de esforço de modo preferencial para a área exportação, se teria evitado a gravidade do quadro atual, que obriga o Brasil a continuar elevando fortemente

as exportações numa conjuntura mundial em recessão, que está levando grande número de empresas, insalváveis para atender ao mercado externo, a sérias dificuldades e até a falências.

Aqui, sem dúvida, o cerne da sua oração, o elemento vital do seu pronunciamento. Daí, desenvolveu as suas teses, com equilíbrio e respeitabilidade.

## Os 10 pontos

Um dos aspectos mais importantes da fala do senador fluminense foi, sem dúvida, a marca técnica que a ela imprimiu, oferecendo a contribuição de alternativas no sentido de corrigir as distorções que entende danosas a atividade econômica do país. Não se atendo somente a crítica da orientação esposada frente à conjuntura em posição opositora superada, nem tampouco ao delinear do quadro emergencial, Saturnino Braga levou ao debate público um plano consubstanciado em dez pontos que, segundo a sua autoridade técnica, deveriam presidir a economia brasileira na emergência em que nos encontramos, frente a um mundo atribulado. Mostrou, assim, que o partido a que pertence se encontra em condições de examinar e debater os problemas básicos, com patriótica isenção, sem levar ao debate os extremos de um radicalismo que não tem mais vez no quadro brasileiro.

Os dez pontos enunciados pelo parlamentar fluminense, são os seguintes:

1. Aceleração dos programas de substituição de importações nos setores básicos — aço, não ferrosos, fertilizantes e equipamentos. Devem partir de iniciativas governamentais, sem esperar por decisões do setor privado.

2. Criação de uma trading-company governamental destinada a aumentar o poder de barganha dos produtores nacionais ante as grandes empresas internacionais manipuladoras do mercado externo, dando ênfase especial aos produtos agropecuários, como soja, milho, carne, sucos de frutas. Essa trading poderia ser a Cobec.

3. Contenção maior do consumo de gasolina, mostrando a necessidade de uma ação governamental mais eficaz. Não ainda um racionamento por quota, mas limitação de velocidade nas estradas, limitações à circulação de automóveis nos centros congestionados, desenvolvimento do transporte coletivo, aceleração das medidas necessárias ao uso do álcool anidro.

4. Fiscalização mais rigorosa sobre os contratos de assistência técnica com remessas para o exterior, fixando a diferença entre o caso de empresas nacionais que realmente precisam dessa assistência e o caso de

## UMA LIDERANÇA SEM SERIEDADE

O deputado José Bonifácio Lafayette de Andrada, líder da Arena na Câmara, é neto do conselheiro Lafayette. Conhecido como o homem de Barbacena, cidade onde costuma ser derrotado por Bias Fortes, já se disse de José Bonifácio que ele é muito Zezinho e pouco Andrada. De qualquer forma, ele é mais Lafayette do que Andrada.

O general Flores da Cunha costumava contar uma história do conselheiro Lafayette. Sena-

dor do império, o velho político recebia diariamente, em sua bancada, a correspondência dos eleitores que, naquele tempo, era entregue a cada parlamentar numa bandeja de prata, por um contínuo de libré. Atento ao eleitorado, a primeira coisa que o conselheiro fazia, ao chegar ao Senado, era abrir a correspondência e responder carta por carta, telegrama por telegrama. Um Lafayette foi feito membro vitalício do Senado pelo imperador, que tinha o direito de escolher, em lista

tríplice, um representante da coroa. Ao tomar posse da cadeira, na primeira tarde em que chegou ao Senado, o contínuo lhe trouxe, como sempre, a correspondência. Lafayette nem sequer a abriu. Rasgou silenciosamente carta por carta, telegrama por telegrama, baixou a cabeça sorrindo e disse ao vizinho de bancada: "Meu, único problema agora é prolongar a vida". O general Flores da Cunha encerrava a história com esta observação:

— Foi a maior demonstração de cinismo que já vi em minha vida.

O líder da Arena é neto do homem que, não precisando mais do voto do povo, só queria prolongar a vida. Do alto de seus setenta e tantos anos, José Bonifácio não tem mais muita vida a prolongar. Podia ao menos tratar de encerra-la com grandeza. Quem quer encerrar a vida com grandeza, não se comporta com cinismo e com desrespeito diante da vida, do

destino e da liberdade de pessoas perseguidas e desaparecidas, mesmo quando não precisa de seus votos.

Um líder não pode confundir o exercício da dignidade política com o varejo eleitoral da paróquia de Barbacena. Salvo quando a própria vocação o deserdou da fidelidade dos Andradas, para deixar-lhe apenas o melancólico legado do Lafayette. Ou a pouca seriedade do Zezinho.

grandes empresas estrangeiras que usam subterfúgios para contornar a lei de remessas.

5. Seletividade maior no uso dos recursos obtidos através de empréstimos em moeda do exterior. Uma fórmula seria a participação maior do BNDE, do Banco do Brasil, da Caixa Econômica e dos bancos estaduais de desenvolvimento, no montante global dessas operações.

6. Limitação da correção monetária nos financiamentos concedidos pelos bancos oficiais para projetos prioritários.

7. Reforma profunda do sistema tributário do Imposto de Renda em relação aos ganhos de capital, com isenção para bens de consumo básico.

8. Manutenção da política de reajustamento honesto dos salários com acréscimos por conta dos ganhos de produtividade.

9. Subsídio para alguns itens principais do consumo básico da população mais pobre, sugerindo além do açúcar e do leite, também o feijão e o arroz.

10. Recolhimento das contribuições da previdência com base no faturamento e não na folha de pagamento.

### Objetivos

Procurou o senador do MDB oferecer alternativas válidas a dois pontos econômicos essenciais, cujo estrangulamento afeta a vida nacional: o fortalecimento do mercado interno, permitindo melhores condições à operatividade das empresas nacionais e, de outro lado, assegurar mais racional e efetiva distribuição de renda, de modo a fortalecer a capacidade aquisitiva popular.

Mesmos os mais enrijecidos na alegria ao crescimento da oposição, não se devem ousar a encontrar no pronunciamento do congressista do MDB nem uma invocação de contestação revanchista ou de posição radical. Encontrarão, isso sim, um documento técnico da mais alta valia com um significativo e importante sentido político.

O MDB desempenha-se, assim, dos encargos que as urnas de novembro lhe delegaram, mostrando-se à altura do grande debate e do exame das soluções mais convenientes aos interesses nacionais. Coloca-se, então, com pronunciamentos desse tipo, no espaço político que lhe foi destinado, repondo aos apelos da participação popular.

Também esse é o sentido das declarações do senador Amaral Peixoto, quando enfatizou: "Se ficarmos no resto da vida pensando no dia 31 de março de 1964, não encontraremos solução. A revolução produziu seus efeitos, e alguns desses efeitos irão perdurar. Mas não podemos dividir o Brasil, ou querer continuar essa divisão. Por que razão vamos cultivar o passado e os fatos do passado? Temos de ver o que está acontecendo agora, neste ano de 75, e prever o que vai acontecer nos próximos dez ou vinte anos. Isso é o que interessa à nação."

Vê-se, em consequência, a uniformidade de comportamento das mais altas lideranças oposicionistas, certas de que assim procedendo não só estão correspondendo à confiança popular como prestando inestimável serviço à consolidação do regime.

O MDB mostra, então, ao país, maturidade, equilíbrio, bom senso, não aceitando provocações irresponsáveis nem radicalismos sempre prejudiciais, uns e outros, aos objetivos da normalidade institucional.

HUMBERTO ALENCAR

ESVOAÇANTE senador Jarbas Passarinho gosta das citações. Também gosto. Começou seu discurso no Senado, semana passada, com o francês Jacques Dehaussy, reitor da Faculdade de Direito e Ciências Econômicas de Dijon. Comecei estas notas, sobre seu pronunciamento, com o inglês Sheridan (Richard Brinsley Butler Sheridan), autor dramático celebrizado pela obra-prima "The School for Scandal" ("A Escola da Maledicência", depois eleito para o parlamento (1780), tendo participado de vários ministérios liberais até 1812.

Segundo a Larousse, "foi um dos maiores oradores da história parlamentar inglesa". Um dia, resumiu assim o discurso de um adversário:

**"O jovem membro do parlamento disse muitas coisas verdadeiras e muitas coisas novas. Mas as verdadeiras não são novas e as novas não são verdadeiras".**

É a síntese perfeita do que o Senado ouviu do diletante vice-líder da Arena. As verdades que disse, todo mundo já sabia. As novidades que quis dizer, todo mundo viu que não eram verdades. Pergunto eu: tem direito um senador reeleito da República, duas vezes ministro de Estado, uma das vezes ministro da Educação e Cultura, de se comportar tão contraditoriamente, tão escorregadiamente? Vamos a alguns pontos de seu discurso, os principais.

1 - Segundo o «Jornal do Brasil», "o senador Jarbas Passarinho definiu, com um conceito marxista, a revolução brasileira, citando o presidente Mao Tsé-tung: "A revolução não é um coquetel, ou o preparo de um ensaio, ou a pintura de um quadro. Ela não pode ser tão refinada, tão branda, tão temperada, cortês e magnânima. A revolução é um ato de violência pelo qual o vencedor esmaga o vencido".

Se assim é, se o senador concorda com Mao Tse Tung, se "a revolução é um ato de violência pelo qual o vencedor esmaga o vencido," que autoridade lhe sobrar para denunciar, logo depois, como denunciou, o terrorismo, "essa guerra cruel de 66 para cá, a arma assassina manejada graças ao ódio frio que é o triste apanágio da ideologia da força"? A violência é uma só, use-a quem a use. Que diferença faz a violência de Mao Tsé-tung, a de Jarbas Passarinho ou a dos terroristas? Para mim são elas absolutamente a mesma violência, o mesmo equívoco, o mesmo erro, o mesmo absurdo histórico. O mesmo pecado, lembraria ao cristão Jarbas. Como justificá-la, quando ela é a favor de nós, de nossas posições, de nossas lutas, de nossa revolução, e condená-la apenas quando usada por nossos adversários, nossos inimigos?

A lama da beira do rio é sempre lama, esteja na margem em que estiver. A violência é o vômito do ódio, não importa a boca.

2 - Na mesma esteira de contradições, o senador Passarinho condenou o presidente Castelo Branco porque "cometeu, por amor aos princípios liberais em que vivera, o erro grave de autolimitar-se em seus poderes revolucionários; prematuramente, num impulso misto de legalismo e de puritanismo, cerceou o arbitrio de que a revolução necessitava, como de resto todas as revoluções que merecem tal nome".

Duas laudas depois de dizer isso, o senador Passarinho afirmava: "Hitler prometeu um milênio de felicidade, segundo sua conceituação (da violência). Marx definiu a violência como a parteira da história. Ai estão dois exemplos dos mais importantes para compreender-se o regime policial totalitário, submetendo a pessoa humana ao arbitrio, sob promessa de uma felicidade futura."

É incrível a turbulência mental do vice-líder da Arena. Castelo Branco "cometeu grave erro porque se autolimitou e cer-

# UM PASSARINHO NAS NUUVENS

SEBASTIÃO NERY



Jarbas Passarinho: de como falar muito e não dizer nada

ceou o arbitrio", mas os regimes policial-totalitários são execráveis porque "submetem a pessoa humana ao seu arbitrio, sob promessa de uma felicidade futura".

Quer dizer, o arbitrio é um tipo muito especial de feijão, à venda na feira da crueldade humana, para ser comprado por Hitler, por Marx, por Jarbas Passarinho, por aqueles que fazem "revolução que dele necessitam, como de resto todas as revoluções que merecem tal nome."

Castelo Branco, porque "cerceou o arbitrio, cometeu erro grave".

Logo, segundo Passarinho, Castelo não foi um revolucionário, ao menos não foi um revolucionário que mereça tal nome, já que cerceou o arbitrio da revolução. E todas as revoluções que merecem tal nome necessitam do arbitrio.

Confesso a vocês, meus caros leitores, que a partir desse discurso passei a ter medo do senador Passarinho. Jamais me arriscaria a entrar no seu viveiro. Defendendo, fingindo que não defende, a violência; condenando, embora dissimulando a condenação, os que são contra o arbitrio; descobrindo-se inteiramente no fim do discurso ao dizer que "a violência, nas ações de guerra, que a tanto equivale o estágio atual da guerra revolucionária, é inevitável"; o senador Passarinho revela-se ave de bico longo e recurvadas unhas. Carcará com penas de rola-de-são-José.

- E a audácia das afirmações gratuitas? "A revolução de março de 64 foi feita sem um tiro, sem uma baixa". Não custava nada o senador mandar um assessor à biblioteca do Senado e pegar os jornais de abril de 1964. É certo que, àquela época, o

vice-líder da Arena estava muito preocupado com o poder no Pará e talvez não tivesse tido tempo de ver as notícias. Mas tem ele direito de dizer inverdades da tribuna do Senado? Então nunca ouviu falar das mortes na Cinelândia, em frente ao Clube Militar? Ou do que houve em Porto Alegre? Ou dos camponeses assassinados por usineiros no Nordeste?

Como sem um tiro, sem uma baixa? Então "o sangue anônimo", de Alfred de Vigny, que ele cita, não vale, não conta? É certo que não houve tiro de canhão. Mas se vamos a essa rigidez de linguagem, também não estaríamos tomando conhecimento do discurso de um ilustre Passarinho encarapitado na tribuna do Senado.

- Vamos encerrar estas notas, à margem da feira de espantos e contradições que foi o pronunciamento do vice-líder da Arena, repetindo uma de suas citações:

"Os professores universitários foram chamados por um polemista francês de os príncipes das nuvens, altezas que, cavalgando-as, ignorassem a realidade".

Não devo cometer a injúria de imaginar que todas essas (e muitas outras mais) contradições do discurso do senador do Pará sejam fruto deliberado da má fé, da má vontade com a verdade nacional. Estou convencido de que se trata de um revolucionário fenômeno de arbitrio linguístico, de violência etimológica. Por força incoercível do próprio nome, o ilustre vice-líder da Arena é um príncipe, uma alteza que, cavalgando os céus, ignora inteiramente a realidade.

Um passarinho nas nuvens.

**TOUR CENTER**  
TOUR-CENTER, TURISMO E HOTÉIS LTDA.

## VIAJA PELA ALDEIA GLOBAL

- JULHO 75 NO MUNDO DAS MARAVILHAS (13 dias)  
— Miami, Disney World, Cabo Kennedy, Cypress Gardens e mil outras atrações da Flórida. — Extensão a Washington e Nova York.
- JULHO 75 CURSOS DE INGLÊS NA INGLATERRA  
— Hospedagem em casas de família inglesa na cidade de Bournemouth, centro de escolas especializadas no ensino de inglês para estrangeiros — 3 semanas de curso e 1 semana visitando Paris e Madri.
- AGOSTO CHINA 75  
— Visitando México, Los Angeles, São Francisco, Honolulu, Japão, Hong Kong, Pequim, Cantão, Shangi, Nankim e Hangshow.
- JUNHO — JULHO — SETEMBRO JAPÃO  
— Visitando Los Angeles, São Francisco, Honolulu e Hong Kong.
- JUNHO EUROPA, RÚSSIA E ESCANDINÁVIA  
— Com opção de um cruzeiro pelo rio Reno (45 dias). Serviço de 1º classe.

Av. Rio Branco, 156 - gr. 3216 - Edifício Avenida Central  
Fones: 221-4171 - 221-1948 - 221-4304  
Rio de Janeiro - GB - Brasil  
Embratur 231/GB. Cat. A

### UM LIVRO QUE É UM COMPROMISSO

«Josué de Castro e a Descoberta da Fome», escrito por Alain Tobelem

Os homens têm medo da fome e escolhem o caminho mais cômodo: não falam dela. Josué de Castro em sua «Geopolítica da Fome» levantou o polêmico assunto. O livro lançado por Alain Tobelem é um compromisso com o brasileiro que o mundo reconheceu.

Compre seu exemplar na redação de Crítica - Av. Rio Branco, 156 - Grupo 1222 - Rio de Janeiro - GB - Preço Cr\$ 20,00.

### O QUE O ÍNDIO DO AMAZONAS COME E BEBE e tóxicos

no livro monumental de Nunes Pereira

### PANORAMA DA ALIMENTAÇÃO INDÍGENA

Livro fascinante e de permanente interesse. Com fotografias e desenhos. Enviamos pelo Reembolso Postal para todo o Brasil.

Edição e Vendas  
**LIVRARIA SÃO JOSÉ**  
Rua São José, 78 - Rio - GB

Apenas  
**60,00**



# O SILÊNCIO NÃO É UMA ARMA

O deputado federal do MDB, Álvaro Dias, que teve a maior votação para deputado federal da história do Rio Grande do Sul - 170 mil - analisa a situação política do país e define a sua posição e a do MDB, em entrevista exclusiva para a Crítica.

**C - Como o deputado Álvaro Dias vê a presente situação do país?**

AD - No momento político-histórico vivido presentemente, cabe-nos tarefa relevante na busca insistente da legalidade democrática. A manifestação da vontade popular nas últimas eleições configura o inquebrantável desejo de que caminhos novos sejam buscados, para satisfação plena dos anseios e aspirações da Pátria Brasileira.

Neste momento de novos rumos, em que muitos tateiam entre o pessimismo e a esperança, comemorou-se mais um aniversário do "fato histórico", denominado por alguns de "golpe", "por outros Contra Golpe" e oficialmente conceituado de "REVOLUÇÃO". Sem ufanismo ou pessimismo comprometedor, perguntamos: Teria ela se completado? Teria ela atingido os objetivos propostos?

**C - Em que aspectos o deputado se coloca como Oposição?**

AD - Necessárias são as revoluções, e muitas vezes quando atingem os seus propósitos sadios; altamente benéficas. São inovadoras, provocam transformações, rompem estruturas caducas e ultrapassadas. No entanto, aqui se fez uma revolução em defesa da constituição que diziam intocável. E ela foi violentada, impiedosamente desrespeitada. Rasgaram-na e outra foi gerada, subordinada a um inconveniente e estranho ato, que é arbitrio, ilegalidade, prepotência.

Em nome dele quanta injustiça e ultraje, fulminando compatriotas num desrespeito flagrante ao povo que a eles delegara poderes através do voto. Em todos e em tudo imaginam uma conspiração odiosa e permanente, e tendo como poderosa arma a ilegalidade, sepultam esperanças e promessas, desperdiçam e liquidam extraordinárias potencialidades, como se senhores poderosos fossem, proprietários do destino de seus servos.

Defesa não admitem, razões não apresentam e mais uma vez desrespeitam, negando à pátria o direito às explicações e justificativas. Sustentam utilizá-lo contra os inimigos da Pátria e injustamente castigam

muitos dos seus verdadeiros artífices, célebres vítimas dessa arma maléfica. Não seria o momento de uma revisão para minorar injustiças?

**C - Mas, e a notória defesa pelas liberdades e pela democracia?**

AD - Foi uma revolução em nome da liberdade. . . e com a do estudante acabam, introduzindo o ameaçador decreto, escravizante, emudecedor, aterrorizador, o malsinado 477. Tão cruel e desumano quanto seu parente, o Ato Intitucional nº 5 porque enquanto este sufoca consciências formadas, aquele procura amordacar mentalidades em formação. Em nome dele, amedrontam, acovardam, desestimulam, põem a explosão de novas lideranças, carentes e necessárias.

Revolução em defesa do Congresso. . . e lacram suas portas, reabrem-na mais tarde mas o poder já está enfraquecido, desvalorizado, definido na sua competência, castrado, reduzido a um imenso de louvações e aplausos, instrumento homólogo, destinado à conveniência, à omissão e a subserviência que denigra e macula a consciência nacional. Dele se retirou prerogativas fundamentais, apoucando sua competência e autoridade. Recuperá-lo agora - é missão nossa.

**C - E o problema dos presos políticos?**

AD - O sistema se nega a prestar informações oficiais, apresentando através da imprensa esclarecimentos incompletos, insuficientes que nem de longe chegam a convencer quem quer que seja. Fogem do diálogo no parlamento, como se desonra fosse para um ministro, aqui comparecer. Permanecem insensíveis diante do pungente drama vivido por irmãos nossos; como este descrito por uma senhora em trecho publicado por Tristão de Athayde em seu artigo no Jornal do Brasil: "do que pude ver, deduz-se que o preso político tem de escolher entre a morte e a desonra. Ou entrega os companheiros, se avilta ou fatalmente morrerá debaixo da tortura."

E eu digo para o senhor: antes quisera o meu marido morto que desonrado. . . Se em definitivo não pode o Governo deste país aceitar o diálogo nem suportar a confrontação política com seus adversários, então que os fuzile, que os mate, inclusive meu marido, mas pelo amor de Deus não os avilte com os recursos hediondos da tortura."

**C - O trabalhador está bem assistido pelo governo?**

AD - Fez-se uma revolução, diziam, em defesa dos trabalhadores. No entanto o sindicalismo foi castrado, e a eles oferecem uma política, salarial irreal, injusta e desonesta; cheia de distorções e de erros, obrigando-os a uma vida de dificuldades terríveis e decepções alarmantes. Alardeando um falso desenvolvimento, sufocam milhares de brasileiros, que vivem como párias de uma sociedade desigual, à mercê do que Deus lhe deu, pois o governo as mãos não estende; não os socorre, não os protege, nada lhe oferece capaz de arrancá-los do triste atolei-

ro de miséria, de fome, dor, sofrimento e desesperança.

**C - O senhor tem uma posição bastante crítica sobre a Universidade. Por que?**

AD - Nossa universidade está de portas fechadas para milhares. Ela é antidemocrática. Foi transformada em empresa, coletoria, frustrando sonhos e esperanças, pois somente jovens provenientes de determinadas camadas de nossa sociedade a ela tem acesso e podem buscar a qualificação profissional desejada.

Isso tudo num flagrante desrespeito ao processo constitucional que reza: (art. 166) a educação é um direito de todos, e a Declaração dos Direitos Humanos que afirma ser ela um dos direitos básicos e inalienáveis do homem.

**C - Que outros problemas o senhor vê como sérios?**

AD - Do nosso crescimento se ufanam, mas do nosso endividamento externo, se esquecem. E abrem as portas indiscriminada e desordenadamente para o capital estrangeiro.

As multinacionais impunemente roubam nossos dólares, desorganizam nossa agricultura, comprometem nossa economia e constroem às nossas custas a prosperidade de suas nacionalidades.

Fez-se uma revolução, diziam, em nome do homem do campo. . . e hoje o abandonam, desprezam, marginalizam. Dele só se lembram nos históricos discursos de posse, encantadores pela retórica que apresentam, mas impregnados de ilusões e promessas falsas. O cidadão brasileiro tem sido marginalizado do processo de crescimento do país. Dele, é o grande artífice, mas dos seus benefícios está afastado.

**C - E sobre a distensão?**

AD - Somos adeptos da distensão, contrários somos à lentidão.

Razões não mais existe para esse processo protelatório, que só serve aos inimigos da democracia, àqueles que agasalhados sob o manto do regime de excessão, satisfazem anseios e vaidades individuais. Essa lentidão só dá margem a que esclerosados defensores do arbitrio e da ilegalidade urdam misteriosamente suas tramas, imaginem fatos inexistentes, procurando obstaculizar a concretização do grande sonho da Nação, patenteado expressivamente nas eleições passadas. Das intenções legítimas do Presidente não duvidamos mas tememos que, a demora comprometa os seus objetivos, arruinando os seus propositos e desmoronando os nossos anseios.

O momento não é de espera, é de providências. "A democracia deve existir não apenas para ser cantada, mas para ser vivida efetivamente. Já ouviu demais o povo brasileiro os encantadores canticos louvadores dos propositos democraticos de dirigentes e representantes seus, e presenteado agora quer ser, com a pontualidade ansiosamente aguardada, para de fato viver a decantada democracia. Concretize isso o Presidente Geisel e passará para a história como um símbolo para as gerações que hão de nos suceder.

# PANAMÁ: UMA QUESTÃO EXPLOSIVA

Estados Unidos e Panamá estão negociando neste momento um novo tratado sobre o canal, para substituir o de 1903, uma autêntica aberração jurídica, que deu ao governo norte-americano o domínio perpétuo sobre a Zona do Canal.

Em fevereiro do ano passado, após muitos anos de discussões infrutíferas, os Estados Unidos finalmente aceitaram firmar um acordo de oito pontos, estabelecendo as premissas básicas do novo tratado. Caiu por terra a cláusula da perpetuidade e ao Panamá se reconheceu, passados mais de setenta anos de sua criação como república formalmente independente, plena soberania sobre todo o seu território. O Panamá, por sua vez, comprometeu-se a confiar a administração e a defesa do canal aos Estados Unidos por um tempo determinado.

Que tempo será este? Eis o problema mais delicado do novo tratado. Os norte-americanos, como quem não quer nada, falam em 25, 30 anos e até mais. Os mais radicais não deixam por menos: 50 anos. Os panamenhos acham estas pretensões absurdas. Eles querem a devolução do canal em menos de 20 anos, pois neste lapso a passagem já estará obsoleta. O Panamá considera o canal uma riqueza natural que pode e deve ser explorada em benefício dos panamenhos.

Atualmente, rigorosamente controlado pelos Estados Unidos, serve apenas para distorcer a economia panamenha, fazendo com que ela se afaste cada vez mais da missão de atender aos interesses de saúde, educação e desenvolvimento do povo panamenho. Como se não bastasse, a Zona do Canal foi totalmente desvirtuada de suas finalidades: a maior parte desse território

encontra-se hoje ocupado por bases militares, escolas de guerra e depósitos de armas, que nada têm a ver com a defesa do canal, como reza o tratado de 1903, redigido e aprovado da maneira mais vergonhosa em Washington. O general Omar Torri-

jos, chefe do governo revolucionário do Panamá, que assumiu o poder em 1968, já denunciou várias vezes a presença de armas nucleares na Zona do Canal e o perigo que isto representa para os povos da região,

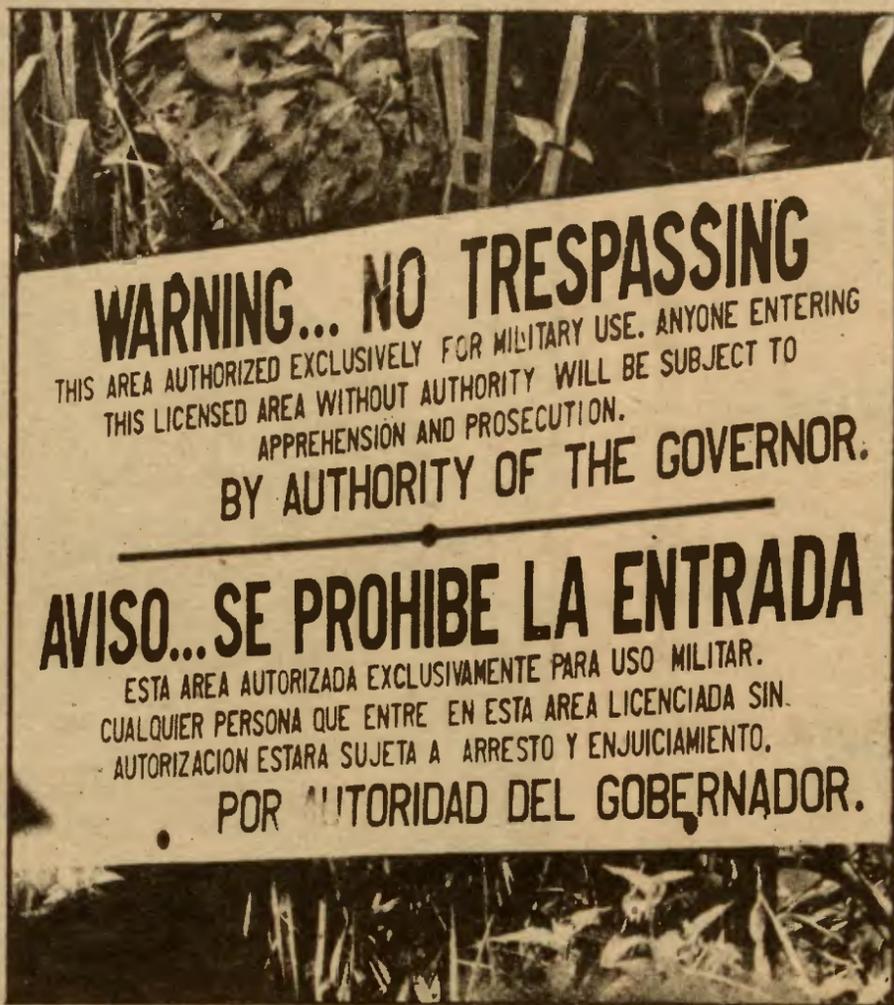
mas as autoridades norte-americanas não tiveram a menor reação.

O problema panamenho — um pequeno país não tem jurisdição sobre a melhor fatia e a maior riqueza natural do seu próprio território — é

um resumo concentrado das enormes dificuldades que caracterizam as relações entre a América Latina e os Estados Unidos. Não há um único Estado latino-americano que se coloque ao lado do governo norte-americano na defesa de sua permanência eterna no canal, mesmo que esta perpetuidade tente se encobrir em 50 anos mais de domínio absoluto. No mundo inteiro, os Estados Unidos não encontrariam um bom aliado para perpetuar seus interesses em território panamenho.

Esta é uma questão explosiva. O novo tratado está prometido para a metade deste ano. Mas Torrijos não confia nestas previsões otimistas. Ainda mais agora que Kissinger perdeu a firmeza de antes e pode cair do cavalo a qualquer momento. As derrotas no Vietnã e Camboja, além do fracasso diplomático no Oriente Médio, parecem não ajudar a causa panamenha. Mas nem por isso ela é menos grave. O subsecretário William Rogers já advertiu que um rompimento nas negociações (e eu acrescentaria: um atraso excessivo) ou a recusa do novo tratado pelo Senado "terá como consequência um confronto com o Panamá, ao mesmo tempo que existe a possibilidade real de o canal ser fechado".

Um bom sintoma das inquietações e incertezas reinantes do Panamá é a entrevista que apresentamos a seguir do arcebispo panamenho, monsenhor Marcos McGrath, à revista "Mundial", de Lima, assinada pelo jornalista Domingo Tamariz. A igreja católica, pelo visto, está emprestando todo o seu prestígio à luta aparentemente utópica do Panamá para recuperar sua terra, sua história e sua dignidade. (J. MONSERAT FILHO)



Tem a estatura de um jogador de basquete e a inquietação de um homem justo. Como muitos panamenhos, não pertence a uma família nativa. Filho de imigrantes finlandeses, é, no entanto, tão panamenho quanto a "ropa vieja" (roupa velha), prato típico do Panamá. E o chefe da igreja panamenha e como tal tem realizado um trabalho extraordinário em favor do seu povo. Monsenhor Marcos McGrath vive e trabalha na Casa Arcebispal, que, ao contrário de outras, não é precisamente um palácio. Fica num bairro pobre, desses chamados "casa-brujas" no Panamá. Foi este o diálogo que manteve com a reportagem do "Mundial", de Lima.

P — O senhor escreveu interessante artigo, esclarecendo certos conceitos errados que o

norte-americano tem diante da política do governo dos Estados Unidos no exterior. Foi publicado numa importante revista de Nova York. De que trata o artigo?

R — O artigo conta a história de um sacerdote que chega a um povoado e trata de criar consciência e mobilizar as pessoas para que colaborem com os camponeses marginalizados, mas nota com surpresa que a população rejeita o camponês e o acusa de possuir todos os males que uma pessoa pode ter. O sacerdote é recusado, agredido fisicamente e finalmente desaparece seqüestrado. Na base desta história, procura demonstrar que é fácil dizer — "estamos ajudando o camponês, estamos dando a ele tudo o que necessita", quando na realidade é o

sistema que o mantém marginalizado e oprimido. Levando este problema ao nível internacional, é fácil demonstrar que tipo de política os Estados Unidos aplicam em suas relações com a América Latina.

No mesmo artigo, apresento uma breve história do desenvolvimento da América Latina e dos Estados Unidos, e o contraste de nosso desenvolvimento político. Daí passo a analisar esta estrutura de dependência para que os próprios norte-americanos se dêem conta da realidade e não acreditem no mito de que o Tio Sam está ajudando generosamente a América Latina. Na realidade, é a América Latina que ajuda o desenvolvimento dos Estados Unidos. Isto, que todos nós sabemos, é totalmente desconhe-

cido pela maioria dos norte-americanos. E dentro deste contexto que coloco o problema do Canal do Panamá.

P — Como reagiu a igreja norte-americana frente ao problema das negociações entre os governos do Panamá e Estados Unidos para adotar um novo tratado sobre o canal?

R — Há uns 15 dias, recebi carta dos bispos católicos dos Estados Unidos, com uma declaração de apoio à posição panamenha. A informação foi publicada na imprensa, depois que dei conhecimento ao general Torrijos. O importante desta declaração é que representa a opinião de 220 bispos, aproximadamente, que, por sua vez, representam 45 milhões de católi-

cos, de uma população de 210 milhões de pessoas. Pode ser que nem todos esses católicos apoiem essa posição, precisamente porque desconhecem a história da América Latina e, por conseguinte, do problema da Zona do Canal. Os bispos se reservaram o tempo necessário para estudar a questão e depois se pronunciaram. Daí que, como disse Kissinger quando veio aqui ao Panamá, haveria dificuldades para explicar a todos os norte-americanos a justiça com que devem atuar em suas relações internacionais.

Isso me parece interessante porque, além disso, parece que enfim Ford e Kissinger se deram conta de que não podem seguir desequilibrando a economia dos países subdesenvolvidos e que é necessário modificar



# ORGAL

ORGAL S. A. - MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS

**CEARÁ  
PIAUI  
MARANHÃO**

**Empilhadeiras  
CLARK**

**Retro escavadeiras  
MICHIGAN**

**Pás carregadeiras  
MICHIGAN**

**Tratores de rodas  
VALMET**

**Tratores de esteiras  
KOMATSU**

**Hancodk Scraper  
MICHIGAN**

PEÇAS GENUINAS  
PARA TRATORES EM GERAL  
DA AFAMADA  
MARCA **LANDRONY**

Escritórios:

● DEPARTAMENTO DE MÁQUINAS E

DEPARTAMENTO TÉCNICO

Rua J. da Penha, 505

Telefones:

Gerência Geral ..... 26 - 9364

Departamento Comercial ..... 26 - 5256

Departamento

Administrativo e Financeiro ..... 26 - 5786

Departamento Técnico ..... 26 - 5255

● DEPARTAMENTO DE PEÇAS

Rua Coronel Ferraz, 88

Telefones: ..... 26 - 7706

26 - 4333

Caixa Postal, 445  
FORTALEZA - CEARÁ

## ORGAL

FILIAL DO MARANHÃO  
Av. João Pessoa, 260 - Filipinho  
Telefone: 2-0935  
SÃO LUIZ - MARANHÃO

os termos do intercâmbio comercial com os países abastecedores de matérias primas. Quanto ao canal, o Panamá considera que é um recurso básico, mas que deve ser administrado com consciência internacional. Quer dizer, o Panamá reclama seus direitos, mas não esquece seus deveres. Acima de tudo, creio que não há outro exemplo de justiça como a que meu país reclama. Quem analisa o caso tem que perceber: caso se alcance um tratado justo com os Estados Unidos, todo o hemisfério se alegrará. O contrário seria um mau augúrio para as relações internacionais.

P - Acontece, padre, que, enquanto o governo norte-americano promete chegar a um acordo conveniente com o Panamá, 37 legisladores advogam que os Estados Unidos não

zões emocionais, sem ser analisado nem estudado. Creio que seria uma tragédia. Um novo tratado sobre o canal é muito importante, porque, além do mais, é um teste para as relações interamericanas. Se a coisa falha aqui, que podemos esperar depois?...

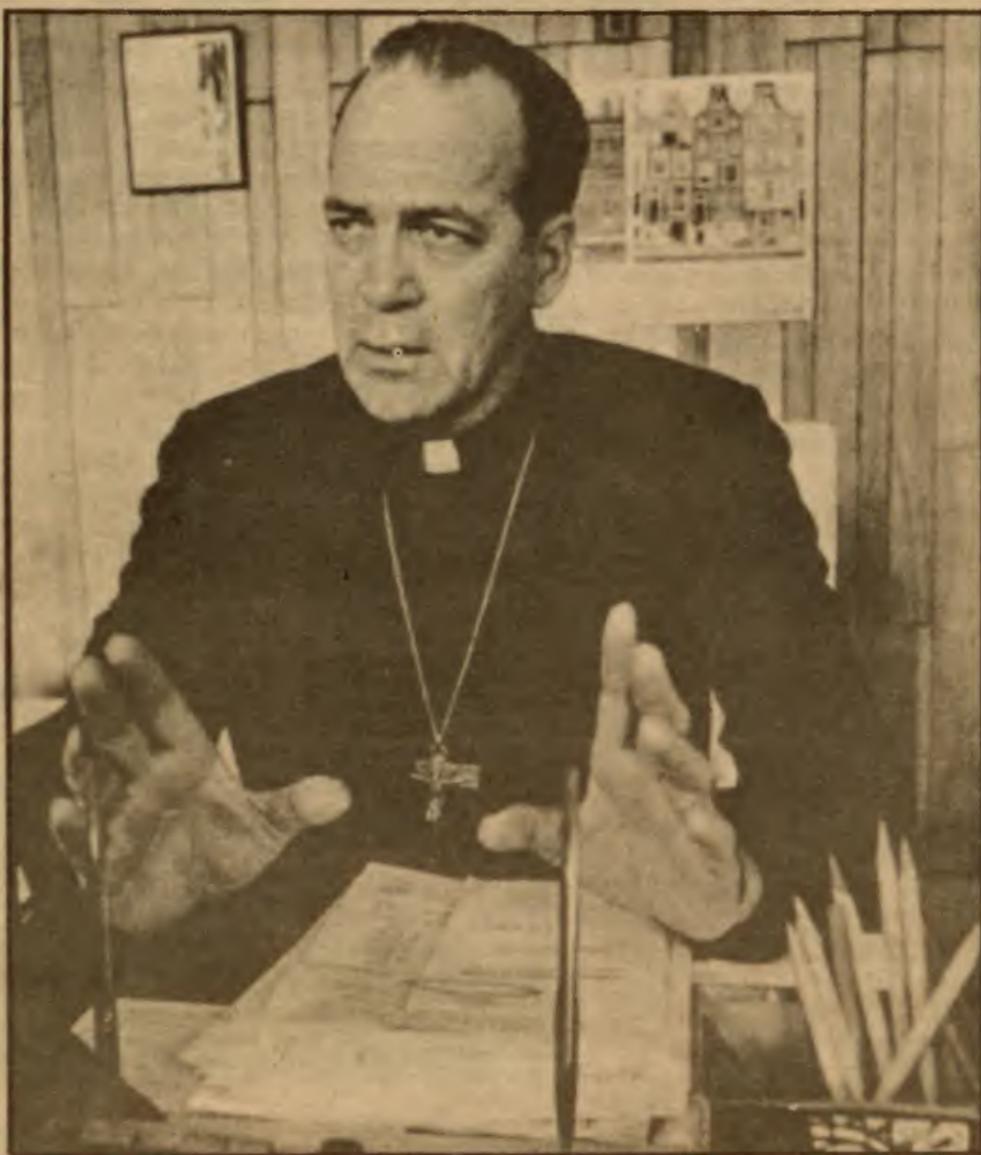
P - O senhor foi convidado pelo general Torrijos para ir aos Estados Unidos defender junto à opinião pública a justiça da posição panamenha...

R - Creio que fiz muito pouco nesse sentido, mas, como se costuma dizer, "pastelero a tus pasteles". Sou bispo a serviço do Panamá e não posso nem devo tratar de representar o governo. Uma ou duas vezes por ano, me toca falar na Universidade dos Estados ou publicar algo relativo ao Conselho de Segurança. Teve um efeito posi-

e sim moral, não posso ser atacado.

P - O senhor confia em que o novo tratado seja favorável ao Panamá e receba a aprovação no Congresso norte-americano?

R - Creio que a aprovação depende bastante de um esforço de informação em nível de senadores e congressistas. Parece-me que o grupo opositor é pequeno nas duas câmaras, mas tem muita influência, porque não há nenhum grupo atuando em favor da causa panamenha. Não sei, além disso, como andam as discussões finais, porque evidentemente há alguns problemas que ainda estão sendo discutidos. O caso do Canal é muito peculiar e a solução, que eu creio que terá, mesmo sem ser a mais perfeita, pelo menos resolverá os problemas que alguns formularam.



**Monsenhor Marcos McGrath:**  
Os norte-americanos não sabem nada da América Latina

devem ceder um milímetro de sua posição. E é o Senado que aprova ou desaprova os acordos de seu governo...

R - É verdade. Recordo que em maio de 1973 estive nos Estados Unidos quando se realizou uma conferência sobre o mesmo tema e 35 senadores assinaram um acordo rechaçando a posição panamenha. Um senhor do Departamento do Estado disse-me que o acordo havia sido assinado sem ter sido lido previamente, por simples amizade pelo senador que o redatara, e que por isso não devia ser levado muito a sério. Não quero dizer que devemos ser otimistas, mas conversei com vários senadores e me convenci de que existe um tremendo desconhecimento do caso.

Existe, pois, o perigo de que o tratado seja recusado por ra-

tivo, como se pode ver na Declaração dos Bispos norte-americanos, que, além disso, comunicaram-me que possivelmente haverá pronunciamentos semelhantes das igrejas protestantes e de sinagogas judias.

Seria um apoio moral tremendo, mas creio que falta todo um processo de educação, principalmente nos sindicatos dos Estados Unidos, que se mostraram contrários aos nossos interesses. Penso que há gente suficientemente ilustrada para representar o Panamá ante a opinião pública norte-americana e estabelecer contato com quem busca realmente uma justiça internacional. Podíamos conseguir assim um grande apoio, como o dos bispos. Quanto a mim, o que fiz, quero continuar fazendo, mas como bispo, pois não sendo minha posição oficial

De qualquer forma, o êxito depende também da ajuda de todo o hemisfério, de toda a América Latina, cujas reclamações não foram ouvidas nos Estados Unidos. Isto não convém à situação internacional, porque necessitamos de um respeito verdadeiro entre as nações para a promoção dos povos. A paz não será encontrada sem justiça.

P - Dizem que o Panamá não estaria em condições de administrar bem o canal. Que pensa o senhor disto?

R - Em nenhum momento se propôs que o Panamá se encarregue do canal de um dia para o outro. Propôs-se, sim, um processo em torno dessa questão. Além do mais, também se dizia que os egípcios não podiam manejar o Canal de Suez e, no entanto, eles fizeram isso muito bem, antes de ser bombardeado.

# RICOS VERSUS POBRES

Só a história, com sua imparcialidade temporal, fará justiça aos fatos que neste momento catalisam a preocupação mundial. Dentro de 25 anos, talvez, deverá ficar claro que, muito mais do que uma simples crise econômica, estamos assistindo a uma violenta alteração sócio-econômica. Violenta porque as grandes potências imperialistas, donas do mundo desde há muito tempo, multiplicam suas pressões e agressões para impedir que essas mudanças sejam efetuadas. A guerra fria e a atual política de distensão pretenderam e pretendem uma divisão fixa de áreas de influência, o que pode ser o desejo dos EUA, por exemplo, mas não reflete os anseios e objetivos dos países dominados.

Os primeiros choques entre os países subdesenvolvidos e as grandes potências capitalistas podem ter sido visíveis na reunião de cúpula dos "não alinhados", realizada em Argel, no outono de 73. Entretanto, foi a guerra do Ramadan que fez detonar a adormecida arma. O embargo árabe, surpreendentemente organizado, explodiu o frágil equilíbrio capitalista, ruindo o mundo do esbanjamento e do consumo.

Tudo isso já seria grave e importante, mas em abril de 74, graças à atividade política da Organização dos Países Arabes Exportadores e Produtores de Petróleo (Opep), durante a conferência de matérias primas, ocorrida em Nova York, sob o patrocínio da ONU, os povos subdesenvolvidos passaram a ter clareza de sua força e importância para o desenvolvimento de toda a humanidade.

As autoridades norte-americanas, desesperadas com essa nova situação, marcharam para novas ameaças e manobras. Nixon e Kissinger, por exemplo, em sucessivos pronunciamentos, definiram os rumos agressivos da política dos EUA, rumos que estão sendo mantidos pelo fraco Gerald Ford. A desesperada luta que os EUA vêm mantendo para assegurar a continuidade de seu poderio, por seu caráter predatório e espoliativo, é uma séria ameaça aos povos subdesenvolvidos.

## Eixo Europa-Árabes

Depois da conferência de cúpula de Copenhague - dezembro de 73 - entre os chefes de Estado da Comunidade Econômica Européia, falou-se muito na possibilidade de um melhor diálogo entre os países do MCE e o mundo árabe. A conferência, reunida por insistência de Pompidou, teve como participantes extras alguns ministros de Relações Exteriores árabes - Adnan Al Rachachi, pelos emiratos, Mansour Khaled, do Sudão; Mohammed Masmoudi, da Tunísia, e Abdelaziz Bouteflika, da Argélia.

O resultado dessa participação extraordinária pode ser avaliado pelo comunicado final, difundido após a conferência:

"Confirmar a importância que concedem à abertura com os países produtores de petróleo de negociações sobre um regime global, incluindo uma cooperação ampla, com vistas ao desenvolvimento econômico e industrial desses países, de inversões industriais e de um estável abastecimento dos países membros em energia, a preços razoáveis".

A reação de Washington foi rápida e brutal. Os EUA passaram a defender a tese de que a unidade entre os países consumidores poderia facilmente contornar essa situação - a crise de energia e o embargo - e para isso pedia a realização de uma conferência exclusiva.

Entretanto, os países europeus, muito mais dependentes do petróleo árabe que os EUA, achavam, como declarou Walter Scheel, ministro das Relações Exteriores da RFA e presidente do Conselho Comunitário do MCE, que "não corresponde aos grandes países consumidores, exclusivamente, tratar de determinados temas concretos, mas que era conveniente associar nessas negociações todas as categorias de países consumidores e países produtores".

Mas, a forte pressão dos EUA produziu os seus resultados: neutralizou a Comunidade Econômica Européia e provocou divisões mais sérias. O MCE, entretanto, por meio de Walter Scheel, voltou a redefinir o problema: "Os nove países do MCE aprovaram um mandato de negociação com os estados árabes, com vistas à convocatória de uma conferência euro-árabe".

O resultado concreto dessas posições acabou sendo nenhum, já que os EUA voltaram a fazer carga e evitaram até hoje a concretização dessa conferência. Como os europeus ainda são bastante sensíveis sobre os problemas de uma possível "terceira guerra mundial", Kissinger fez disso a base de suas exigências políticas. Assim, o MCE, mesmo a contragosto, foi forçado a se manter neutro e dando um discreto apoio aos povos árabes.

O problema europeus - árabes, embora ainda possa ser re-

solvido de modo favorável aos dois lados, está adiado para depois da conferência internacional proposta pelo presidente Giscard d'Estaing, em que as questões sobre energia serão debatidas entre consumidores e produtores. Aliás, essa conferência é o resultado das negociações mantidas por Giscard e Gerald Ford, no ano passado, na Martinica. O que significa uma certa vitória para as posições do MCE.

## Matéria-Prima

A lúcida posição assumida pelo delegado brasileiro, Paulo Cabral de Melo, ao concordar com a ampliação do temário da conferência sobre energia, com a inclusão do tema comércio de matérias-primas, surpreendeu a maioria dos observadores, que esperavam um alinhamento completo com as posições norte-americanas. Entretanto, essa posição é o reflexo da nova



Boumedienne:  
matérias-primas ao  
passo do Opep

tendência dos povos latino-americanos, que estão buscando uma unidade política e econômica contra os propósitos norte-americanos.

Essa ampliação do temário é um problema bem sério, pois os países industrializados não aceitam discutir durante a conferência outra coisa que não se refira a petróleo. A posição dos países subdesenvolvidos, como o Brasil, Índia e Zaire, por sua vez, é a de forçar a ampliação do temário, no que serão apoiados pelos países da Opop. Essa divergência deverá ser a tônica dessa reunião preparatória, em que o Brasil, a Índia e o Zaire - participam como representantes de países subdesenvolvidos não produtores de petróleos.

Os meios diplomáticos e políticos de Paris, que estão acompanhando as reuniões preparatórias da Conferência Interna-

cional de Energia, vêm nessa questão das matérias-primas o fato mais importante da atual conferência. Para esses meios políticos, a discussão sobre o intercâmbio e os desníveis nas relações de troca entre os produtores de matérias-primas e os países desenvolvidos, definirá os rumos da crise internacional.

Para os membros do terceiro mundo chegou a hora de buscar uma correção nas injustas relações de troca existentes entre eles e as grandes nações desenvolvidas. Relações que não se circunscrevem ao simples problema de um intercâmbio comercial, mas atingem questões mais amplas, como a autonomia e o direito a autodeterminação econômico-social.

O Brasil, fora seus problemas de alinhamento com as teses venezuelanas e peruanas, ainda arca com outros - é o sétimo importador mundial, com gastos de divisas na ordem de 3 bilhões de dólares em 1974, e estimados em 3,6 bilhões para este ano, numa absorção de cerca de 40% das receitas de exportação. E para equilibrar a situação de crise, necessita vender seus produtos (matérias-primas) no exterior a bons preços e em grande quantidade.

A firme posição da Opep, definida em sua última reunião, de defender os direitos dos povos subdesenvolvidos venderem seus produtos primários a bom preço, mas a necessidade de um justo tratamento sobre as questões político-sociais, fortalecem a posição do terceiro mundo e provoca o aguçamento das contradições entre os países subdesenvolvidos e os desenvolvidos.

No bojo dessas questões está um fato de profunda importância: a destruição de um sistema econômico-social. Um sistema que vem existindo há muito tempo e que vem sentindo os seus estertores há quase 60 anos. O surgimento dessas novas tendências, tendências nacionalistas, entre esses povos e governos é o sinal de que os tempos estão mudando com velocidade.

## Petroleo e poder

A maioria dos críticos políticos internacionais tem dado uma enorme importância ao poder que a Opep adquiriu com o controle sobre a exportação e comercialização do petróleo. É um fato real, mas não é o dado mais importante da questão. O movimento dos países não alinhados, inclusive os membros da Opep, nasceu da tomada de consciência das terríveis imperfeições de um sistema internacional que era regido pelos interesses das grandes potências capitalistas. E depois dessa tomada de consciência, seu primeiro objetivo foi, precisamente, assegurar aos pequenos países, certa segurança, contra os excessos de tal sistema.

O problema pode ser sintetizado pelas palavras de Abdelaziz Bouteflika, quando presidiu a Assembléia Geral da ONU: "A política era feita sem nós, contra nós e apesar de nós. Hoje, conquistamos o direito de exigir uma participação tão ativa quanto benéfica. Sem dúvida alguma, encontramos nos mais naquele estado preliminar do inevitável movimento das idéias. Porém as idéias que se movimentam, são as que prefiguram a arquitetura da sociedade de amanhã".

Durante mais de 25 anos a humanidade tem vivido as vicissitudes de uma história conturbada, traumatizada como es-



Giscard d'Estaing:  
muita esperança na  
reunião de Paris



Gerald Ford:  
espera alternativas e  
soluções

tava pela guerra fria, pelo equilíbrio do terror, a política da beira do abismo e das guerras

localizadas que dividem povos e têm provocado injustificáveis expedições punitivas e neo-colonizantes, como a guerra da Indochina está demonstrando. Mas, esses acontecimentos estão acabando por forçada a vontade dos povos subjugados, que desejam ser livres e autônomos.

O desenvolvimento do movimento dos não alinhados, nesses últimos anos, deve ser considerado como um fenômeno cuja importância e dinâmica a fazem fundamental para a construção do novo mundo. A aparição desse novo elemento na política internacional não teve boa acolhida pelas nações que vivem e sobrevivem da espoliação constante e permanente dos povos subdesenvolvidos. A existência de um bloco político subdesenvolvido (não alinhados) é tão perigoso para esses países quanto um vitorioso exército guerrilheiro atuando em seus próprios territórios.

O fato dos "sete" (Argélia, Arábia Saudita, Brasil, Índia, Irã, Venezuela e Zaire) e o MCE terem conseguido acertar os pontos no que se refere ao temário, significa que a Conferência Internacional de Energia deverá ter o seguinte temário: 1) os problemas do petróleo e da energia; 2) os problemas das matérias-primas, inclusive os produtos alimentares; 3) a questão da revalorização e da proteção do poder de compra dos países em desenvolvimento; 4) o

futuro da cooperação internacional em favor dos países pobres.

Essa linha de temário já demonstra que os países subdesenvolvidos, fortalecidos com o apoio da Opep, estão dispostas a exigir a atenção para suas justas reivindicações. O apoio da Opep, decidido em sua última reunião, já era entevisto por Boumediene, presidente da Argélia, há pouco tempo, quando dizia que "por trás das decisões dos países produtores de petróleo, a ação que devemos empreender, os países do terceiro mundo, é a de estender a todas as matérias-primas as conquistas logradas pelos países produtores de petróleo".

No que se refere à questão energética, muito utilizada para criar fantasmas e justificar crassos erros de políticas econômicas, os maiores ganhadores com a crise foram as grandes empresas petrolíferas, as famigeradas "sete irmãs" - Exxon (Esso), Shell, Texaco, Mobil, Gulf, Standard of California e a British Petroleum - que tiveram altíssimos lucros em pouco tempo.

A Exxon (Esso), de 1971 a 72, teve seus lucros aumentados em 2,6%. Mas de 72 a 73 a 74, os lucros cresceram, respectivamente, na seguinte ordem, 62% e 26,9%. A Shell teve em 73, 165% de lucros. A Gulf de 307% e a British em 34% (73) e 136,5%, em 74. Como se vê a crise energética foi altamente benéfica para essas empresas, que detêm o quase monopólio petrolífero no

mundo. E claro que os países da Opep tiveram lucros, mas bem menos do que essas empresas. A grande grita dos EUA foi contra o nacionalismo desses países, nada mais.

E evidente que o petróleo, por ser a matéria-prima mais barata para a produção de energia, significa um grande poder. Mas, como os países produtores de petróleo, a despeito de suas recentes fortunas, ainda são países subdesenvolvidos e necessitam da tecnologia e da ajuda técnica dos países mais industrializados. Desse modo, mesmo que possam contar com grandes somas de dinheiro, precisarão da cooperação internacional para se desenvolver.

**Nacionalismo**

O fato é que muito mais importante do que a discussão sobre as questões sobre petróleo, o debate sobre as demais matérias-primas será o assunto fundamental dessa reunião preparatória e da próxima reunião internacional sobre energia. A importância desse debate se situa exatamente no seguinte aspecto: os países subdesenvolvidos precisam das matérias-primas como o peixe necessita de água para sobreviver.

A base de toda a grande riqueza dessas potências capitalistas advem da contínua espoliação do mundo subdesenvolvido e qualquer rutura nessa espoliação é uma ameaça aos altos padrões de vida existentes nesses países. Como controlam o mercado internacional de matérias-primas, não só por serem os maiores compradores,

mas por deterem grandes reservas estratégicas, como é o caso dos Estados Unidos, determinam os preços e as quantidades desses produtos primários.

Os países latino-americanos, que há anos vinham sendo tratados como uma espécie de reserva estratégica dos EUA, liderados pela Venezuela e Peru, decidiram, aproveitando a grande grita contra o Trade Act, tentar instrumentalizar uma unidade econômico-política, o Sela, fora da OEA. O Brasil, que há três governos vinha sendo um dócil parceiro dos EUA, marchou para uma nova posição e que agora foi bem formalizada em Paris pelo embaixador Cabral de Melo.

Para os países subdesenvolvidos, como o Brasil, que são grandes produtores de matérias-primas, a determinação de um melhor tratamento para seus produtos é básico para a superação de suas crises econômicas. Entretanto, tudo isso será em vão se não houver medidas que acompanhem o justo desenvolvimento dessas questões, como uma melhor distribuição da renda nacional, cerceamento do poder econômico-financeiro-político das multinacionais e outras medidas, que venham atender às fundamentais necessidades populares.

Do ponto de vista geral da política desenvolvida ou a ser desenvolvida pelos países do terceiro mundo, as questões podem ser colocadas do seguinte modo:

● Que os países subdesenvolvidos disponham de seus recursos naturais, entre os quais se coloca a nacionalização desses recursos e o controle dos mecanismos que determinam a fixação dos preços;

● O lançamento de um processo de desenvolvimento integrado que coloque como primeiro ponto o desenvolvimento de todas as atividades e possibilidades agrícolas, e logre uma industrialização em profundidade, apoiado em recursos internos próprios;

● Buscar um maior entrelaçamento político-econômico entre os países subdesenvolvidos e uma melhor harmonia com os mais desenvolvidos, principalmente se estes aceitarem o direito dos povos subdesenvolvidos se autodeterminarem.

A nacionalização das matérias-primas e dos meios para incrementar o desenvolvimento, é em definitivo a condição fundamental para o desenvolvimento econômico dos povos subdesenvolvidos. Mas, como os países do terceiro mundo fazem parte da periferia do sistema capitalista internacional e monopolista, todos esses projetos jamais poderão ser realizados dentro das formas clássicas. A determinação dessas formas será, inevitavelmente, definida pelo conjunto de forças que atuem nesse processo de libertação e pelo nível de resistência que o sistema fará.

PEDRO AYRES

WAGNER

"AMERICANOS LEVAM CRIANÇAS DE SAIGON"



Genocídio, s. m. Crime contra a humanidade, consistente em cometer, com a intenção de destruir, no todo ou em parte, um grupo nacional, étnico, racial ou religioso, qualquer dos seguintes atos: I) matar membros do grupo; II) causar-lhes lesão grave à integridade física ou mental; III) submeter o grupo a condições de existência capazes de destruí-lo fisicamente, no todo ou em parte; IV) adotar medidas destinadas a impedir nascimentos no seio do grupo; V) efetuar a transferência forçada de crianças de um grupo para outro.

isso Ai!!

"GENERAL AMERICANO CRÊ EM VITÓRIA SUL-VIETNAMITA"

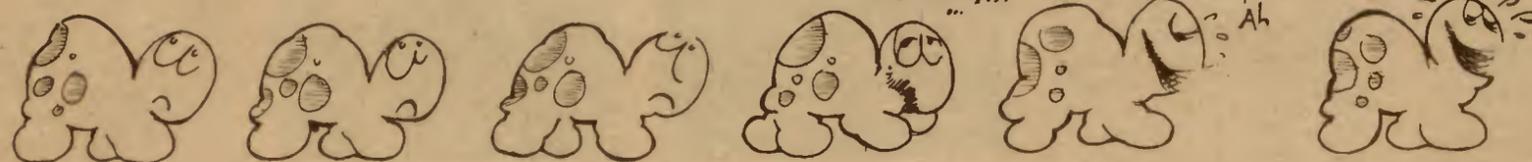


EU TAMBÉM!

...NA VITÓRIA...

DO POVO DO VIETNÃ DO SUL !!

"FUTURO CANDIDATO A PRESIDENCIA DOS E.U.A."



PROPÕE: BOMBARDEAR O PAIS DOS AGRESSORES."

Ah Ah

BOMBARDEAR SUA PRÓPRIA NAÇÃO !!

VERINHA



**O CONTO DO VIGARIO DA INDUSTRIA AUTOMOBILISTICA BRASILEIRA**

DESTRUIMOS O  
INSÍPIDO PATRIMÔNIO  
SOCIAL E ECOLÓGICO



PARA LHE  
OFERECER STATUS  
E CONFORTO !!

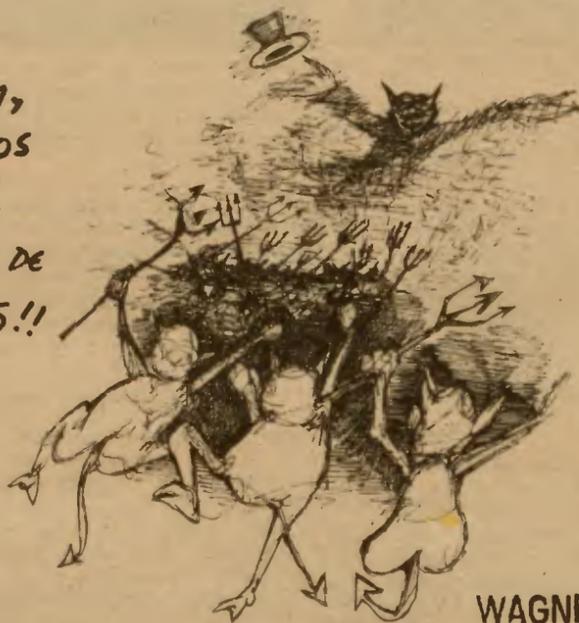
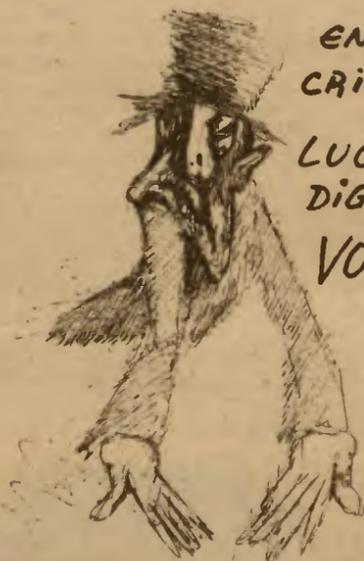


MAS  
MUDAMOS O CONCEITO DE  
HABITAR E

HOVE  
ESPECULAÇÃO,  
INSEGURANÇA,  
INFLAÇÃO,  
DESEMPREGO,  
...



ENFIM,  
CRIAMOS  
UM  
LUGAR  
DIGNO DE  
VOCÊS!!



WAGNER

Cada vez mais caros, os automóveis nacionais estão cada vez mais distantes de retribuir ao comprador em termos de qualidade.

A sede do lucro fácil por parte das fábricas (todas estrangeiras) chega até

mesmo a comprometer a segurança do veículo. Não há hoje carro

nacional cujos itens de segurança sejam, pelo menos, satisfatórios.

Como não há uma legislação que estabeleça normas mais exigentes, segurança

hoje se limita ao cinto

de segurança, extintor de incêndio,

e triângulo, enquanto os acidentes mortais aumentam.

Da ferrugem ao acidente inexplicável, muitos são os motivos mas a razão é uma só: o lucro imediato.

O comprador que se dane. E pague.

**CARRO  
MATA MUITO E  
DURA POUCO**

Jovem estudante de direito e decoradora nas horas vagas, Eloisa Lacê Lopes sonhava, há cerca de dois anos, com um meio de transporte próprio, como um milhão de brasileiros, cuja maior aspiração é integrar o crescente mercado consumidor de automóveis. Vendeu o telefone, juntou um dinheiro e não fugiu à regra: conseguiu um financiamento do tipo crédito direto ao consumidor e foi buscar seu Volkswagen TC num revendedor.

No princípio tudo maravilhoso. A fase da euforia e do deslumbramento logo passou, quando começaram os problemas. Como todos da série, o TC não tardou a mostrar os primeiros sinais da ferrugem que rapidamente tomou conta da carroceria, nem bem havia se passado sete meses. Ai começou sua via crucis. Procurou o diretor da Volks, no Rio, general Velho, mas era "um mestre na arte de embromar". Foram meses de



proteção, sem que qualquer solução se fosse proposta. No escritório da empresa, um outro diretor chegou até a afirmar que o carro era roubado. Pura galhofa.

Sobeitou, então, uma vitória na Colonial, revendedora autorizada, cujo laudo não chegou a ver. Pouco tempo depois, como a Colonial não lhe dava nenhuma resposta, pediu nova vistoria, agora na Star, outro revendedor. Resultado: o laudo, negativo, recomendava à fábrica não atender às reivindicações da cliente, uma vez que o carro se encontrava em condições normais. Recorreu a uma terceira vistoria, na Guanato. Mais uma vez, o laudo lhe foi negado e não lhe restava outra opção, senão ir diretamente a São Bernardo do Campo. Foi, mas não conseguiu nada.

Expôs, então, o carro em praça pública, todo enferrujado, cheio de cartazes com os dizeres: "Este carro está podre de ferrugem e toda a série", "Paguei Cr\$ 26 mil por este carro podre", "A Volks enriquece e o consumidor se dana" etc. O bastante para aparecer um inspetor da fábrica, que lhe deu um cartão, recomendando que fosse procurá-lo no dia seguinte, que resolveria seu problema. Acabou o carro ficando na Sabrico, representante VW em São Paulo durante meses até que, sem qualquer solução, foi enviado para a Rio Motor, no Rio, juntamente com uma carta de "cortesia" que autorizava a troca da carroceria.

Acontece que, apesar da "cortesia", Eló teria que pagar pelo serviço, nada menos que Cr\$ 10 mil de peças extras, sem as quais o carro não teria condições de transitar. Negando-se a pagar, a fábrica comunicou o vencimento da "cortesia". Nova exposição no Rio, com o carro repleto de cartazes nada elogiosos aos carros Volks e à fábrica. Certo dia, guardou o veículo, por uma noite, num posto. No dia seguinte, o carro amanheceu todo depredado, sem um banco e

sem uma roda. Deu queixa na 14ª DP e hoje, dois anos e meio depois, Eló continua sem carro e sem qualquer solução por parte da Volkswagen, que não quer nem saber de falar no seu caso.

Já, há cinco meses sem pagar as prestações, está ameaçada de ter que entregar à Caixa Econômica o carro que, quase irrevocável, se encontra guardado em um estacionamento de frente ao jornal Tribuna da Imprensa, na rua do Lavradio, enquanto ela aciona a Volkswagen pelo crime de lesa-comprador.

#### Inimigo nº 1

Assim é a qualidade do carro nacional. Comprar um, hoje, significa, no mínimo, Cr\$ 25.000, se se tratar de um Volkswagen 1.300, o mais barato deles. Entretanto, qualquer que seja o investimento — muito maior na medida em que seu carro seja financiado — o comprador simplesmente poderá ver seu carro ir se desinte-

grando, gradativamente, por causa da ferrugem.

A oxidação das chapas de aço, principalmente da carroceria, é consequência do mau tratamento das chapas pela avaria de se apressar a linha de montagem e o resultado é a entrega do produto ao consumidor já para durar pouco. Todo carro nacional vem com uma garantia que, muitas vezes, por má vontade dos revendedores, se torna inócua, e a experiência mostra que as indústrias automobilísticas só levam em consideração as queixas de seus consumidores quando elas se tornam violentas.

A única saída da grande maioria dos proprietários de carros enferrujados, é camuflá-los e empurrá-los para frente. O segundo comprador, que pensa estar fazendo um bom negócio, muitas vezes só irá descobrir quando algumas partes da carroceria estiverem totalmente corroídas. Ai já é tarde.

A rigor, a causa da ferrugem nos automóveis está no desleixo dos fabricantes, que não tomam os devidos cuidados na estocagem das chapas de aço nem nos processos de fosfatização da pintura. Não é um problema essencialmente nacional, mas aqui a incidência é bem maior que em outros países. Desde a implantação da indústria automobilística no Brasil, se enfrenta o problema da ferrugem. Nas décadas de 50 e 60 com os carros da Willys, Vemaq, Simca, FNM e Volkswagen. Ainda na década de 60 com os carros da Ford, Volks, General Motors. Quando foi lançado o Opala, em 1968, as primeiras séries foram um verdadeiro desastre, tanto que a fábrica sentiu-se obrigada a trocar, gratuitamente, as partes da carroceria afetadas, para salvar a imagem do carro.

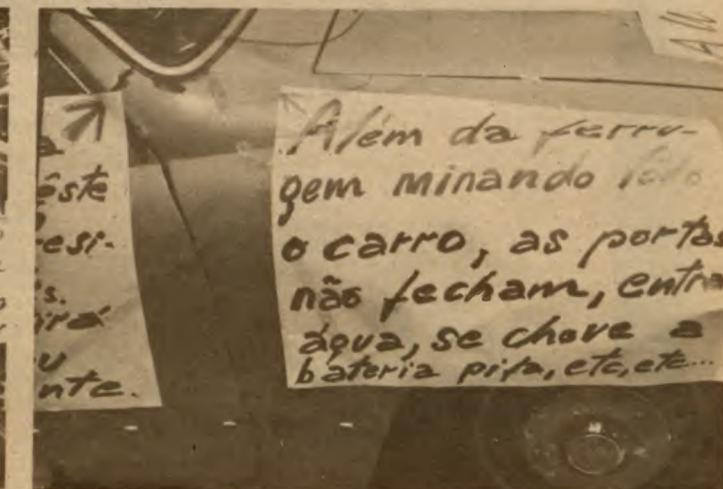
Hoje nem o aperfeiçoamento da indústria conseguiu eliminar o problema, principalmente pelos descuidos da estocagem das chapas e na pintura. De um modo geral, todos os carros nacio-

nais enferrujam, exceto o Puma e o Gurgel, que têm carroceria de fibra de vidro.

#### Falta de Segurança

Levantamento feito em São Paulo pela Ford-Willys chegou à conclusão de que 50% dos veículos que trafegam na grande São Paulo apresentam perigosos defeitos potenciais, principalmente nos sistemas de freios e de suspensão. E um estudo feito pelo jornalista Juarez Bahia, do Jornal do Brasil, chegou à conclusão de que nenhum carro nacional apresenta índices de segurança satisfatórios.

Uma das 10 maiores do mundo, com uma produção de 880 mil veículos em 1974 e devendo atingir a casa do 1 milhão este ano, a indústria automobilística brasileira é a própria imagem do caos, onde o item segurança não conta. Basicamente, ele se limita a três coisas: extintor de incêndio, cinto de segurança



e triângulo luminoso, enquanto o veículo novo traz, por exemplo, uma barra estabilizadora que enfraquece depois dos 30 mil quilômetros, comprometendo a estabilidade do carro.

Por que os fabricantes não tomam a iniciativa de introduzir novos itens? A alegação é a elevação dos custos, ou, em última análise, a sede do lucro fácil, imediato. E, em decorrência, praticamente toda a faixa standard da produção nacional apresenta defeitos potenciais que podem levar, inesperadamente, a um acidente muitas vezes mortal.

Como não há uma legislação adequada, as fábricas usam de um artifício muito simples: ao invés de dotar a faixa standard, mais barata, de mecanismos de segurança, colocam a maioria desses mecanismos como opcionais que, se desejados pelo consumidor, serão pagos por fora, não incluídos no preço do veículo. Como bem definiu Juarez Bahia, "uma depenação a que é submetido o veículo em nome de melhores custos, mas em prejuízo do comprador comum e da própria qualidade do veículo."

Sem falar em que alguns já vêm até mesmo da fábrica, equipados com os itens opcionais e o comprador, se quiser o carro, terá que pagar pelos acessórios. Nos últimos anos, até mesmo itens que eram standard — ou seja, que pertenciam ao carro — passaram a ser opcionais, num jogo de mercado cujo objetivo é sempre o lucro maior.

Não há no Brasil uma comissão de controle de segurança do veículo e a Associação Brasileira de Normas Técnicas, que tem a difícil tarefa de suprir as deficiências da legislação brasileira através de proposições oferecidas às autoridades, é o único órgão que tenta estabelecer padrões vitais de segurança para o carro nacional. Entretanto, como ainda não está funcionando de acordo com as suas finalidades, pouco fez até agora. Tanto que, apesar de ter previsto em 1971 que em cinco anos se poderia intro-

duzir em toda a faixa industrial de montagem e de autopeças nada menos que 600 normas, hoje, quatro anos depois, o carro nacional continua o mesmo, enquanto em outros países como Estados Unidos, Japão e Suécia, a indústria automobilística está sendo obrigada a produzir carros mais seguros.

O único carro nacional que conseguiu adaptar itens de segurança foi o Puma e mesmo assim por exigência dos países para os quais a fábrica passou a exportar. Em poucos meses, nada menos que 50 itens de segurança foram introduzidos nos Pumas para exportação, mas esses itens não passaram a ser utilizados nos carros destinados ao mercado interno.

#### Carros só de luxo

Grandes no tamanho e no preço — um Galaxie LTD Landau custa hoje Cr\$ 90



Eloisa Lacê Lopes: uma batalha inglória de três anos contra o conto do vigário da toda-poderosa Volkswagen do Brasil

ou com a suspensão do Corcel série 1969, que poderiam comprometer a imagem do carro, as fábricas simplesmente substituem, procurando melhorar a série seguinte. Mas, se o defeito não é considerado "grave", simplesmente o ignoram e o carro continua sendo vendido assim mesmo.

Vale aqui citar a denúncia do Juarez Bahia: "O Dodge Dart usa pneus 7.35, 4 lonas. A Chrysler compra os Super Aguiá da Good Year para seus carros de linha. Esses pneus oferecem um limite de segurança até 150 km/h, enquanto o Dodge Dart anda a 180 km/h. A Good Year tem pneus para velocidades superiores a 150 km/h — os E-70 S 14, para 200 km/h — mas estes são vendidos como opcionais. Por que a Chrysler não entrega os pneus E-70 S 14 como standard de



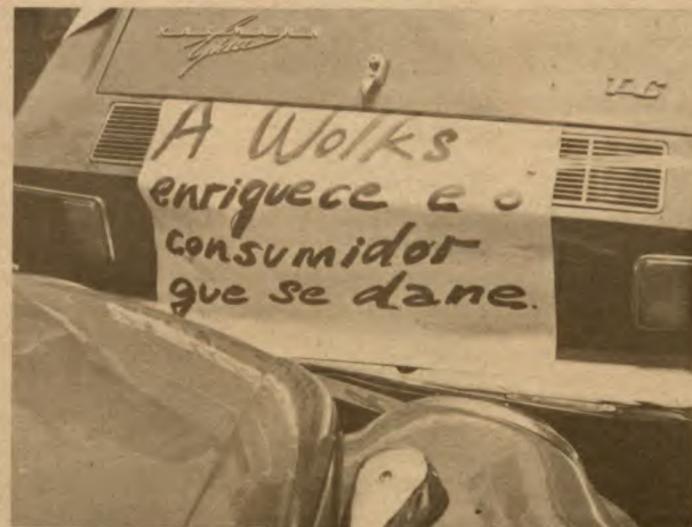
produção, já que são mais seguros para a velocidade do Dart?"

A suspensão do Dart é boa e macia, mas o carro exige uma barra estabilizadora que não vem de fábrica, tornando o carro perigoso nas mãos de motoristas menos experimentados. Além do mais, a suspensão do Dart é fixada com apenas três pontos de solda que, depois dos 25 mil quilômetros, tem grandes probabilidades de se soltarem.

Também a direção do Dart é perigosa. De leve e fácil manejo quando o carro está em movimento, dificulta muito, principalmente o motorista inexperiente, com o veículo em derrapagem, tantas as voltas que a direção exige para corrigir o curso, sendo que até mesmo um volante profissional terá dificuldades em controlá-lo. Seu interior é péssimo. Os assentos, incômodos, têm implicações até mesmo quanto à segurança, sendo

mas sérios na suspensão dianteira: é muito sensível e requer constantes e dispendiosas regulagens. Sem elas, o carro perde seu fator de dirigibilidade e apresenta um excessivo e rápido desgaste nos pneus dianteiros. Tem problemas também na bomba de gasolina, já de certa forma mas não de todo corrigidos nos modelos 1974, pois continua exposta ao calor constante do motor que pode prejudicar seu funcionamento.

De todos, porém o Volkswagen (fusca) é o mais discutido — e o mais inseguro. Em tudo: freios, suspensão traseira, tanque de gasolina, estabilidade, bancos, painel e pára-brisa. A não ser nos modelos mais sofisticados, como o Fusca 1.500 e 1.600 S, os besouros VW adotam o sistema Simplex de freios. Em baixa velocidade, devido ao pouco peso do carro, esse tipo de freio tem-se mostrado



que em um acidente o motorista pode ser prensado pelo banco que certamente se soltará ao menor impacto.

O Galaxie não fica atrás. O interior é mais bem acabado, traz uma barra estabilizadora, mas a direção é a mesma do Dart. Os pneus são apropriados para sua velocidade, mas seus freios se aquecem rapidamente, sem área suficiente para dissipação do calor. Assim, o motorista, de repente, nota que o carro está sem freio, exatamente quando mais precisa dele. O resultado, muitas vezes, é um acidente que pode custar-lhe inclusive a vida.

#### Pequenos e médios

Os carros médios e pequenos representam mais de 80% da produção nacional, envolvendo os grupos mais densos do consumo, mas nem por isso são mais seguros. O Opala Especial, por exemplo, vem com freio a disco na frente, mas o modelo standard vem apenas com o Duo-Servo, cujo alto coeficiente sacrifica o fator de estabilidade direcional do carro sob a ação de frenagem, além de aquecer rapidamente, vitrificando as lonas.

Em países como Estados Unidos e Suécia, especifica-se que um carro em velocidade de 96,5 km/h deve parar com uma desaceleração de 5,7 m/s sem puxar para o lado mais que 3,6 metros (EUA) e sem travar as rodas (Suécia). Por que não criar uma instituição para especificar a desaceleração mínima exigida para cada tipo de veículo?

Além disso, o Opala tem problemas de circulação interna de ar, embaçando o pára-brisa nos dias frios ou chuvosos, além da estabilidade prejudicada pela traseira muito alta.

O Corcel, muito embora possua um excelente freio e pneus seguros para a velocidade que desenvolve, tem proble-

eficiente, mas, à velocidade máxima — 140 km/h —, se tiver que parar brusca-mente, as lonas se vitrificam e o carro perde completamente o controle.

A suspensão traseira é do mesmo tipo do Corvar 1964, carro que saiu da linha nos Estados Unidos por ter sido causador de inúmeros acidentes. No Brasil, a Volks insiste com a suspensão, muito embora o modelo alemão já utilize um tipo de eixo completamente independente, muito mais seguro. Será que a segurança na Alemanha é mais importante que no Brasil?

O tanque de gasolina, colocado na dianteira do carro, oferece quase o mesmo perigo que os traseiros, exceto pelo fato de que nos VWs estão localizados muito mais perto do motorista e do passageiro da frente. Em caso de colisão forte, o tanque explode, motivo pelo qual os tanques VW deveriam ser do tipo usado em carros de competição: à prova de vazamento e fogo.

A instabilidade dos modelos VW deve-se, principalmente, à suspensão traseira e à distribuição de peso. Assim, com a traseira mais pesada, é extremamente difícil segurar-se um carro a 140 km/h numa rodovia em que os ventos ajam em sentido lateral (vento cruzado). Também a fixação dos bancos é bastante precária, onde a falta de trava, em caso de colisão, ajuda a lançar os ocupantes contra o pára-brisa.

A kombi, utilitário cujo maior risco reside exatamente no fato de ainda estar circulando livremente. Em caso de choque frontal, a ausência de quaisquer obstáculos entre o objeto de choque e o motorista fatalmente termina em ferimentos graves para este, além do fato de ter seu centro de gravidade muito alto, o que facilita as capotagens laterais.

Na faixa dos carros médios, mesmo os modelos mais evoluídos, como o Chevette, o Passat, o Dodge 1800 e o Maverick, apresentaram problemas, como por exemplo, na caixa de mudanças (cambio), suspensão ou mesmo de concepção de carroceria, sem falar na habitual ausência dos itens de segurança.

O Chevette, é o único dos carros cuja posição do tanque de gasolina é um pouco mais segura, mas mesmo assim uma batida forte pode rompê-lo. Sua concepção mecânica é moderna, com comando de válvulas no cabeçote, o carro é econômico, mas sua carroceria é bastante frágil, assim como sua caixa de câmbio, sendo muito comuns as trocas, pela fábrica, pela caixa importada. O acabamento interno é bastante precário, em nada condizente com os Cr\$ 32 mil a que foi colocado a venda.

Também o Dodge 1800 sofreu problemas do mesmo tipo. Se bem que com acabamento pouco melhor que o do Chevette, não teve boa aceitação no mercado, exatamente por causa de uma série de problemas que trouxe. Apesar disso, a fábrica ate agora não introduziu grandes inovações no modelo.

O Maverick trouxe problemas basicamente de origem — ou de projeto. O modelo, lançado sem sucesso nos Estados Unidos, foi enviado para o Brasil, para que o investimento no modelo não se perdesse. Pode-se deduzir daí que, se tudo que é bom para os Estados Unidos é bom para o Brasil (nesse caso), muitas vezes mesmo o que não é bom para os Estados Unidos pode ser bom para o Brasil.

O Passat, novo modelo da Volkswagen, mesmo trazendo algumas concepções mais avançadas, é como Chevette, Dodge ou Maverick. Nenhum deles oferece grandes inovações em matéria de segurança.

Em suma, o carro nacional continua inseguro, o que demonstra o elevado índice de acidentes provocados essencialmente por deficiências dos veículos. Enquanto na Alemanha os veículos são responsáveis por apenas 1,7% dos acidentes, no Brasil, segundo uma Comissão Especial de Segurança do Veículo criada durante o Simpósio Nacional de Trânsito, realizado em 1973, esse índice se eleva a 12%.

O próprio levantamento feito pela Ford-Willys, durante uma semana, reforça essa tese, ao constatar que um em cada dois veículos da grande São Paulo apresenta defeitos potenciais como mau ajuste nos freios, platinado desregulado, ventilação deficiente, rolamentos e terminais do sistema de direção em mau estado etc.

E por isso que a cada dia se morre mais nas cidades e nas estradas. Os 600 itens que, segundo o Conselho de Desenvolvimento Industrial deveriam ser introduzidos para que o carro nacional se tornasse seguro, somente poderiam ser adotados em 12 anos, segundo a Associação Brasileira de Normas Técnicas. A Puma, contudo, provou o contrário, ao introduzir 50 itens em apenas alguns meses.

Falta de tecnologia não é, porque as matrizes das fábricas norte-americanas e alemãs mantêm constante intercâmbio das últimas inovações, face às exigências crescentes da legislação nesses países. O que acontece é que, no Brasil, como o governo não exige, as fábricas não dão. E a constatação pode ser feita através dos depoimentos de dois pilotos de provas, Ricardo Achar e Norman Casari.

"É duro sabermos, sozinhos, que o comprador de automóvel no Brasil paga a cor do carro e seu estofamento, em detrimento das especificações mecânicas."

# ESQUINA

## As encomendas de Lacerda

Em entrevista que deu recentemente à revista Status, perguntaram a Carlos Lacerda por que não escrevia ficção.

— Porque só escrevo o que me encomendam — respondeu.

É o caso de perguntar quem lhe está encomendando os longos artigos que vem escrevendo contra o povo de Portugal. Se o preço for o tanto por linha, os artigos, pela extensão, devem estar sendo pagos em libras esterlinas do Banco do Espírito Santo.

## Uma covardia sem nome . . .

Escalar o senador Roberto Saturnino para responder a um discurso do pequeno senador Virgílio Távora sobre problemas econômicos, é uma verdadeira covardia. É mais ou menos o mesmo que escalar Platão para debater filosofia com o filho do Raimundo Padilha. O MDB, aliás, está abusando do direito de ser forte, pois jogar Paulo Brossard e Marcos Freire em cima do pobre Petrólio Portela e do pobre Jarbas Passarinho é o mesmo que colocar num ring de box o Cassius Clay contra o frágil Senador José Lindoso.

## Nery em Portugal

Nosso companheiro Sebastião Nery seguiu esta semana para Lisboa, onde vai fazer a cobertura jornalística das eleições portuguesas do dia 25, contratado pela Francisco Alves para escrever um livro sobre o pleito em que se empenham os partidos surgidos depois da revolução dos cravos vermelhos. Nery está ainda à procura de um título para seu livro, que repetirá, sem dúvida, o sucesso de "As 16 derrotas que abalaram o Brasil" — esgotado numa semana, em edição de 100 mil exemplares, e saindo para a segunda.

## Nomes para guardar

Por seus primeiros pronunciamentos na Câmara, alguns dos novos deputados do MDB são nomes para guardar. Entre eles, Guaçu Piteri e Marcelo Gato, de São Paulo. Do Paraná, Sebastião Rodrigues, com brilhante experiência parlamentar na liderança da Assembleia de Curitiba, e que promete uma bomba sobre a política bancária do país. Ainda do Paraná, Álvaro Dias, que fez um veemente pronunciamento sobre o problema institucional. De Alagoas, deve-se destacar José Costa, cuja inteligência está à altura da votação espetacular que obteve em seu Estado: a maior de toda a história política alagoana. De Sergipe, Jo-

sé Carlos Teixeira, que não é novo nem antigo, pois já foi deputado em outras legislaturas, tendo faltado apenas no período de 1971 a 1975. Do Amazonas, José Mário Frota. Do Pará, Jader Barbalho. Do Pauí, um nome de primeira grandeza — Celso Barros. Dos novos de Pernambuco, Jarbas Vasconcelos e Fernando Coelho. De Minas Gerais, Marcos Tito e um bom nome da Arena — José Machado. Do Rio, Jorge Moura, que vai estrear esta semana com um discurso político. Do Rio Grande do Sul, Uequed e João Gilberto. Anotem ainda, de Goiás, Genervino Fonseca.

E outros que certamente vão aparecer, especialmente de São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul. Do antigo Estado do Rio está pintando como um grande deputado o jovem Moreira Franco. Esperamos poder alinhar proxima-mente também alguns nomes da Arena. Mas por enquanto o time do MDB está muito mais forte na Câmara.

## Pássaro e passarinho

Um jovem deputado do MDB do Rio Grande do Sul fazia, na Câmara, várias referências ao senador Pássaro. Foi interrompido por um novato da Arena, que o corrigiu:

— V. Excia., quer referir-se ao senador Passarinho.

Resposta do gaúcho:

— "Não tenho intimidade com ele para tratá-lo por diminutivos".

## Da arte de bem vestir

Entre os novos governadores estaduais, empossados há pouco, existe um professor de economia política: é o governador do Pará, Aloysio Chaves, que era bastante popular entre seus alunos da Faculdade de Direito, e conhecido como "Bastiat", em homenagem a um dos mais famosos

precursores da economia política e um dos ídolos do atual governador paraense.

O professor Aloysio Chaves, que também foi diretor da Faculdade de Direito do Pará, tinha um hábito bem estranho para conduzir a escola, ou seja a exigência de terno completo para a frequência às aulas. Esse hábito não seria tão estranho se o Pará ficasse numa região meridional e não no equador. Sua ojeriza aos trajes esportivos era tão grande, que mesmo com a faculdade fechada e sem aulas, exigia que os alunos estivessem "corretamente" fardados — perdão, vestidos.

Por causa disso houve um caso que ficou célebre em Belém. Um aluno, famoso por sua negligência no vestir e conhecido por Rui Cebola, um dia, apressado a atrasado para uma prova, entrou nos vestiários vestidos de terno da faculdade em traje esporte. O dr. Aloysio Chaves ao vê-lo, interrompeu seu trajeto e o interpelou: "Senhor Rui, onde pensa que está? Volte e venha vestido como convém."

Rui saiu e momentos depois voltou. Entrou e perguntou pelo diretor, sendo informado que estava em aula. Foi para o hall e sentado num dos bancos, ficou esperando o retorno de Aloysio Chaves. Minutos depois, o professor governador passa pelo hall. Rui, sob os alegres olhares de seus colegas, corre para o diretor e pergunta: "Dr. Aloysio, que tal? Estou corretamente vestido?" Rui estava de fraque e cartola. . .

## Febeapá tem incentivo

A nova secretária de Educação da Prefeitura, de Goiânia Nair Stival Pereira, acaba de dar um poderoso alento ao famoso Febeapá de Stanislaw Ponte-Preta: proibiu que as moças usem roupas

decotadas, sem mangas ou que deixem a barriga de fora.

Essa poderosa e sábia decisão, foi adotada em uma reunião com sua assessoria para determinar as diversas medidas de "austeridades" que resolveu impor. Para estabelecer "um ambiente de maior respeito nas repartições da secretaria", d. Nair Pereira também recomendou que os funcionários se tratem unicamente por "senhor" e "senhora", em vez de você.

As jovens e belas funcionárias goianas estão fulas com tais medidas de "austeridade" da puritana secretária; primeiro por não verem mal nenhum nas roupas que usam, mas sobretudo pelo problema que lhes vem criar. Essas pobres moças, quase sempre mal pagas, estão preocupadas com o custo de um novo vestuário — um vestuário monástico e adaptado aos "castos" gostos de d. Nair e seus assessores. A não ser que a secretaria arque com as despesas. . .

## Uma morte sem saudade

Foi-se finalmente o generalíssimo Chiang Kai-shek. Na verdade, ele já estava morto há muito tempo, e não sabia. Mas no momento em que desaparece definitivamente da cena mundial — e para desfazer certos equívocos e confusões propositadamente alimentados durante anos pela grande imprensa internacional — não custa nada lembrar que o generalíssimo de Taiwan não tinha nada de herói, nem de mártir.

Muito pelo contrário, foi um algoz e um espoliador do povo chinês. Para os esquecidos é necessário acabar com as deslembrações: nunca houve na China, nem no tempo dos mandarins, um governo mais corrupto que o do generalíssimo. São famosas (e ver-

dadeiras) as histórias de carregamentos inteiros de armas que os nacionalistas recebiam dos norte-americanos para combater os exércitos de Mao Tsé-ting e misteriosamente acabavam intactos nas próprias mãos de Mao. Um mistério que não tem nada de mistério: não simplesmente eram vendidos pelos nacionalistas aos comunistas que eles estavam combatendo. Espantoso, estarrecedor, mas literalmente a verdade.

Para não falar nas proezas da velha senhora, a festejada madame Chiang Kai-shek, que se cobria de jóias e de luxo, hospedava-se nos melhores hotéis do mundo, dava festas de fazer inveja aos reis da Pérsia, com o próprio dinheiro que ela saía catando pelo mundo, principalmente nos EUA, para pagar o soldo dos soldados nacionalistas que apodreciam nas trincheiras e distribuir comida aos milhões de chineses que já haviam comido todos os cães e gatos do país inteiro.

Não bastasse tal ultraje, ainda se dava ao desplante de patrocinar rendosos negócios ilícitos, com o mesmo dinheiro que pertencia ao povo chinês. Este o fiel retrato de uma época que foi e não deixou saudade aos chineses.

## Secretário ou piadista?

O secretário de Segurança de Pernambuco, em seu primeiro grande encontro com a imprensa local, saiu-se com uma que o faz também forte candidato ao Febeapá. Disse o coronel Rui Aires Lobo que os jornais do Recife, em pouco tempo, vão acabar com suas páginas policiais, por falta de notícias. Na certa o secretário está querendo dizer que sua gestão vai acabar com o crime em Pernambuco. Uma jóia de candice, para não dizer outra coisa. . . Se todo o secretariado do novo governo pernambucano for desse quilate, o que iremos ter no bravo Estado nordestino não será jamais um governo — simplesmente, e certamente, um desgoverno total.

E aos pobres pernambucanos só restará cair de joelhos e rezar aos céus.

## 15 anos de libérté

"Libérté" — uma das mais importantes revistas literárias de todo o mundo, editada em Montreal, acaba de completar quinze anos de funcionamento regular. Sob a direção do poeta Jean-Guy Pilon, fazem parte de seu Conselho Diretor os escritores André Belleau, Jacques Brault, Roger Fournier, Jacques Folch, Jacques Godbout e Fernand Ouellette.

## E VIROU CONSTELAÇÃO . . .

Natal da Portela morreu. De batismo Natalino José do Nascimento. Rei e senhor de Madureira, ou um homem do braço só, letra de samba na boca de toda a humanidade da zona norte. Sem ser um sambista na exata significação do termo — porque não sambava nem sabia tocar nada — Natal, no entanto, antes de tudo amava o samba. E claro, também o jogo do bicho (não fosse ele um homem, como o bicho, de profundas raízes populares) do qual foi um dos maiores banqueiros do Rio.

Nasceu em São Paulo mas era o que se pode chamar de um carioca autêntico, sem fa-



zer favor algum. Não tocava em álcool depois de ter andando caído pelas sarjetas durante anos a fio — era ele mesmo que confessava, porque nada tinha para esconder. Ex-telegrafista da Central, um dia caiu do trem e perdeu o braço que a Previdência So-

cial nunca lhe pagou. Passou nove meses na Santa Casa e quando voltou estava na rua: a Central não queria aleijado.

Começou vendendo peixe e acabou criando um império, do bicho e do samba. Ganhou muito dinheiro, mas distribuiu também muito. Madureira que o diga. Fez escolas, calçou ruas, construiu estações de trem, ajudou deus e o mundo.

Enfim, foi um negro de alma negra. Por isso teve um enterro de rei negro, ao compasso de "Heróis da Liberdade" — mais de 30 mil pessoas, ao ritmo da bateria de sua Portela, durante quatro horas rendendo as justas homenagens a Natal da Portela.

# SIGNIFICAÇÃO DA CRÍTICA

ROLAND CORBIER

Em nota de apresentação a seu número de 15º aniversário, escreve Jean-Guy Pilon: "O primeiro número de 'Liberté' apareceu em fevereiro de 1959. No fim de dezembro de 1973, tínhamos atingido esse 15º aniversário e, no momento em que aparece este número especial, completamos nosso 16º ano de existência".

Pareceu-nos interessante sublinhar o acontecimento de forma diferente da que fazemos habitualmente, e em vez de solicitar testemunhos de todos os horizontes ou estudos temáticos sobre os textos que temos publicado (o que daria uma tônica de tese), preferimos uma fórmula mais simples: cada membro do Comitê de Direção da revista conta, a seu modo e de seu ângulo de observação, o que foi 'Liberté' e o papel que lhe tocou dentro da equipe, durante todo esse tempo. Trata-se de um processo que não é exaustivo, mas que tem a vantagem de situar a revista no concreto da vida, na evolução da vida".

E termina Pilon, agradecendo a todos os colaboradores, leitores e amigos, exclamando: "E viva 'Liberté' — Viva, repetimos nós, que não sabemos de uma revista de escritores de vida tão longa em toda a América Latina. Desta América Latina em que o país de Québec é uma das mais altas expressões culturais.

## Ponte-aerea da hipocrisia

A se confirmar a notícia de que há brasileiros, a exemplo dos norte-americanos, que querem adotar crianças vietnamitas, estaremos diante de mais uma demonstração desse execrável ranço colonialista que insiste em não nos abandonar. Que os norte-americanos caiam no conto dos órfãos ainda é admissível, afinal de contas eles se sentem no dever de dar uma mãozinha nos fins publicitários que move seu governo a promover essa verdadeira ponte-aérea da hipocrisia. É uma maneira de os EUA tentarem salvar ainda um pouco da cara ante a condenação mundial que sofreram por sua criminosa intervenção no Vietnã.

Se esses brasileiros querem fazer uma boa ação, não precisam ir tão longe. Basta dar uma voltinha pelas principais cidades do país e haverão de topar com batalhões de crianças brasileiras que estão precisando desse tipo de boa ação. Pode não dar manchete de jornal, mas, pode crer, certamente vai lhes valer (para os católicos) o reino do céu.

No mais, é lavar o ranço colonialista lendo o que acham o povo vietnamita do conto do órfão pondo-se do lado do povo vienamita à opinião pública mundial para "opor-se ao êxodo forçado da população civil, sobretudo das crianças", de seu país, "ações criminosas e desumanas com objetivos de propagação".

Na perspectiva da redemocratização, nenhum título poderia ser mais adequado, para um jornal oposicionista, que o título de Crítica. Não apenas porque, como é óbvio, não há democracia sem oposição e não há oposição sem crítica e não há crítica sem liberdade de opinião, mas, por motivos menos aparentes, que dizem respeito à própria estrutura do processo histórico.

Na ciência da lógica, que é também a sua ontologia, pois a dialética, ao contrário da lógica formal, não separa a forma do conteúdo, Hegel nos diz que "a contradição é a raiz de todo movimento e de toda manifestação vital" e que "é somente na medida em que encerra uma contradição que uma coisa é capaz de movimento, de atividade, de manifestar tendências ou impulsos". Não é, pois, a identidade, como sustentavam os eleatas, mas a contradição, como compreendeu Heráclito, que constitui a "determinação mais profunda e essencial do ser".

Do ponto de vista hegeliano, o ser, ou a totalidade, inclui a natureza, que os gregos chamavam de *physis*, e o espírito, que chamavam de *nous*. Natureza e espírito constituem, pois, o que designamos por realidade, devendo entender-se por espírito consciente dele mesmo o mundo enquanto história, sendo a natureza o espírito adormecido e inconsciente de si próprio. A síntese entre as duas dimensões da realidade se opera por meio do logos, que não é apenas o logos teoretikós, que se identifica com o real por meio do conhecimento, mas também o logos praktikós, que transforma o real pela atividade prática, pelo trabalho.

Inconsciente no mundo natural, a contradição, que é a mola propulsora do movimento, do vir-a-ser, do processo dialético no qual a vida da natureza consiste, torna-se consciente no homem, que a reconhece como a determinação "mais profunda e essencial do ser", condição de possibilidade de qualquer vida, tanto natural quanto histórica. Há um processo natural, há uma evolução cósmica porque há contradição no seio da natureza, e há história humana porque há contradição do homem com a natureza e do homem com o próprio homem.

Ora, que é a contradição? A contradição é a negação, implícita na finitude de todos os seres finitos. Que quer isso dizer? Que qualquer ser finito só é o que é na medida em que é limitado, ou "negado" pelos outros seres também finitos. Toda determinação é pois uma negação, como ensina Spinoza. Essa negação, porém, não é estranha ou exterior ao ser finito, mas, ao contrário, interior a ele e constitutiva da sua essência. A contradição, característica da finitude, torna-se patente e ostensiva nos seres vivos que só são vivos porque são mortais, e começam a morrer no dia mesmo de seu nascimento. A morte não é estranha ou exterior à vida, que, por ser temporal e finita, inclui em si mesma a sua finitude, o seu fim, a sua morte.

E, se a morte é a negação da vida, a vida é a negação da morte, isto é, em termos hegelianos, a negação da negação. Na perspectiva do humano, a

vida histórica tem sido trabalho e luta, no conhecimento e na transformação da natureza e no conhecimento e na transformação do homem. Ora, tanto o trabalho quanto a luta são casos particulares desse princípio de amplitude universal, de acordo com o qual a afirmação consiste na negação da negação. E, como o ser humano é, ao mesmo tempo, pensamento e ação, razão teórica e razão prática, a sua afirmação, quer dizer, a negação daquilo que o nega, pode fazer-se tanto em termos teóricos, especulativos, quanto em termos efetivos ou práticos.

Em passagem famosa do prefácio da "Fenomenologia do Espírito", Hegel escreve que "o botão desaparece na eclosão das flores, podendo-se dizer que o botão é refutado pela flor", assim como a flor será refutada pelos frutos. Ao eclodir, a flor refuta, quer dizer, nega ou critica o botão, do mesmo modo que o fruto critica as flores. A linguagem é evidentemente metafórica e antropomórfica, porque a flor não sabe que é flor e o fruto não sabe que é fruto. O que Hegel quer dizer é que botão, flor e fruto não passam de momentos de um mesmo e único processo, ou unidade orgânica, em que não se excluem apenas, mas são tão necessários uns quanto outros, pois "é essa igual necessidade que constitui a vida do todo", ou da totalidade.

A refutação, a negação, a crítica é, pois, momento essencial do processo cósmico e histórico, que só é processo e vir-a-ser, porque inclui em si mesmo, na sua estrutura, a contradição, mola propulsora de seu desenvolvimento. Patente, e perfeitamente visível no plano da vida, ainda mais ostensiva se torna no plano da história, que não passa da história da contradição, ou das contradições, como dissemos, entre o homem e a natureza e o homem e o próprio homem.

Consciente no mundo humano, a crítica assume as duas formas que correspondem às duas dimensões do logos, a teórica e a prática. Embora distintas, as duas formas da crítica são inseparáveis e correspondem a dois momentos de um mesmo processo, de refutação ou de negação de determinada estrutura, situação ou tese. Exercendo-se em nome da razão, ou da racionalidade, que procura afirmar-se negando tudo aquilo que a nega, tradições, preconceitos, superstições, dogmas, autoridade, interesses, paixões, etc., a crítica teórica, ou a teoria crítica, procura desvelar a irracionalidade do *statu quo*, as contradições e injustiças que implica. Ao criticar o *statu quo*, a crítica teórica propõe

implicamente a sua transformação, quer dizer, a sua nega-

ção efetiva pela prática, pois, na denúncia da opressão e da espoliação, por exemplo, está incluso o apelo em favor da luta pela libertação e pela justiça.

Embora seja essencialmente contradição, movimento e mudança, a história tem sido, também, tentativa de interrupção da própria história e de imobilização de seu curso, ou da sua fluência. Procurando ignorar ou negar a dialética do processo histórico, os movimentos de restauração, os surtos reacionários, procuram imobilizar esse processo em um dos seus momentos, o momento da afirmação ou da tese. Concretamente, a tese consiste na afirmação dos interesses das classes economicamente dominantes e politicamente dirigentes, isto é, das classes que detêm o poder.

Empenhadas na perpetuação desse poder, de que são as beneficiárias, as classes dominantes tendem, inevitavelmente, a excluir ou tentar excluir a anti-tese, a partir do momento em que a anti-tese passa a representar uma ameaça efetiva à sua permanência no poder. Concretizada a ameaça, que contesta os fundamentos do regime, quer dizer, a apropriação privada dos meios de produção, a classe dominante instaura, pela força, a autocracia ou a ditadura, que, em termos filosóficos, procura fazer da tese um absoluto, dela excluindo a anti-tese. Tal negação, porém é sempre provisória e aparente, porque ignora, ou pretende ignorar, o tempo, rio heracliteano que corre sem cessar e no qual jamais nos banhemos duas vezes.

Se a substância da história não fosse o tempo, o tempo contraditório e dialético, que só é na medida em que deixa de ser, e cujo ser consiste em passar, em fluir, em transcorrer, se o estofado da história não fosse o tempo e se o tempo não fosse irreversível, as autocracias e as ditaduras poderiam perpetuar-se no poder, tornando eterno e definitivo o que, por definição, é efêmero e passageiro. Inscrições na história, porém, abrigam as contradições que, cedo ou tarde, as condenam a perecer. A negatividade que pretendem eliminar, excluindo a anti-tese e fazendo da tese um absoluto, as desgasta surdamente, as corroe lenta e silenciosamente "até que a nova figura, como diz Hegel, desintegre, fragmente por fragmento, o edifício do (seu) mundo precedente... Essa desintegração, que não alterava a fisionomia do todo, é interrompida pelo nascer do sol, que, em um relance, esboça, de uma vez, o edifício do mundo novo".

Essência do processo, a contradição não pode ser eliminada, mas apenas provisoriamente reprimida. A contradi-

ção, quer dizer, a negação, a crítica. Porque, como o espírito é tempo, ou a consciência história, a negatividade ou a crítica é a própria vida do espírito. Não tem sido outro o sentido da filosofia, forma suprema de manifestação do espírito. De Sócrates a Descartes, e de Descartes a Kant, Hegel e Marx, a filosofia tem sido crítica, crítica radical, em que se exerce livremente a infinita negatividade do espírito. Crítica que não se submete a instância alguma que não seja a da própria razão, pois é em nome da razão e da exigência de racionalidade que os filósofos exercem a crítica não só da religião, da arte, da ciência e da técnica, dos usos e costumes, das instituições jurídicas e políticas, mas da própria filosofia.

A filosofia, sem dúvida, não se reduz ao momento crítico, da negação, pois sua tarefa específica, como diz Hegel, consiste em resolver as contradições do entendimento, restaurando a totalidade e construindo o absoluto. A negação da negação, porém, é a condição da afirmação, ou da positividade, como vimos. Ou, com outras palavras, a construção do mundo novo em que a liberdade possa afirmar-se, tanto teórica como praticamente, pressupõe a crítica, a negação do mundo precedente, que representa a negação da liberdade. O momento positivo, da construção, implica, conseqüentemente, o momento prévio da crítica ou da negação do *statu quo*.

A crítica não é, portanto, uma forma arbitrária e facultativa de atividade do espírito, mas um momento essencial e insuprimível dessa atividade, o momento em que o espírito se afirma como liberdade, negando aquilo que o nega. As autocracias, ou ditaduras, representam a negação da liberdade, do direito ao exercício da crítica, seja teórica seja prática. A luta pela liberdade, ou pelo estado de direito, que garante a liberdade, pressupõe, portanto, a negação prévia do estado de fato, quer dizer, a negação da negação.

No movimento, ou na realização histórica do espírito, no processo ao longo do qual a história toma consciência de si mesma, o momento crítico é de importância decisiva, pois consiste em transcender o dado, em libertar-se pelo pensamento do *statu quo*. Esse momento do processo é decisivo, embora se limite ao campo da teoria, porque é condição de possibilidade não só do terceiro momento, da positividade, ou da síntese, mas da própria crítica no campo da prática, pois a ação consciente é a consciência em ato, ou o pensamento empenhado em sua realização.

Assim entendida, e não vemos como entendê-la de outra maneira, a atividade crítica se confunde com a vida do espírito que, em si mesmo, é liberdade, ou melhor, processo de libertação, luta contra tudo o que contesta e nega a liberdade. Eis porque dizíamos, no começo deste artigo, que, na atual conjuntura, nenhum título poderia ser mais adequado, para um jornal de oposição, que o título de Crítica.

# GANÂNCIA MATA MAIS QUE DOENÇA

A quase inexistência de controle sobre a qualidade dos remédios, a precaridade do atendimento social, a automedicação e a falta de meios materiais para a manutenção de uma boa saúde, acarretam milhares de novos doentes diariamente. Esses problemas podem ser facilmente corrigidos, mas todos os medicamentos aqui produzidos, com a exceção da Central de Medicamentos, são fabricados por laboratórios estrangeiros que pouco se interessam com a saúde do povo brasileiro. Experiências de medicamentos, testes simulados e a abusiva venda de remédios proibidos nos países de origem desses laboratórios, são práticas constantes por esses trustes dos medicamentos.



Ambulatório do INPS:  
a longa fila para uma receita que  
ninguém pode comprar

O trabalhador brasileiro só vai ao médico quando falham as infusões domésticas, os benzimentos e as "simpantias". Ele foge do médico porque, não podendo pagar a consulta, depende da Previdência que, quando não é omissa, está oculta por tantos obstáculos que o desencorajam. E foge, também, porque o médico da Previdência se baseia exclusivamente nos seus conhecimentos científicos e sua receita, que atende perfeitamente ao diagnóstico, é incompatível com a "doença" sócio-econômica do paciente e está, quase sempre, fora do seu orçamento de salário mínimo. Isto ocorre porque a evolução da estrutura de assistência médica e farmacêutica não acompanhou o desenvolvimento da indústria que criou drogas miraculosas, de fórmulas complicadas e preços altíssimos. E resulta que, quando o trabalhador consegue o médico, não tem dinheiro para adquirir os medicamentos e, então, ele joga a receita fora e compra o "santo remédio" que o vizinho indicou.

Na verdade, a automedicação é anterior à ciência médica. Nasceu com o homem e seu instinto de sobrevivência. Mas, se ontem as tentativas caseiras de cura eram a escolha inevitável, hoje elas podem representar o caminho mais curto para a morte. Isto, exatamente porque as ervas e rezas foram substituídas pelas possantes drogas de fins específicos que curam determinadas doenças, mas podem criar complicações fatais quando não são adequadamente ministradas. São os remédios que "só podem ser vendidos sob prescrição médica", mas que a gente adquire em qualquer drogaria com a mesma facilidade com que se compra um guaraná no bar da esquina.

#### Cura que pode matar

Para se ter idéia dos perigos da automedicação não é necessário sequer sair do campo dos analgésicos que todos nós adquirimos e fazemos questão de ter em

casa, no escritório e até no bolso. Recentemente, as autoridades médicas dos Estados Unidos concluíram que os medicamentos que possuem em sua fórmula a droga Dipirona podem causar agranulocitose que é a diminuição ou ausência de leucócitos granulados no sangue e pode ser fatal. Nos medicamentos à disposição no mercado brasileiro, em cuja fórmula entram a Dipirona estão: Novalgina, Buscopam Composto, Apracur, Carisolina, Metamizol, Anador, Par, Lisador, Baralgin, Sedazepam, Eblimom, Doranol, Neosadina, Dolorem, Citalgin, Cinarverim, No-Spa, Dorscopena, Quisedor, Magdor, Dorflex, Dorlison, Neuramon, Setaglina, Beserol e até o popular Comel.

O Ministério da Saúde afirmou, segundo noticiamos os jornais, que no momento, não tem condições de assegurar, ou controlar, se todos os remédios à base de Dipirona, colocados no mercado brasilei-

ro, possuem os produtos indicados nas bulas e nas dosagens precisas. E o Serviço Nacional de Fiscalização da Medicina e Farmácia já afirmou que não pretende proibir a venda desses medicamentos e está, apenas, estudando a possibilidade de estender a esses remédios as recomendações quanto ao uso e efeitos colaterais maléficis.

Mas, alguns médicos, entre os que sugerem a abolição total das bulas, acham que de nada adiantará se escrever na bula que o remédio pode causar agranulocitose, pois o trabalhador que se automedica não saberá que isto quer dizer diminuição ou ausência de leucócitos granulados no sangue. E, se souber, pode até achar que isto é bom, porque um "amigo lhe falou certo dia que ele tem o sangue grosso".

No campo dos antibióticos os riscos são de igual gravidade. A Consumer's Union (União dos Consumidores) dos Estados Unidos fez até uma relação das drogas perigosas à disposição do público. Mas a divulgação da lista e de seus efeitos colaterais não diminuiu o consumo. Continuam largamente difundidas e utilizadas - sem controle médico - drogas com a substância ativa de cloranfenicol, por exemplo, que pode causar perturbações sanguíneas graves e fatais, mesmo após curto período de uso. Entre as drogas que contêm esta substância temos em nossas farmácias: Fibrase Suspensão Kanda. Há também drogas perigosas que se combinam em um único medicamento, como a associação de cloranfenicol com tetraciclina, presentes nos medicamentos: Tetraxis, Miocilin, Microcetina e outros.

A Neomicina também foi incluída na relação, pois seu uso pode causar surdez irreversível ou danos nos rins. Esta substância está na fórmula dos remédios Entibios e Panotil (última associação de neomicina e cortisona). As sulfanamidas também entraram para o "index" da Consumer's Union, em sua associação com outras drogas temos: Bactrim, Espectrim e Selectrim. Até o popular Tretrex foi considerado perigoso, pois em sua composição entra a tetraciclina associada à penicilina. Mas o seu preço, Cr\$ 3.50 o envelope com quatro comprimidos, e sua fama de "cura-tudo", garantem seu mercado.

#### O drama de Alcides

Mas se estas denúncias e outras, feitas ultimamente pela imprensa brasileira, encontram o apoio da classe médica, e certa aceitação na classe média, junto a população de nível sócio-econômico mais baixo são totalmente inócuas. Pois

o trabalhador não tem como fugir da automedicação. Entre o árduo e difícil acesso a um consultório e o caminho aberto da farmácia, onde o remédio pode ser escolhido também pelo preço, ele não tem opção: põe em jogo, inocentemente, sua saúde e às vezes sua vida.

Se os sintomas cederem, temos mais um propagandista-voluntário do remédio; Se não houver melhora ele decide procurar um médico, ou melhor, marcas a consulta. Ato que exige do doente, numa primeira etapa três condições básicas: tempo, paciência e disposição, para enfrentar as filas. E numa segunda, dinheiro para aviar a receita.

Lucia Souza Silva, de 23 anos, está doente há quase um ano, quando começou a sentir cansaço e sono constantes, tonturas e mal-estar generalizado. Nesta época trabalhava no restaurante da fábrica Brasilit. Os sintomas foram definidos por ela, amigas e família como carência de vitaminas. E a "receita" foi Rarical e injeção de vitamina B12.

Mas a doença aumentava. Chegou ao ponto de Lucia não poder mais trabalhar na firma. Faltava muito, principalmente por causa das tonturas, e atrapava o serviço. Deixou o emprego e agora, para não "pesar muito em casa" faz faxinas em casas de famílias.

Mesmo assim, ela relutou em procurar a Previdência e só o fez agora. Para o fato de não ter procurado o INPS antes, Lucia alega que sua "fraqueza" é tanta que não consegue ficar muitas horas de pé numa fila. E como sua mãe e irmãos trabalham, não tinha ninguém para marcar a consulta. Só quando sua palidez e magreza ficaram muito evidentes, a ponto de assustar a família é que ela foi forçada a enfrentar a espera para se pegar à "senha" que dá direito a uma consulta no dia que o INPS marcar.

Vencida esta etapa Lucia chegou até ao médico que antes de um diagnóstico pediu exames clínicos de sangue e fezes. O INPS marcou para a entrega do material e coleta de sangue dez dias após a consulta. Até o retorno, com o resultado dos exames pedidos, Lucia vai tomar vitaminas prescritas pelo médico. Mas uma certeza fica. Entre a moça doente e sua cura interpõem-se, ainda, longas e novas filas.

### O pobre na encruzilhada

O aposentado do INPS Alcides Monteiro não se assusta com as filas e as esperas. Pois esta cena foi rotina nos seus 30 anos de funcionário da Previdência. Seu drama é o preço da receita. Um verdadeiro rombo no orçamento doméstico que seu salário-aposentadoria tem que cobrir.

A última receita que comprou - em janeiro deste ano - custou mais de 70 cruzeiros. Só o antibiótico receitado - Troziman 500 mg - custou 63 cruzeiros. Alcides só o comprou porque: "era fim de mês e eu tinha recebido minha aposentadoria. Senão não ia dar".

O médico prescrevera uma drácea de 8 em 8 horas, durante 7 dias. A caixa tinha 20 cápsulas, isto é, faltava um para seguir, religiosamente a indicação da receita. Mas esta diferença não chegou a prejudicar o tratamento. Mas o próprio Seu Alcides afirmou que se a caixa tivesse apenas 8 ou 12 cápsulas - como grande parte dos antibióticos - ele teria comprado apenas a primeira caixa. E neste caso, todo o seu sacrifício teria sido inútil. Os sintomas, poderiam, provisoriamente, ceder, mas não a doença.

Para os médicos do INPS este problema de não obediência à receita é antigo e comum. Por acreditar na cura ou por falta de dinheiro para nova caixa do medicamento, muitos pacientes interrompem o tratamento antes do tempo programado pelo médico.

### O perigo nas crianças

O médico pediatra Antonio Maia Neto depara, frequentemente, na Policlínica Guanabara - onde chefia o setor de



pediatria - com crianças "medicadas" pela mãe. E sobre isto diz:

"Esse tipo de medicação constitui um sério problema, principalmente no domínio da pediatria. Antibióticos, corticóides, analgésicos vitamínicos, são manipulados, às vezes, sem o mínimo conhecimento dos efeitos que possam provocar. É muito comum a criança apresentar um episódio de febre e a mãe dar certo antibiótico, apenas porque há algum tempo atrás a criança foi ao médico com febre e aquele tinha sido o medicamento receitado. Agindo desta maneira, a pessoa pode "mascarar" uma doença mais grave e induzir a resistência ao antibiótico, pois na maioria das vezes, este não é dado na posologia, nem pelo tempo adequados. Isto sem falar na inconveniência dos efeitos colaterais, pois como disse muito bem Miguel Couto, a terapêutica é uma toxicologia fracionada".

Sobre os efeitos colaterais da administração de remédios sem o controle médico afirma o pediatra Antonio Maia: "As vezes chegam as nossas mãos uma criança, entre um a dois meses de idade, com um quadro diarréico; ao fazermos o histórico da doença, constatamos que o que a criança tinha inicialmente era um erro alimentar, que tão logo fosse corrigido, cessaria a doença. Pois bem, na maioria das vezes esta criança já foi medicada, em casa, com medicamentos à base de antibióticos que destruíram totalmente a flora intestinal, piorando em muito o prognóstico da doença."

Outra preocupação deste pediatra é o uso dos corticóides: "Constituem os corticóides medicamentos notáveis, mas que também apresentam seus inconvenientes e, por este motivo, só devem ser usados por quem de direito. Não é raro uma criança ser levada ao médico com uma crise de asma brônquica, e este prescrever-lhe um corticóide, e a criança

obter uma grande melhora. Não tenham dúvidas, da próxima vez, em casa mesmo, lhe receitarão o mesmo medicamento. Estará ela apta para receber aquele corticóide? Não haverá, no momento, nenhuma infecção concomitante, que contraindique o seu uso? Só o médico está apto a responder tais perguntas".

Como causas para esta "medicina materal" ele afirma entre outras a facilidade em se obter qualquer remédio nas farmácias e drogaria; falta de condições financeiras ou mesmo tempo para se procurar o médico; e princípios ultrapassados, segundo os quais "pequenos" problemas de doença podem ser resolvidos sem o concurso do médico. E como solução, apresenta: "maior controle na venda de medicamentos, principalmente, os antibióticos; esclarecimento junto ao



Pobreza: dinheiro de lavadeira não dá para pagar remédio

público, principalmente às mães. Uma boa oportunidade para isto seria nas reuniões de pais e mestres, nas quais se convidaria um médico para falar a respeito do problema. Evitar também, propaganda para leigos de qualquer tipo de medicamentos. São muito conhecidos os exemplos de fortificantes, estimulantes de apetite vendidos até em supermercados".

### Abaixo as bulas

O presidente da Associação Médica da Guanabara, médico Gerson Rodrigues Lago é de opinião que uma das consequências mais sérias da auto-medicação se relaciona com o uso indiscriminado de antibióticos. E que esta utilização sem orientação médica, pode trazer ao doente consequências mais graves do que a própria doença que este procurou curar.

"Grande parte da população, por qualquer espirito toma antibióticos. Quando realmente precisar, ele já não faz mais efeito. Criou-se resistência no organismo. Isto além dos efeitos colaterais que só um médico pode prevenir ou evitar".

Para o presidente da AMG existem poucos postos de atendimento médico para quem não pode pagar um clínico particular: "quando existe, há filas enormes e muita espera. Então, quando o caso é simples, a pessoa se automedica e medica mal. As vezes consegue a cura, outras se complica".

No ponto de vista da AMG a solução é: maior controle de todo o medicamento com a retirada das bulas fornecimento de informações de laboratório apenas para médicos. Cita como exemplo os medicamentos da Central de Medicamentos (CEME) que não tem bulas.

### Providências da Previdência

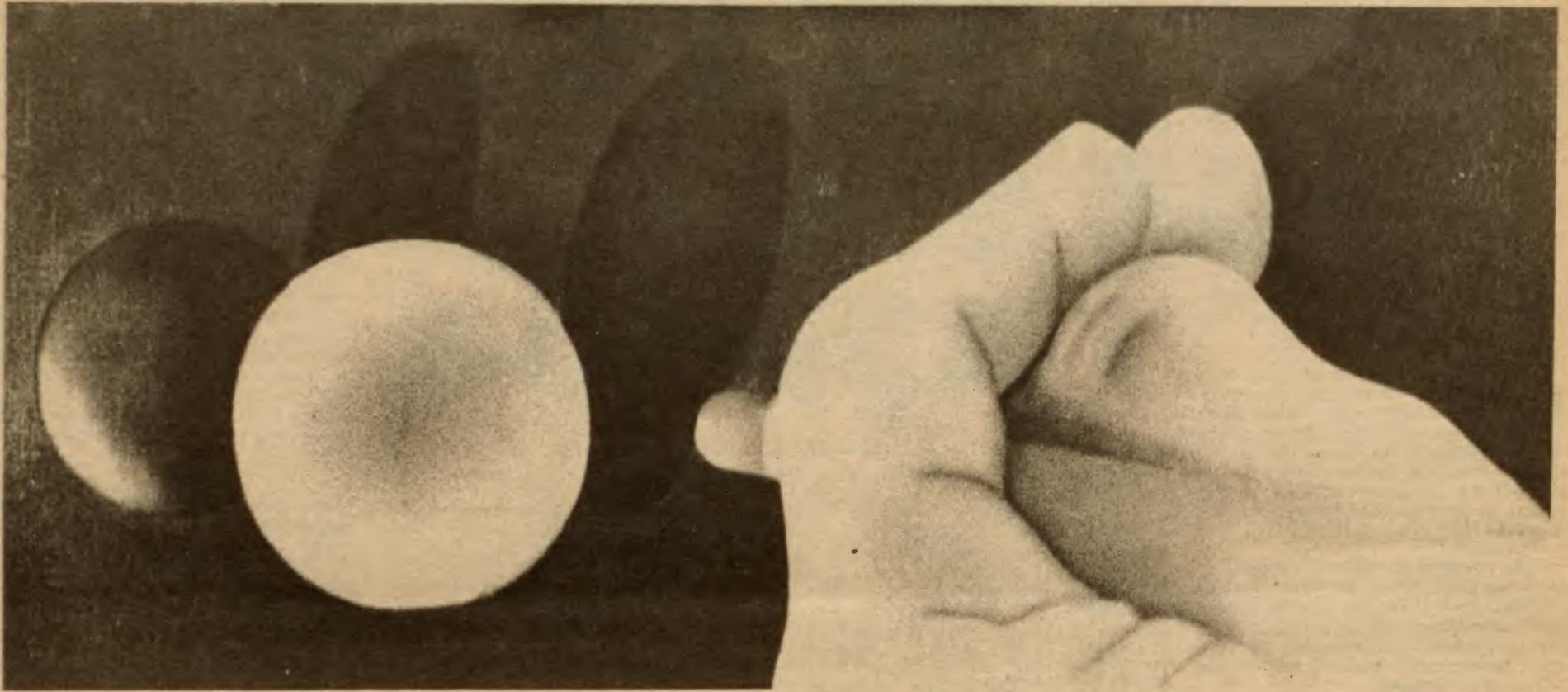
O INPS fornece medicamentos gratuitamente apenas aos seus segurados que estão internados nos hospitais da sua rede ou nos que tem convênio com a Previdência Social. Nos postos de atendimentos médicos só são fornecidos remédios quando os médicos prescrevem medicamentos da CEME. E quando esses medicamentos estão a disposição.

Segundo fontes da Previdência Social, em 1974 quatro milhões de beneficiários, internados na sua rede hospitalar própria ou contratada, receberam medicamentos e outros produtos farmacêuticos no valor aproximado de 500 milhões de cruzeiros, o que equivale a cerca de 20% da despesa direta com os hospitais, estimada em 2,4 bilhões.

Quanto a distribuição de medicamentos nos postos de atendimento, o próprio INPS reconhece que é precário. A distribuição de medicamentos atinge apenas aos portadores de tuberculose (avaliados em torno de 100 mil) em tratamento nos Postos de Assistência e aos que tiverem a sorte de terem receitas - prescritas por médicos da Previdência - que possam ser atingidas pela medicação CEME. Há também limitações geográficas. Isto porque o convênio INPS/CEME - para fornecimento de medicamentos só está implantado nas regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste.

Segundo fontes do Ministério da Previdência e Assistência Social já está aprovado um plano referente à assistência médica que visa ampliar os postos de atendimentos - através de novas instalações e convênios com clínicas particulares - e uma reformulação na distribuição gratuita de medicamentos para os beneficiários sem recursos. De acordo com estas fontes o convênio INPS/CEME seria implantado em todo o país, seria também incentivada a prescrição de remédios da linha CEME. Esta última medida, pode solucionar o drama do Alcides e de outros trabalhadores que não podem comprar os remédios. Mas pode também, apenas acrescentar algumas filas a mais na rotina do doente da Previdência. Resta saber onde ele chegará antes: ao remédio ou a morte.

ILVANERI A. PENTEADO



No atual bilhar há um maior refinamento da textura, com nítida acentuação do erotismo.

## JOGOS ERÓTICOS DE NORMA BANDEIRA

Com uma pintura baseada em símbolos, Norma Bandeira oferece um dos capítulos mais refinados da arte erótica brasileira esta semana na Galeria Ipanema.

É através da construção de um sistema de símbolos que o homem apreende o mundo. O mundo exterior, a fim de existir para o sujeito, sofre uma transformação: desaparece na sua naturalidade bruta para renascer sob a forma de universo simbólico. Sem essa transformação o homem não poderia assimilar-se ao mundo. Quem o diz é Monique Augras no seu já hoje clássico "A Dimensão Simbólica". E é precisamente uma reconstrução do mundo, em termos de releitura simbólica, o que nos propõe a pintura de Norma Bandeira, através de seus Jogos, expostos na Galeria Ipanema (Aníbal de Mendonça, 27).

Fundamentalmente essa série atual da pintura de Norma Bandeira lança mão de três elementos de forte carga simbólica: a esfera, forma permanentemente em repouso, por isso escolhida pelos alquimistas, pelos junguianos e por todos os místicos como símbolo do poder indestrutível; o bastão, presente na grafia fálica de toda a simbologia universal; e a mão humana, identificada no "tarot" e no Tai-Chi como a intervenção da inteligência do homem nos domínios do transcendente, conseguindo impor-lhes os rumos ditados por sua vontade.

A esfera e o falo aqui se encontram representados pela bola de bilhar e o taco, compondo com a mão um trio elementar de que parte a pintora para duas metas que são forma e fundo do seu trabalho. Aquela, um trabalho de visualidade depurada, este uma leitura metafí-

sica em cujo curso se imporão decodificações e analogias sem as quais sua obra não será penetrada, restando o olho na superfície, gratificado com uma beleza formal que é comunicante em si, mas além da qual vale bem a pena ir.

### A linguagem erótica

Formalmente Norma Bandeira teve a influência confessada de Pietrina Checcacci, mas nega a de Man Ray, o papa da "body art", cuja obra conhece bem, mas na qual não vê influências para as suas mãos ora tensas e possessivas, ora indolentemente idílicas, acariciando, possuindo ou simplesmente roçando as bolas e os tacos de bilhar dos seus Jogos. Do desenho de Serpa Coutinho, um outro parentesco formal com que lhe aceno, diz conhecer tão pouco que afasta qualquer hipótese de influência. Esta, como identifico em alguns trabalhos de sua fase anterior, vinda de Leonor Fini e de alguns outros expoentes do sensorialismo milanês dos anos sessenta, ela admite plenamente:

— Sim, sou uma estudiosa da obra de Leonor Fini, desde quando fui aluna de Thales Memória, que me ensinou história da arte. Essa visão sensual do meu trabalho me foi, por assim dizer, revelada pelos críticos; a princípio não tinha noção exata de que se tratasse de uma linguagem erótica. Sabia apenas, como sempre estive ligada ao surrealismo, que a minha era uma escritura simbólica, mas um símbolo é um valor subjetivo: onde um vê um demônio, outro verá uma Madona. Sete

anos de análise me ensinaram que não há uma linguagem absoluta. Partindo do princípio de que todas as linguagens individuais são válidas, fui fixando nas telas aquilo que o meu in-

consciente dizia. A interpretação do meu trabalho, essa decisão, por assim dizer, pertence aos que o vêem, que o estudam. Fiz a minha parte, isto é, procurei transmitir, dentro dos



A fase anterior de Norma era um jogo de xadrês de composição surrealista.

padrões técnicos de pintura que pude alcançar, aquilo que minhas forças interiores quiseram dizer.

Esses padrões técnicos que Norma pode alcançar — e que são bastante altos, mesmo não considerando que ela não pinta há tanto tempo quanto o amadurecimento de sua técnica sugere — começaram por um aprendizado com Ivan Serpa e Bruno Tausz, com os quais fez desenho e pintura. Sua dúvida inicial, quando procurou Ivan, era quanto ao atingimento de uma pintura séria e o desaparecido mestre lhe fez ver que tudo dependia do afinco com que se dedicasse ao trabalho.

A isso a tenacidade de Norma respondeu com uma dinâmica que incluía a princípio cinco, em seguida oito e depois dez horas de trabalho diário, pois o que a apavorava era ser confundida com tantas pessoas de sua classe social que fazem breves estágios no aprendizado artístico como mero diletantismo:

— Naquela época minha pintura era bonitinha, decorativa e o Ivan logo me deu consciência disso, dispensando-me um tratamento encorajador, mas sem concessões. Isso me levou a descobrir que levar a arte a sério implicaria numa ruptura com muitos esquemas de vida com que eu me encontrava comprometida. Meu marido, já então artista destacado em sua especialidade, a fotografia, tinha um laboratório, onde montei também meu ateliê. É um apartamento modesto, de duas peças, que representa para nós a antítese da vida social que levamos. Lá eu sou outra pessoa: ando descalça, preparo minhas refeições. É como se fosse o outro pólo do seu mundo; acho que me equilibro entre essas duas realidades e é esse equilíbrio que me permite criar.

### O mercado de arte

Além de Ivan Serpa e Bruno Tausz, Norma estudou gravura com Sérulo Esmeraldo, em Paris, e com Adilson Santos. Expôs no Espace Cardin, na capital francesa e na Galeria Zanini, em Roma, ambas as mostras no ano passado. Entretanto seus êxitos europeus não lhe subiram à cabeça:

## Dois escritores duas gerações

"A noite é mentirosa. A noite inventa tudo. Um homem experiente não acredita nela" (Luís Jardim). "Riqueza tem sua treva, pobreza tem sua luz! Já a miséria é desgraça, pois a desgraça conduz!" (Ariano Suassuna)

- Não sou nada deslumbrada a respeito da Europa; acho que a arte brasileira e mesmo a cultura brasileira, de modo mais amplo, têm muito a dizer. Acompanho, mesmo quando estou longe do Brasil, o que se passa aqui em termos de arte e acho que, corrigidas certas distorções, temos um público com capacidade de absorver o que se faz de bom entre nós. Pessoalmente nunca tive problemas, mas conheço artistas muito bons que sofreram o diabo com os vícios do mercado de arte. Ora é o prestígio social do artista ou seus padrinhos que funciona, onde devia haver um critério seletivo mais decente; ora é um falso mecenas que consiste em dispensar ao artista uma duvidosa proteção, que em termos econômicos corresponde quase a uma chantagem sadica contra a falta de condições do "beneficiado"; ora são critérios anacrônicos de admissão e premiação de artistas em certas áreas que deveriam funcionar como condutores de novas propostas; enfim há muito que fazer, mas quando alguns passos forem dados, todos verão que o Brasil tem condições de projetar sua arte internacionalmente.

### Um todo mágico

Vinda de uma recente fase em que os personagens do jogo de xadrez eram seus protagonistas, Norma Bandeira afirma, com a atual mostra da Ipanema, a qualidade que os críticos já haviam assinalado em seu trabalho anterior. Seus quadros não somente "agradam o olho, pelo suave colorido dos seus esquemas cromáticos" como testemunha José Roberto Teixeira Leite, mas há neles "o clima misterioso, sugerido por uma conquista da cor frontalmente plástica, transfigurada por veladuras que estruturam a composição num todo mágico, no qual os instrumentos assumem a posição fantástica de símbolos nitidamente eróticos", como assinala Walmir Ayala.

Os Jogos, como a pintora preferiu intitular genericamente sua exposição de agora, recusando-se a atribuir um título a cada quadro em respeito à interpretação subjetiva de cada leitor de sua fábula, é uma espécie de "roman-à-clef". Como em seus companheiros de gênero, não comporta uma tradução simétrica de significados, mas permite aproximações e equivalências.

Se o jogo continua sendo o tema da pintora, antes o intelectualizado xadrez, agora o lúdico bilhar, aqui tivemos um aprofundamento do jogo maior de sua pintura, anteriormente circunscrito à crônica de um exercício cerebral, para agora abranger o drama gestual, ambiental, rítmico de um jogo em que o tato e as esferas mimetizam e metaforizam outros jogos, capítulos do jogo maior entre o homem e o mito - a vida.

A humildade da artista diante da densidade misteriosa de sua obra, recusando-lhe rótulos e detendo-se aquém do inventário teórico de suas vertentes é o segundo sinal, em importância, de sua autenticidade. O primeiro é o sentido profundo de libertação, a carga transcendente de totalidade que não pode ser vista apenas como a correta solução de uns quantos problemas do fazer artístico, mas que supõe uma emocionante maturidade estética não dirigida apenas aos olhos: uma proposta de releitura das regras do grande jogo.

RUY SAMPAIO

O recente lançamento da *Seleta*, de Luís Jardim (Livraria José Olympio Editora, Rio, 1974), vem confirmar não apenas alta qualidade literária de seu conto, como, uma vez mais, demonstrar a falta de contistas marcantes em nossa ficção nordestina, tão rica em "ótimos e numerosos romancistas".

Luís Jardim foi uma exceção. Desde seu primeiro livro, *Maria Perigosa*, lançado em 1939, e que mereceu no ano anterior, quando ainda inédito, o Prêmio de Contos Humberto de Campos, instituído pela José Olympio, toda a sua obra pautou-se pela criação psicológica dos tipos, embora o assunto e o tratamento de seus contos "se prendam a costumes nordestinos" e ao aproveitamento não só do nosso folclore como de nosso populário daquela região.

As três histórias selecionadas para a presente *Seleta* nos mostram precisamente o escritor já amadurecido, cômico do seu métier, dono de uma linguagem muito pessoal, muito exata e muito enxuta, onde forma e conteúdo se coadunam numa concisão de rara beleza. Mesmo no aproveitamento de certos aspectos rurais do Nordeste, Luís Jardim não se perde no apenasamente documental, como sói acontecer frequentemente com escritores congêneres seus, menos felizes em seu achados. Ao contrário. Uma contínua revalorização de dados estranhos à própria estrutura da literatura, mas aqui aproveitados com sensibilidade e inteligência, parece ser uma característica do escritor, que passa assim a renovar o veio de onde tirou o seu assunto, sem se preocupar em insistir nos preconceitos de paisagem e de linguagem, tão comuns a certos autores menores que circulam pelo nosso regionalismo literário.

Sim, na verdade, Luís Jardim renova esse veio literário a que nos referimos; renova, mas não inventa. Pois através de seus contos, "no seu inconfundível modo de dizer, faz suas, faz esquecidamente suas, a psicologia verbal e as formas expressivas do povo. E será este, provavelmente, o maior valor do seu livro." (Mário de Andrade, *O Empalhador de Passarinho*, a propósito do lançamento de *Maria Perigosa*).

Em toda a obra de Luís Jardim há uma incontestável "espontaneidade popularesca, um vigor, um ineditismo de expressão em que as imagens, as comparações, as metáforas, saltam, vibram, ora novas, ora conhecidas, mas com aquela necessidade mesma, aquela aparente ausência de literatura, própria da boca do povo". Chovem os exemplos neste sentido, aliás. Logo no primeiro conto desta *Seleta*, intitulado "Coragem", vamos encontrar várias expressões muito bem jogadas pelo contista, como "dar uma boa bicada de cana", "eu peito tudo" (expressão relacionada com o adjetivo peitudo), a utilização do verbo botar (de uso muito antigo na região e que teria o seu equivalente em "lançar-se a ele"). Já nos outros dois contos são várias também as expressões manipuladas pelo escritor, senão vejamos: "putici", "camarinha", "alcoviteiro" - pequeno candeeiro de folhade-flandres com torcida de algodão, etc. Inúmeras igualmente as descrições em que o contista se utiliza, sempre com muita propriedade, das imagens mais ricas, das metáforas mais belas. Exemplo: "O mato revira-

se, quebrava-se, como numa pilóirada de novilhos. Davam pulos de gato, esbarradas de ginetes de sela, gemidos de onça ferida. A treva confundia tudo. Quase não se sabia com quem se lutava."

No tangente ao aproveitamento de nosso populário, em "Coragem", por exemplo, a história toda gira em torno de valentia e de assombração, coisa narrada pelo Capitão João Leite, onde abundam os lobisomens, os cabelos que se arrepiam e a revelação final do equívoco, desfecho típico dos casos contados no interior nordestino.

Já em "Paisagem perdida" inúmeras são as expressões popularescas a valorizar o texto de Luís Jardim, como: "prender o gado pra botar cambão no boioto", ou então: "acuara dois homens na ponta do punhal", etc. Na passagem do amansamento dos animais, na fazenda de Manuel Quirino, vários são os registros de troça dignos de destaque. E, quanto à parte final do conto, na festa do casamento de Vicência, af também o escritor utiliza-se do nosso populário, descrevendo uma típica festa de casamento, com "três violas (que) estavam penduradas nos armadores de redes e dois ganzãs embrulhados em lenços, postos no batente da janela", e os convidados já se aprontando para começar o baile. Merece ser transcrita aqui a cena montada por Luís Jardim: "Três homens, na porta da frente, repincaram as violas. Os ganzãs se remexeram, imitando a cascavel. Alguns pares formaram-se, e com pouco se dançava parelhastroada. Um caboclo baixo, de pescoço curto e de veias grossas, soltou o coro da dança:

"Tava a paca roendo coco  
Veio a cutia e tomou.  
Quero ver levantar cinza,  
Como ontem levantou."

Magníficas e de uma certa forma renovadoras, igualmente, as suas comovedoras histórias infantis.

Outra obra, numa linha semelhante de regionalismo, é esta *Seleta* em prosa e verso, de Ariano Suassuna (Livraria José Olympio Editora, Rio, 1974), ainda que pela idade e pela pesquisa e pela sua forma pessoalíssima de expressão ele deva ser colocado numa geração mais recente, mais próximo talvez do Guimarães Rosa de *Grande Sertões: Veredas* e do João Cabral de Melo Neto de *O Rio e de Morte e Vida Severina*.

Suassuna, tanto em seu teatro como em sua obra ficcional (romance e conto), longe de cair "nos artificialismos da idolatria do popular", utiliza as histórias e os mitos do nosso Romancero apenas como "um material bruto, que teremos de recriar na medida da força criadora de cada um de nós, dando-lhes um sentido mais amplo e mais capaz de universalização, um sentido ao mesmo tempo ligado e contra posto à significação do mundo e da vida". Para ele, "os folhetos e romances dos Cantadores têm a dupla vantagem de, ao mesmo tempo, nos religarem à tradição mediterrânea - pois muitos dos seus temas vieram de lá - e nos apontaram um caminho de renovação e atualização perenes, um caminho pelo qual podemos evitar os problemas de uma Arte imobilizada, fachada, de uma Arte exausta e bebezalizada, hoje colocada num beco-sem-saída, como acontece, sem dúvida, com a

Arte e a Literatura contemporâneas de vanguarda da Europa".

Para tanto, recorre o escritor paraibano não só à nossa literatura de cordel, como ao nosso entremez popular, quase sempre, na fonte, uma peça tradicional, anônima, do mamulengo nordestino. Esse entremez, nas mãos de Suassuna, pode ter caráter profano ou religioso, político ou social, moralista ou gozador. Esse teatro, "vivo e vigoroso", na feliz expressão de seu autor, nitidamente calcado nos nossos espetáculos populares do Nordeste, sem dúvida forma um todo de inequívoco caráter folclórico, não só com o mamulengo, mas também com o "auto dos guerreiros", com os "pastoris", com o "bumba-meu-boi" e outras danças dramáticas brasileiras, algumas de origem ibérica, tornando-nos "fiéis ao Povo singular, diferente, complexo, contraditório, e nos (recolocando) no fundo caminho ibérico, mouro-negro, asiático e mediterrâneo do qual somos herdeiros".

Num estudo bastante significativo, que muito acertadamente foi incluído nesta *Seleta*, pelo seu organizador, Silviano Santiago, o próprio Suassuna faz um ligeiro levantamento do nosso Romancero popular, de grande utilidade inclusive para leitores menos afeitos a esse assunto. Assim, começa por elucidar que "a estrofe mais importante no campo da poesia improvisada dos Cantadores - e também nos folhetos dos Poetas populares - é a *sextilha* ou *repente*", forma muito simples de estrofe e que ele nos recorda que já era usada inclusive na poesia portuguesa medieval. Prosseguindo, escreve o autor do *Auto da Compadecida*: "Da família da sextilha apareceu o *mourão*. Era, a princípio, uma sextilha dialogada. Na Vila do Teixeira, acrescentou-se um verso entre o quarto e o quinto, e o *mourão* ganhou em ritmo e beleza, com a disposição AB (primeiro Cantador), CB (segundo Cantador), DDB (primeiro Cantador)."

Também em Suassuna quem nos passa a informar que talvez tenha sido do *mourão* "que se originou a *septilha*, que é igual a ele no ritmo e na disposição das rimas, mas não é dialogada". Passa, então, por outra família-base do Romancero popular do Nordeste, que é a *décima*, "de origem erudita; já era usada no Século de Ouro espanhol, de modo que é um daqueles elementos eruditos e barroco-ibéricos assimilados pelo Povo nordestino". Como sabe o leitor, a *décima*, "em sua forma mais comum, é uma estrofe de dez versos de sete sílabas, rimados na disposição ABBAACDDCC". Lembra Suassuna que Gregório de Matos usou muito a *décima*. Porém "quando a *décima* é de dez versos de dez sílabas, é chamada de *martelo*, ou, mais especialmente, de *martelo agalopado*, para diferenciá-lo do *martelo* de seis pés, ou *gabinete*, hoje quase completamente desusado". Contudo, neste ponto, faz Suassuna um esclarecimento muito útil aos mais leigos: "o *martelo agalopado* não existe na Península Ibérica, é de criação nordestina", às vezes passando do tom épico para o cômico, exagerando para tanto o Cantador "as façanhas que costuma atribuir a si mesmo nos *martelos*" (ver Manuel de Lira Flores e Dimas Batista, ambos citados por Ariano Suassuna). Por fim, seria bom aten-

tarmos para o galopá beira-mar, "estrofe, de grande beleza, também derivada da *décima*". Diz Suassuna: "São dez versos de onze sílabas, rimadas na mesma disposição da *décima* e terminando sempre com um refrão, cuja variante mais comum é cantando galope na beira do mar".

Como em seus congêneres regionalistas, também em Suassuna a linguagem é de rara beleza, e enorme ponderação quanto à pesquisa e quanto às liberdades léxicas, que ele toma tanto em sua poesia, como em sua obra de ficção, incluindo seu excelente teatro. Deste modo, são vários os vocábulos empregados com precisão no contexto da obra, sucedendo-se uns aos outros com exatidão, propriedade e indiscutível bom gosto em seu aproveitamento semântico. Logo de início, topamos com *macaxeira* (aipim) que, aqui, corresponde a dar doença. Em seguida, *estúpido-badoque*, que nos informa, Silviano Santiago como sendo uma corruptela de *estouparar* o *bodoque*, ou seja, rebentar as canelas. À página 30, topamos ainda com uma extraordinária "Alma tão lequele!", isto é, alma sem valor, sem nenhuma importância. À página 41, o vocábulo *enjambrar*, que em Pernambuco significa ficar confuso, encabulado. Na página 43 essa *delícia* que é "nem preá e nem mondé" (nem uma coisa e nem outra). À página 55, a palavra *fincape*, também muito usada aqui no Sul, e que significa obstinar-se, assim como à página 62 o vocábulo *chapuleta*, também usado em outras regiões do país, e o *cadê*, à página 63, que possui a mesma aceção em várias zonas rurais e urbanas brasileiras. À página 65; duas expressões gostosíssimas: *galgo* e *semiconflauto*. À página 72, encontramos a palavra *peia* = chicote e *ser cortajaca*, isto é, ser adúltero, expressão igualmente de origem pernambucana. À página 74 vamos encontrar a menção ao *meganha*, vocábulo muito usado por José Cândido de Carvalho em *O Coronel e o Lobisomem*. Na página seguinte, o verbo *descangotar*; na página 79, *atino* e *desatino*; na página 82, *pé-rapado*, que significa, inclusive aqui no Sul, *pobretão*; na página 91, *quiri* = cacete e *deus-me-perdoe* = cacete, mas como de denominação jocosa; e na página 94, *balançar* o *esqueleto* = dançar.

Várias são as referências folclóricas encontráveis nesta *Seleta*. À página 90, *virar mulher*, "alusão à rendice popular que diz que o homem se transforma em mulher quando passa debaixo de um arco-íris". À página 67, referência ao *piparo*, instrumento de sopro, mais ou menos semelhante à flauta, porém menor e mais agudo, à palavra *zabumba*, tambor grande ou bombo, e ao *esqueanta-mulher*, expressão popular alagoana, que traduzida devidamente seria um conjunto musical rústico, constituído de tocadores de *piparos*, pratos e *zabumba*. Além de vez por outra surgir o problema racial e o social (com suas implicações de ordem político-econômicas) no teatro de Suassuna, quer nos parecer que o aproveitamento folclórico mais feliz que ele faz aqui nesta *Seleta* é o do *bumba-meu-boi*, especialmente no entremez popular *O Homem da Vaca e o Poder da Fortuna*, a partir da página 46 e seguintes. Gostaríamos outrossim de destacar esta deliciosa receita do personagem da mesma peça:

"Nao tem batata de imbu?  
Vá passar tudo no ralo!  
Junte água quente e pimenta,  
faça cabeça de galo,  
e a filharada enche a pança,  
que pobre não tem regalo!"

já que *cabeça de galo* é coisa típica do Nordeste, espécie de "mingau de farinha de mandioca, em geral tomado pela manhã".

Finalmente, referência especial aos dois contos selecionados para este volume, "O caso do coletor assassinado" e "O casamento", este último uma *delícia* de sátira e de bom humor, tão diferente do sentido trágico esboçado por Luís Jardim em seu conto sobre o mesmo tema, "Paisagem perdida", a história de um amor frustrado.

REYNALDO BAIÃO

# EROTISMO, PORNO & OUTROS DIREITOS

"Arrancai o trinco das portas / Arrancai as próprias portas dos seus portais!" (Allen Ginsberg). Todos já devem ter notado o número de filmes, livros e outros meios de comunicação censurados ultimamente, quer pelo Departamento de Polícia Federal, quer pelo Ministério da Justiça, quer mesmo por portarias do próprio ministro Armando Falcão, sob o pretexto de serem eróticos, pornográficos, atentatórios ao pudor, a família brasileira, etc etc etc. Quem também costuma ler esse jornal também deve ter percebido sua posição contra qualquer tipo de censura, política ou moral, e nesta coluna em particular a descrença no conceito moral nacional, pois, como já foi dito aqui antes, a moral da Ilha de Marajó não é a mesma da Ilha do Governador e muito menos a da Ilha de Guarujá.



Aliás, como já dizia o divino marquês de Sade em sua obra-prima "Justine" (proibida no Brasil desde 1969), o que é proibido em Paris pode ser permitido na China e vice-versa, não havendo nada que toda humanidade reprove — portanto a moral é mais uma questão de geografia (e de classe social). Numa sociedade futurista onde comer fosse obsceno, as bocas andariam cobertas como hoje aqui as nossas bundas.

Estranhamente, porém, nas sociedades de consumo (das quais nosso país infelizmente se gaba de fazer parte), o sexo é considerado algo mais perigoso e nocivo do que a violência, portanto o prazer e a fabricação de novos seres humanos são declarados piores do que seus maltratos e mesmo sua destruição. Péssimo sintoma, mas dá pra entender (embora nunca para aceitar), pois o sexo é uma força dissociativa e anárquica incompatível com sociedades autoritárias ou repressoras, a saber, a sociedade capitalista de consumo em geral, e seu exemplo brasileiro em particular.

No Brasil, onde todo mundo sempre confundiu erotismo e pornografia, ultimamente tem sido oficiosamente convenionado que o primeiro teria finalidades artísticas e a segunda,

comerciais. Assim seriam eróticos os desenhos sexuais de Pablo Picasso ou o clássico chinês "A Carne como Tapete de Precios" de Li-Yu (século 18), e pornográficas as revistinhas de Carlos Zéfiro que circulam ainda mimeografadas nas escolas ginasiais de todo Brasil, e "Último Tango em Paris", por exemplo.

Há também uma muito maior tolerância da nossa censura pelas supostas indecências escritas, que pelas mesmas fotografadas ou filmadas. Assim, "As Mil e uma Noites", clássico árabe, está livremente à venda, mas o filme de Pier Paolo Pasolini baseado nelas foi proibido por ser atentatório à moral, assim como os filmes do mesmo diretor baseados em "O Decamerone" de Boccaccio e "Canterbury Tales" de Chaucer.

Pasolini, que hoje filma o mais forte livro do marquês de Sade ("Os 120 Dias de Sodoma"), não é exatamente um diretor pornográfico. Pode no máximo ser considerado erótico, pois seus filmes em questão, embora mostrem muitos nus (masculinos e femininos) até em close, não apresentam a chamada penetração, que é o que no cinema, separaria e erotizaria da mera pornografia.

## Filmes da pesada

Horrorizados com os filmes do diretor italiano, que diriam nossos pudicos censores de, por exemplo, "Fireworks"-1947 do underground Kenneth Anger, ou do raríssimo "Chant d'Amour"-1954 do dramaturgo Jean Genêt — que mostram, mesmo alegoricamente, fantasias homossexuais, uma entre adolescentes e marinheiros, outro nas sádicas prisões francesas?

Muitos ingenuamente perguntam por que será que o nú feminino é mais tolerado que o masculino? A resposta é óbvia, pois numa sociedade machista a mulher não passa de mais um outro produto de consumo, e o homem é quem domina. E não se iludam com futuras possíveis liberalidades ao nú masculino: só será atenuada sua censura no dia em que o mercado o exigir por reivindicações das mulheres e dos homossexuais. Será então um problema de grana, não de ética.

Outros retrucam que filmes que tratam do homossexualismo não deveriam nunca ser liberados porque trazem em si o germe do sado-masochismo. Isto é verdade, mas já foi amplamente respondido pelo título de

um filme alemão que, obviamente, nunca passará entre nós: "Não é o homossexual que é corrupto mas a sociedade que o cerca", produção de 72.

A produção mundial de filmes pesados divide-se em dois tipos: os de "hard-score" que apresentam penetração, fellatio e flagelação; e a de "soft-score" que pode apresentar nudez, mas o resto é somente sugerido. Digam o que disserem, toda produção brasileira e italiana das chamadas porno-chanchadas pertencem ao gênero menos pesado, e mesmo assim muitas são proibidas ou mutiladas em Brasília, mesmo que seus melhores representantes nunca tenham chegado até nós.

O rei do "soft-score" é Russ Meyer, diretor californiano que lembra um pouco Rogério Sganzerla na agilidade do seu estilo, principalmente em "Faster, Pussycats, Kill Kill"-68, "Finders Keepers, Lovers Whippers"-69 e "Vixen"-70, seus melhores filmes. Produtor independente, seus filmes nunca chegaram aqui, com a exceção do engraçadíssimo "Além do Vale das Bonecas/Beyond the Valley of the Dolls", sequência do melodrama "O Vale das Bonecas", produzido pela Fox — e proibido por Brasília.

O "hard-score" ficou famoso há dois anos quando "Deep

Throat/Garganta Profunda" saiu do circuito especializado e faturou milhões de dólares nos EUA, antes que a Corte Suprema o interditasse, o que não fez porém com o interessante "The Devil and Miss Jones", "Black Skin", "Teenage Dolls" e muitíssimos outros.

Nossos censores provavelmente morreriam apopléticos com os filmes homossexuais de Tony de Rome e Fred Halsted por melhores qualidades cinematográficas que possam ter independentemente dos seus temas e exagêros. O segundo, por exemplo, é o autor do terrível "L. A. Plays Itself" (Los Angeles brinca consigo mesma), respeitado mesmo por parte da crítica "séria" novaiorquina, que revela uma modalidade sexual chamada pelos participantes de "fist-fucking" e que consiste em alguém introduzir o braço até o cotovelo no traseiro do parceiro (no filme não há trucagens, pois é feito em plano-sequência).

Mesmo diretores de pretensões mais artísticas já usaram do "hard-score". Vide por exemplo a dupla Andy Warhol/Paul Morrissey que no excelente "Trash/Lixo"-69 mostra o travesti Holly Woodlaw se masturbando com uma garrafa (mesmo que a seqüência não tenha "closes" como nos filmes de Fred Halsted). No Brasil, o inédito "Sem Essa, Aranha"-70 de Sganzerla tem uma longa seqüência semelhante, cujos participantes são uma mulata e uma garrafa de Praianinha sob os olhares musicais do velho Luiz Gonzaga.

## Direitos individuais

Se tudo isso não parece nada agradável, convém lembrar que são o reverso dos preconceitos, pois as pessoas não nascem corruptas mas a sociedade é que as corrompe. Tudo que se faz às escondidas poderia ser melhor feito se seus participantes não fossem portadores de compulsivos complexos de culpa inculcados desde a infância.

Aliás, nos países onde a pornografia é livre ou tolerada (Escandinávia, Alemanha Ocidental, EUA e Inglaterra), mesmo os que a condenam são unânimes em reconhecer que sua liberalização coincidiu com uma queda vertiginosa dos crimes sexuais. O tarado geralmente não passa à ação depois de ver três ou quatro filmes como os acima descritos. Chama-se a isso catarse ou tratamento pela exaustão, sendo inclusive o tema de "Clockwork Orange / Laranja Mecânica"-71 de Stanley Kubrick, filme proibido no Brasil.

No Brasil e no mundo, fala-se hoje mais que nunca em direitos individuais. Seus defensores porém ainda limitam-se a enquadrá-los nos setores racial e político e, no máximo, na liberdade de informação. Muito

bem, somos todos favoráveis aos direitos individuais. Só que é preciso chegar até o fim, ampliando suas bases e incluindo não só jornalistas, negros, índios, esquerdistas, liberais, socialistas ou direitistas — mas também os individuais e inalienáveis direitos ao suicídio, aborto, divórcio, prostituição, homossexualismo, contracultura, erotismo e pornografia. Já que a sociedade é a causadora do estado lastimável em que se encontram os seguidores destas atividades, o mínimo que pode fazer é deixar-lhes em paz. Que seja proibido proibir.

JOÃO CARLOS RODRIGUES



"As quatro  
chaves mágicas", de  
A. Salvá



Villaça e Dilma:  
"Revólveres não cospem  
flores"



Villaça em  
outra cena de  
"Revólveres"

## A FILMAGEM COMO ATIVIDADE LÚDICA

**CRÍTICA - O que representa « Os Maníacos » em sua filmografia?**

ALBERTO SALVÁ - A produção e filmagem de « Morta, nua e sorridente » (meu filme anterior) foi extremamente cansativa por causa de problemas intermináveis com a produção, e jurei nunca mais ter um produtor para mandar em mim. Consegui então uma máquina de filmar, negativo e mais o material necessário. Fiz uma sociedade com Vitor di Mello mediante um orçamento ridiculamente baixo - mas, ainda assim, vantajoso para mim, e naquele princípio de não-interferência comecei a filmar devagar, durante os fins-de-semana, na casa onde estava morando, em Teresópolis.

Quem aparecia lá filmava. Os atores principais em sua maioria foram pagos ou com dinheiro ou com roupas arranjadas para o filme, mas sempre no clima da maior camaradagem. Fiz este filme com a descontração com que faria um super-8. Um filme não é uma coisa bem engraçada, e a filmagem foi realizada muito mais de acordo - principalmente após o pesadelo industrial da fita anterior - com uma idéia que tenho de filmagem como atividade lúdica. Foi uma primeira experiência, mas pretendo voltar a fazer películas assim.

**C - Quais a sinopse, ficha técnica e elenco do filme?**

AS - Classe média neurotizada está de férias. As pessoas estão descansando mas não conseguem nem por um momento se livrar de seus problemas, que carregam consigo onde estiverem.

Ficha técnica: Roteiro e fotografia: todo mundo fotografou ou inventou um pouco, mas se necessário assume Salvá; montagem de Manoel Oliveira; música; seleção de Roberto Rosemberg, balada de Joaquim Assis; direção de produção, Phidias Barbosa; assistente geral, Teresa Trautman; direção, Alberto Salvá.

No elenco figuram Sandra Barsotti, Stephan Nercessian, Dilma Lóes, Rafael Carvalho, Gracinda Freire, Moacyr Deriquém, Alberto Salvá, Teresa Trautman, Herbert Jr; Lady Francisco, Mary Neubauer, Regina Célia, Cláudio MacDo-

Espanhol de nascimento (Barcelona, 1938), Alberto Salvá se acha no Brasil desde 1952, onde começou a trabalhar em fotografia desde 1958, passando a fotografia de cinema em 1963. Desde então, fez fotografia e/ou montagem de vários filmes. Em 1966, juntamente com vários rapazes, fundou o Grupo Câmara, que realizou em 1968 o longametrage de episódios «Como vai, vai bem?» (Salvá dirigiu três episódios).

A seguir, trabalhou em outro longa de episódios, «A Cama ao alcance de todos» (1969), dirigindo uma das duas partes. Depois, dirigiu sozinho seis longametragens: «Vida e morte de um canalha», «Um Homem sem importância» (com Oduvaldo Viana Filho no papel principal), «As Sete chaves mágicas» (filme infantil), «Revólveres não cospem flores», «Morta, nua e sorridente» e «Os Maníacos». CRÍTICA apresenta neste espaço uma entrevista exclusiva do cineasta sobre os dois últimos filmes (recém-concluídos).

well, Domingos Oliveira e Lenita Ploncinsky.

### Diversão e seriedade

**C - Os papéis principais estão bem defendidos?**

AS - Não se pode dizer que alguém tenha "interpretado", no sentido comum do termo. Os atores se "divertiram". Quem conseguiu se divertir mais, está melhor. Quem tentou levar a "sério" o papel, ficou normal em um filme muito louco, e conseqüentemente ficou fora de linha. Mas isso aconteceu em pequeno grau. De um modo geral, gosto de todos os atores-colaboradores da fita.

**C - Qual a linha imprimida à fotografia, montagem e música?**

AS - A fotografia de «Os Maníacos» é assinada por mim se necessário, mas todo mundo fez câmera, todo mundo segurou as luzes. Até o meu garoto de quatro anos - numa cena em que eu e Teresa (minha mulher) éramos atores. Depois que fiz o enquadramento, ele ligou o fio da bateria e rodou uma tomada,

enquanto nós dois representávamos.

A montagem é de Manoel Oliveira, uma pessoa de quem muito gosto e com quem trabalho - em várias profissões, aliás - há 14 anos. Como é um filme constituído de 64 (sessenta e quatro, sim) histórias, qualquer coisa pode ser montada na frente ou atrás de qualquer coisa. De enlouquecer. Só sendo baiano e tendo muita paciência - duas condições que Manoel preenche perfeitamente.

A música é novamente seleção de Roberto Rosemberg (como em «Morta, nua e sorridente») e com uma balada especial de um dos meus melhores amigos, Joaquim de Assis.

**C - Em «As quatro chaves mágicas» você incursionou pelo universo infantil. Não voltará a fazê-lo?**

AS - Dos meus filmes, «As Quatro chaves mágicas» é o que mais gosto. Ao vê-lo recentemente, consegui - eu, que o fiz - aprender coisas. Deve ser importante. Mas na época em que o realizei - quatro anos atrás - eu estava num estado de namo-

ro com o mundo. Não foi difícil para mim entrar no universo infantil com uma pureza que hoje me é vedada. No momento, estou um pouco de mal com o mundo. São fases. O meu futuro filme infantil virá, e não será um filme bem comportado, porque os filmes infantis bem comportados são feitos pelos adultos para trair a causa infantil. Abaixo os adultos.

### Escrever profundo

**C - Em seus filmes usa argumentista de fora ou você mesmo se encarrega dessa função?**

AS - Para escrever um argumento destinado a filme meu, não bastaria ser um bom argumentista - e há poucos - mas também escrever com profundidade maior do que a minha, sobre temas que me interessem no momento. Todos esses requisitos são difíceis de preencher, e por isso até agora tenho escrito meus próprios roteiros. A Coruja de Ouro que ganhei, aliás, foi como roteirista de «Um homem sem importância» e «As quatro chaves mágicas». Em futuro breve estou pensando escolher um tema que me interesse e

sobre o qual eu não tenha um acesso perfeito devido à falta de dados culturais etc. e entregá-lo para alguém escrever - estou pensando seriamente em Dias Gomes, que é um sujeito que sabe ser profundo sem deixar de lado o espetáculo, e que conseguiu o impossível na TV: criar momentos («O Bem amado», p. ex.) ao nível de Garcia Márquez.

**C - Você fez uma experiência na televisão. Foi proveitosa?**

AS - Na televisão a gente perde as frescuras. É tudo muito rápido para você poder dar atenção ao "artista" que há em você. E não há tempo para errar. Tem outra coisa: em cinema, quando o filme entra em cartaz, ele já está velho para o realizador. Na TV você faz o trabalho e duas semanas depois já está no ar, assistido por 20 milhões de pessoas num prazo de um mês.

Em «Morta, nua e sorridente» trabalhei com duas câmaras rodando simultaneamente: uma na mão de Hélio Silva, outra comigo. Em vez de gastar mais filme, isso economiza e facilita muito a montagem. No futuro, quero fazer filmes assim, sem grande estrutura, "teleplays" quase, de execução rápida. Sente-se mais o pulso da obra assim, sem aquele aparato paquidérmico de cinema. Acho que o trabalho tipo TV corresponde e se adapta mais ao meu ritmo interno de criação.

### Fase heróica

**C - «Como vai, vai bem?» (filme de episódios) foi seu primeiro longa. Como o vê hoje em sua filmografia?**

AS - Foi uma fita de minha fase heróica. Adorei trabalhar em conjunto com muitas pessoas. Eram pessoas politizadas, muito jovens e idealistas. Em plena efervescência do cinema novo ninguém deu - ou quase ninguém - ao filme o mérito que ele merecia, mas como comédia de cunho popular talvez seja a melhor em muitos e muitos anos. Vi o filme recentemente. Ficou um pouco velho e está cheio de erros, mas tem ainda um grande poder de demolição, motivo pelo qual na época do lançamento feriu tantas sensibilidades embrandecidas pelo "nouvellevagismo" brasileiro.

ALBERTO SILVA

# CONSCIÊNCIA DO JOGO DO PODER

Na hora de posar para a máquina ela perdeu o ar tímido e a expressão ficou sendo a de uma profissional diante de mais um instrumento de trabalho. O apartamento, em Ipanema, tem o jeito da dona, informal, colorido, paredes cheias de lembranças – posters da Marilyn e da Billie Holiday – assim como uma caixa de surpresas onde de cada canto pula uma alegria.

Analu Prestes tem uma cara diferente, muito diferente. O sotaque, levemente carregado, faz ela se expressar claro, dá pra entender tudo o que ela diz e o que quer transmitir. Tem 23 anos, apenas. Mas já tem um passado muito vivo, tem talento, tem coragem.

Depois de viver durante três anos a noivinha de "O Casamento do Pequeno Burguês", ela se prepara para mais uma louca aventura dentro do Pão e Circo: numa adaptação e direção de Luís Antonio Martinez Correia, o grupo está ensaiando Titus Andronicus, de Shakespeare, que entra em cartaz dia 17. Os ensaios se prolongam madrugada a dentro, discute-se a alquimia e o entusiasmo de cada um e de todos. É que Analu faz questão de afirmar que "meu trabalho não é individual, eu funciono dentro de um grupo e meu sentido de coletividade é a força maior da minha interpretação".

**C – Analu, conta tua vida pra gente.**

AP – Comecei num grupo pequeno, em São Paulo, logo depois de terminar o ginásio. Eu vinha de um colégio religioso e meus projetos eram diferentes dos das outras colegas. Um dia, na escolinha de arte, perguntaram assim: "Quem quer fazer teatro"? Levantei o dedo, fui escolhida e passei a integrar o grupo. A gente encenava na casa do coordenador, o palco era embaixo da cama suspensa, a platéia era de umas trinta pessoas, tudo muito improvisado.

**C – Entre a descontração inicial do grupo e o profissionalismo, como é que foi?**

AP – Aos poucos as pessoas foram conhecendo o trabalho da gente. Até que as coisas ficaram grandes demais para aquele espaço pequeno. O grupo dispersou, cada um foi pra seu lado. Ficou difícil fazer contatos novos porque éramos pessoas muito especiais para a época, a linguagem era diferente, o modo de vida, o modo de fazer e querer as coisas. Até que surgiu a oportunidade de encenar o "Casamento" no porão do Oficina. Do porão fomos para o palco, às segundas feiras, folga do grupo. A essa altura, a essência e o caráter do Pão e Circo já estavam bem definidos e éramos anunciados pelo próprio Oficina num cartaz que dizia "Oficina apresenta Pão e Circo em O Casamento do Pequeno Burguês, de Bertold Brecht".

**C – Como é que vocês foram parar em Nancy e andarilhar com o "Casamento" pelo mundo?**

AP – Fomos convidados a participar do Festival de Teatro de Nancy, em 71. Não tínhamos dinheiro, organização, prática de administração. Foi difícil conseguir condições para via-



"Cada geração tem um curto espaço de tempo para descobrir sua missão de cumprir ou trair"

jar, mas foi bom, era o que estava faltando para a real tomada de consciência profissional do grupo. Pela primeira vez a gente se olhava e descobria que o teatro era coisa de profissional. Reunir o dinheiro e os humores de todo mundo foi um ato de heroísmo. Até leilão a gente fez. Meu pai avaliou as passagens de todo mundo, levantamos empréstimos e fomos em frente, com muitas incertezas e uma porção de dívidas pra pagar na volta. A viagem resultou na primeira grande experiência do Pão e Circo, uma sensação muito forte de estar vivendo o teatro como profissionais e, ainda por cima, encenando Brecht, na Europa.

**C – E a volta? Como foi voltar e enfrentar as dificuldades daqui?**

AP – A volta foi difícil, marcada por uma grande falta de atividades, sem qualquer perspectiva. Do grupo sobraram eu e o Luís Antonio, que é um cara que não desiste facilmente das coisas. Fui fazer cinema com Luiz Rosenberg Filho e Joaquim Pedro ("Assuntina das Amerikas" e "Guerra Conju-

gal"). Nunca tinha feito cinema e só não me atrapaihei porque os dois, como gente e como diretores, são maravilhosos. O Rosenberg é um cara que tem uma relação muito intensa com os atores e o Joaquim me deixou muito à vontade, me deixou determinar meu espaço e minha linha de ação. A essa altura eu já estava morando no Rio e surgiu novamente a chance de fazer o "Casamento", no Opinião. Outra grande experiência porque de repente a gente estava trabalhando com atores conhecidos e consagrados, a Marieta Severo e o Wilson Grey.

**C – E o "Titus"? Você pode contar um pedacinho do espetáculo?**

AP – Foi a primeira tragédia escrita por Shakespeare. Passa-se numa Roma fictícia, com personagens também fictícios, elaborada através de elementos puros: a terra, o ar, a água e o fogo. É tempo de eleições e Titus chega a Roma, que se encontra num clima de competição, de corrida ao poder, de louca ambição pela coroa. No final da evolução chega-se ao

problema: quem fica com a coroa? o branco ou o negro? Até a coroação o espetáculo passa por 12 atos, divididos em três ciclos e quatro tempos.

**C – E a essência dele, onde é o fundo do poço da tragédia?**

AP – A essência seria mais ou menos a certeza de que somente através do sofrimento as pessoas chegam à realidade. A tragédia é o caminho da consciência. E a coroa é um símbolo, um dos muitos que regem a vida das pessoas. A peça tem muito a ver com a proposição de Jung: destruir os símbolos para nascer o homem novo. Todos os personagens vão até o fundo do poço, porque é conhecendo o fundo que a gente volta à tona, mais livre, mais lúcida. É muito mais do que uma peça, é um ritual onde os mortos ressuscitam com todos os símbolos mortos em cima do homem que vai tomar o poder. Nesta hora o homem fica nu, o palco vazio e não há um único símbolo. Só se pode transformar as coisas com o outro lado do amor, o amor revolucionário, o amor ligado à consciência.

**C – E o teu personagem?**

AP – Meu personagem é muito bonito. Lavinia é a luz da consciência, sua chegada é a própria luz. É um personagem símbolo, enxerga a podridão do jogo do poder. Suas mãos e sua língua são cortadas e esse corte aumenta sua consciência. Quer transmitir o que vê mas não pode falar. E é exatamente isso que a mantém viva, para passar a mensagem. Depois disso, ela se prepara para morrer. Morre sorrindo, tranquila.

**C – "Cada geração tem um curto espaço de tempo para descobrir sua missão de cumprir ou trair". Você disse isso em "Gracias Señor". Será que é isso que a Lavinia quis transmitir?**

AP – Talvez. Lavinia é o símbolo da nossa geração, que não pode falar e sofre porque não pode falar. Mas quanto mais ela sofre, mais consciente fica. É por isso que ela morre em paz. E porque, como diz o personagem Lúcius, "quem morre por amor vive eternamente".

LILIAN NEWLANDS

(Foto Marta Viana)

# OS BONS SONS DA TERRA

Um dos bons lançamentos de 1975 na área da mpb é o disco "Cadernos de Viagem" que a Continental está distribuindo. Luiz Carlos Sá, Gutemberg Guarabyra e Marisa Fossa trazem de volta ao mundo do disco os sons da terra. Uma terra brasileira, com muitas boas notas e que mostra que, mesmo sem rótulos, existe muita música boa para ser feita. Falta apenas talento em algumas áreas.

O disco nasceu de uma viagem que Sá e Guarabyra, logo após ser desfeito o trio que incluía Zé Rodrix, fizeram pelos sertões da Bahia, nas ribeiras do São Francisco, Minas Gerais e Goiás. Guarabyra é da região, nascido na Bahia, enquanto Sá, carioca da Tijuca, depois de militar no jornalismo, fez sua opção pela música. Mas isto já faz "quase muito" tempo, o que não impede uma revista carioca de fazer referência aos dois como "novos valores da mpb".

Quando em 1972 Luiz Carlos Sá, Gutemberg Guarabyra e mais um músico fizeram temporada no Teatro Opinião (Rio), no convite eles perguntavam se o que faziam era "rock rural", "música progressiva", ou simplesmente "música". Agora com o novo disco a resposta é direta e sem rodeios: música e da melhor qualidade. Mostrando o ta-

lento de excelentes compositores, mais uma refinada habilidade instrumental, a dupla consegue garantir um som de primeira qualidade, com letras bem brasileiras, e o que é melhor, sem aquele estrelismo que marcava um ex-integrante do grupo.

De todos os muitos méritos de "Caderno de Viagem", o maior talvez seja a demonstração definitiva da existência de um clima perfeitamente possível de coexistência entre as tais raízes e a tecnologia. Afinal em suas viagens pelos sertões do Brasil, a dupla usa um carro, embora o Tinhorão ache mais "autêntico" o lombo de burro.

Registro também deve ser feito ao tratamento técnico do disco, que foi produzido por Rogério Drupatt, bem como aos cuidados gráficos que cercaram a elaboração da capa. É aquela

velha história: com talento a criatividade encontra lugar, "mas o que que eu posso fazer se inventaram o mundo só pra me dá prazer?" (cf. Zé Trindade in O Espigão).

Não há uma só faixa no disco "Caderno de Viagem" que possa ser considerada pior. O disco é todo linear em talento. Sem altos e baixos. Sem vedetismo. Talento na dose certa. E a dupla foi bastante feliz ao convocar Marisa Fossa para compor o trio. Resta apenas esperar que este fique, porque o mercado de trilhas sonoras de novela já está saturado.

Sá, Marisa e Guarabyra terminaram sua temporada carioca e estão partindo para Porto Alegre, onde farão apresentações na reitoria da PUC. Depois será a vez de Salvador (Teatro Vila Velha) e Belo Horizonte (Teatro Marília).

## Discos que estão pintando.

Enquanto o filme não vem, a Continental promete o lançamento do disco com a trilha sonora do discutido filme "Emanuele", em sua versão original (a que está em exibição em São Paulo é fajuta). Ainda para seu próximo suplemento a gravadora promete o disco de Fagner, o rapaz do Ceará.

A Phonogram deve estar soltando nestes dias o álbum com Jorge Ben e Gilberto Gil. E por falar no baiano, um bom lançamento é o Lp "MPB Espetacular" da RCA. O disco é bom para quem não conhece a primeira fase dos baianos: Gil,

Caetano, Bethânia. O Lp é uma remontagem de antigas matrizes (foi na RCA que os baianos começaram). Também no disco Geraldo Vandré em "Disparada". Nada de espetacular como sugere o título, mas um bom disco documental. Só isso.

Outro disco que está pintando é o compacto de Piry (Som Livre) com "Três cruzeiros" e "Herói moderno". Ainda pela Som Livre vem aí o disco com a trilha sonora de "Gabriela". Deverá ser um dos mais importantes do ano. Músicas de Dorival Caymmi, Nelson Motta, Suely Costa e outros.

## Sombras em discos

brasileira, mas também para dotar a entidade de um fundo de reserva para as despesas, que são muitas.

A propósito da entidade, vale lembrar que sua designação é Sombras, e não Sombrás, uma vez que o sufixo brás é reserva-

Já na Odeon a grande promessa são duas: disco de Egberto Gismonti ("Academia de Danças") e o primeiro Lp de Suely Costa. O disco da compositora está sendo produzido por Gonzaguinha num ambiente de completo descontraimento.

Dos lançamentos já nas lojas, o destaque é para o primeiro disco dos "Cantores do Rádio". Que ninguém se deixe enganar pela imagem do trio, pois as músicas são excelentes. Destaque para as letras. Prestem atenção e digam depois.

do ao governo federal. Sua diretoria já estruturou um setor de informação, a cargo de Gute Guarabyra. Esperamos que agora as notas de ex-compositores com fins não exatamente claros, não fiquem sem resposta.

## Circuito colegial: Uma saída?

Na luta pela descoberta de caminhos profissionais e economicamente viáveis para novos mercados, acabamos de ter conhecimento do primeiro Circuito colegial. A jogada é simples: como a garotada em idade de

televisão ainda não deve ter assimilado todos os vícios que tomam conta das coisas por aí, um grupo de músicos resolveu partir para uma série de apresentações em colégios. É o circuito colegial. Começando aqui no Rio e depois no interior. Para

dar à transa o aspecto formal necessário, foi fundada a Tropikom Produções. A idéia é boa e já recebeu apoio do Tarik. Agora vai o nosso daqui.

ANTÔNIO OSEAS



Sá, Marisa e Guarabyra: os sertões do Brasil numa música quente

# SAIU!

ex-

ZONA, JOGO DO BICHO, CIA.  
ERICH FROMM GARCIA MARQUEZ  
GIL GOMES CARROLL

DEZ NÚMEROS DE VIDA INDEPENDENTE



Quantos gatos, por aí...

A minha mulher já foi gato. Quando menina, lá no Ceará, ela se meteu num concurso. Ganhou mas não podia levar. Não tinha a idade regulamentar para o ingresso no vastíssimo exército do funcionalismo público. Acontece que meu irmão, era troço na ocasião. Deu um jeito e minha mulher, ingressou instantaneamente na maioridade. Quer dizer, a menina que mais tarde viria a ser minha mulher, avançou no tempo, por um passe de mágica. O que houve foi muito simples. Deram um jeitinho. Arranjaram uma outra certidão de nascimento para a menina Nivea.

Os gatos andam soltos por aí.

Conheço uma senhora que, tempos atrás, dizia-se um tanto ou quanto alarmada. Na base da gozação, ela contava que estava ameaçada de retornar ao útero materno. Beirava então os vinte e dois anos. Se dessem uma batida na família ela iria ficar apenas com dois anos. É que sua irmã mais velha teve necessidade de alterar a idade. Para não perder a viagem diminuiu logo vinte anos. Se ela resolvesse mexer novamente em sua certidão, a irmã iria desaparecer do mapa.

### Gatos que jogam bola

No futebol brasileiro tem muito mais gatos que nos telhados suburbanos, em noite de luar. Se se proceder a uma perícia nos plantéis juvenis dos clubes de futebol, como vai aparecer gato... Com meus 50 anos de futebol só conheci um juvenil que eu posso garantir que não era gato. Era o Juvenil, ponta-esquerda da Tuna Luso, lá em Belém. Ele tinha 26 anos quando eu o conheci e era profissional.

Pelos outros juvenis que andam por aí, eu não meto a mão no fogo. Podem sacudir o galho. Não apenas no futebol. Em qualquer outra atividade. O chão ficará coalhado de gatos. Gato nunca fez mal a ninguém. Esse tipo de gato, não ronrona, nem arranha. O mais que um gato desses pode fazer é arrancar dois pontinhos do seu time.

Acontece que é muito fácil fabricar um gato. Atestado de óbito ou certidão de nascimento, não é segredo para um bando de desocupados que existe por aí. É a maior barbada deste mundo, arranjar para alguém ser mais novo do que é.

O gato é uma instituição nacional. É fácil de ser feito. E, via de regra, sem marola alguma. Aí vieram os de Minas Gerais e complicaram. Inventaram um processo novo de fabricar gato. Perigosíssimo e que está dando um galho daqueles.

Tratava-se de fazer com que o rapaz Ananias Barroso, bom de bola, continuasse a defender as cores do Cruzeiro, pelo time dos juvenis. Os doutores do Cruzeiro, em lugar de fazer como todo mundo faz, meteram-se em altas cavalariças. Não se contentaram em arranjar, simplesmente, uma nova certidão de nascimento para o Ananias. Não, voaram mais alto. Decidiram transmutar o Ananias em Luis Fábio. Quer dizer, a partir de certa data, nove anos atrás, Ananias Barroso passou a se assinar Luis Fábio da Silva. Só que o Luis Fábio da Silva existia e era amigo do Ananias.

A marmota vingou e veio rolando. Não há mal que sempre dure e nem bem que nunca se acabe. O verdadeiro Luis Fábio não era ruim de todo, em matéria de futebol. E tanto andou de chuteiras nas mãos, pelos clubes mineiros, que acabou en-

# QUEM VAI PAGAR O PATO PELO GATO?

Há nove anos atrás os caçadores de talentos futebolísticos do Cruzeiro de Belo Horizonte, descobriram dois meninos nos subúrbios da capital mineira, que pareciam bons de bola e os levaram para o clube. Ananias Barroso foi aproveitado e Luis Fábio dispensado. O Luis Fábio ficou por aí a jogar suas peladas até que descobriram que ele também era bom de bola. Quando, porém, foram registrá-lo na federação, eis que descobriram que ele já era jogador do Cruzeiro há nove anos. Ele ou alguém por ele. Haviam transformado o Ananias em Luis Fábio. Um gato como outros tantos que nosso futebol fabrica. Desta vez querem enfiar o gato na tuba.

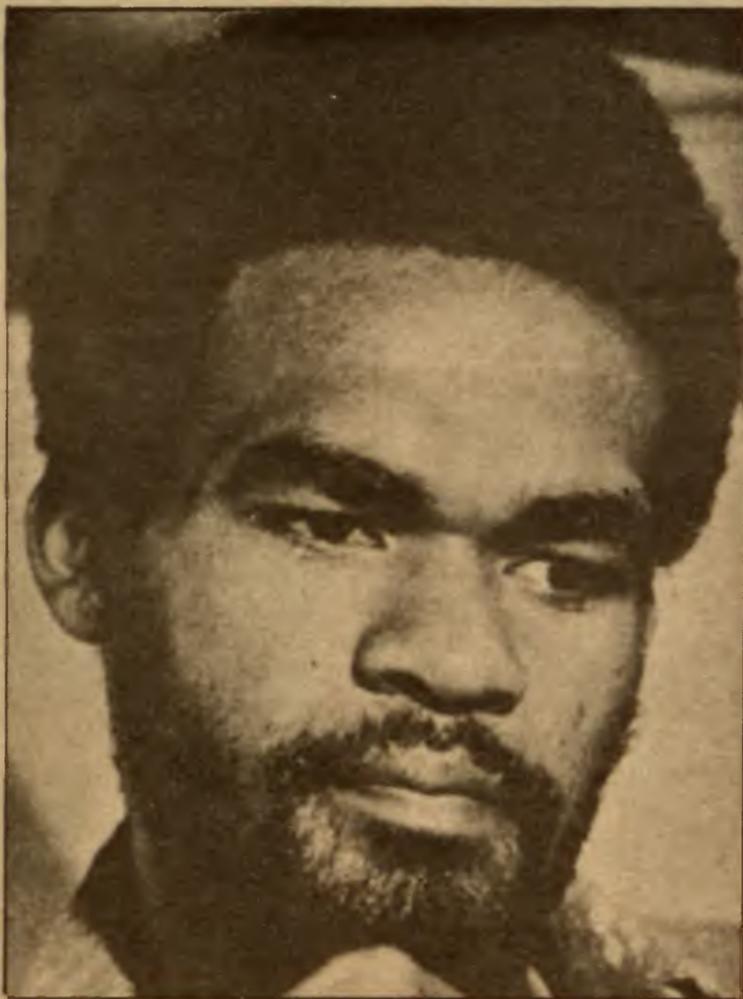
contrando quem o quizesse. Quando seu contrato chegou à Federação Mineira, deu-se a melódia. Havia lá, registrado pelo Cruzeiro, um Luis Fábio. Um outro Luis Fábio. Não interessa saber se houve chantagem

ou não, o que interessa aqui é situar o delito de Ananias.

### Onde está a gata?

Jamais surgiu um gato na face da terra, que não tivesse

vindo do ventre de uma gata. Se há um gato, alguém o deve ter concebido. Imaginem só, um rapazola, ilustre desconhecido, arranjando uma certidão falsa ou mudando de identidade. Não dá pé... O gato é fabricado por



Luis Fábio - Ananias:  
um método complicadíssimo e perigoso  
de fabricar gato



O verdadeiro: andou  
tanto de chuteiras na mão que  
acabou complicando o Cruzeiro

algum maceteiro, com prestígio no meio ambiente.

O Ananias entrou numa fria. Não por suas próprias pernas, embora elas tenham sido o móvel do crime. O rapaz era bom de bola, mas não o suficiente para subir de categoria. Convinha ao clube aguentar com ele nos juvenis, até criar mais corpo ou mais jogo, que importa? Deram-lhe o elixir da juventude. Alguém, no Cruzeiro, fez isso. Alguém de peso no clube. Quem era o humilde jogador juvenil Ananias para proceder a uma mágica daquela importância? Um jovem, vindo dos subúrbios de Belo Horizonte, não poderia realizar tal proeza, sozinho.

A cada gato, deve corresponder uma gata. Ou seja, alguém que o concebeu. Quem teria transmutado Ananias em Luis Fábio?

### Eu acuso

Quando um time se sagra campeão, cá pelos nossos braços, tornam-se automaticamente campeões, os treinadores, os médicos, os massagistas, os roupeiros e há até locutores esportivos que metem lá sua faixa. Se não me falha a memória, São Judas Tadeu já recebeu uma faixa, entregue ao padre Gois, por haver ajudado o Flamengo a conquistar um título.

O diretor de futebol do clube, também entra nessa, futebol é com ele. Logo se o clube foi campeão, ele tem direito a se intitular campeão, pois não é ele quem contrata e destrata? No assunto futebol é ele quem dá cartas e joga de mão. Resolva qualquer pagode.

Então, bolas, quem é responsável pela fraude Ananias? A lavadeira do clube? O porteiro? Ou seria o chofer do ônibus que leva os jogadores para cá e para lá?

O responsável é o diretor de futebol, atenda ele pelo nome de Carmino ou de Furlentino, não interessa. Quem mandava no futebol do Cruzeiro quando se deu a transmutação? Aí está o culpado.

O responsável pela vitória de Austerlitz foi o mesmo que a história aponta como culpado da derrota de Waterloo.

O responsável pelo caso Ananias é o comandante do futebol do Cruzeiro. Dessa ninguém escapa. Quem vendeu Tostão ao Vasco, deve ser o mesmo que fez do Ananias, Luis Fábio. Não interessa saber se foi do próprio punho, não. O que entra em causa é a responsabilidade funcional.

Quem é o responsável pelo futebol do Cruzeiro? O futebol engloba do dente de leite ao veterano. Tudo, tudo deve ser da responsabilidade do Departamento de Futebol. Se houve um gato no Departamento de Juvenis do Cruzeiro, o responsável é o diretor de futebol do Cruzeiro. Ou ele participou da falcatura ou a coisa aconteceu à sua revelia, mas com sua responsabilidade.

Se prenderem o Ananias têm que prender o diretor do futebol do Cruzeiro, também. Aí por fora, nas repartições públicas e similares, quando a coisa funciona redondo, o chefe é elogiado e até chega a receber medalha. Mas ele também é responsabilizado por qualquer falcatura que aconteça em sua gestão. Ou ele descobre quem fez ou então é ele quem paga o pato. Ou o gato, se for o caso.

PEDRO ZAMORA

